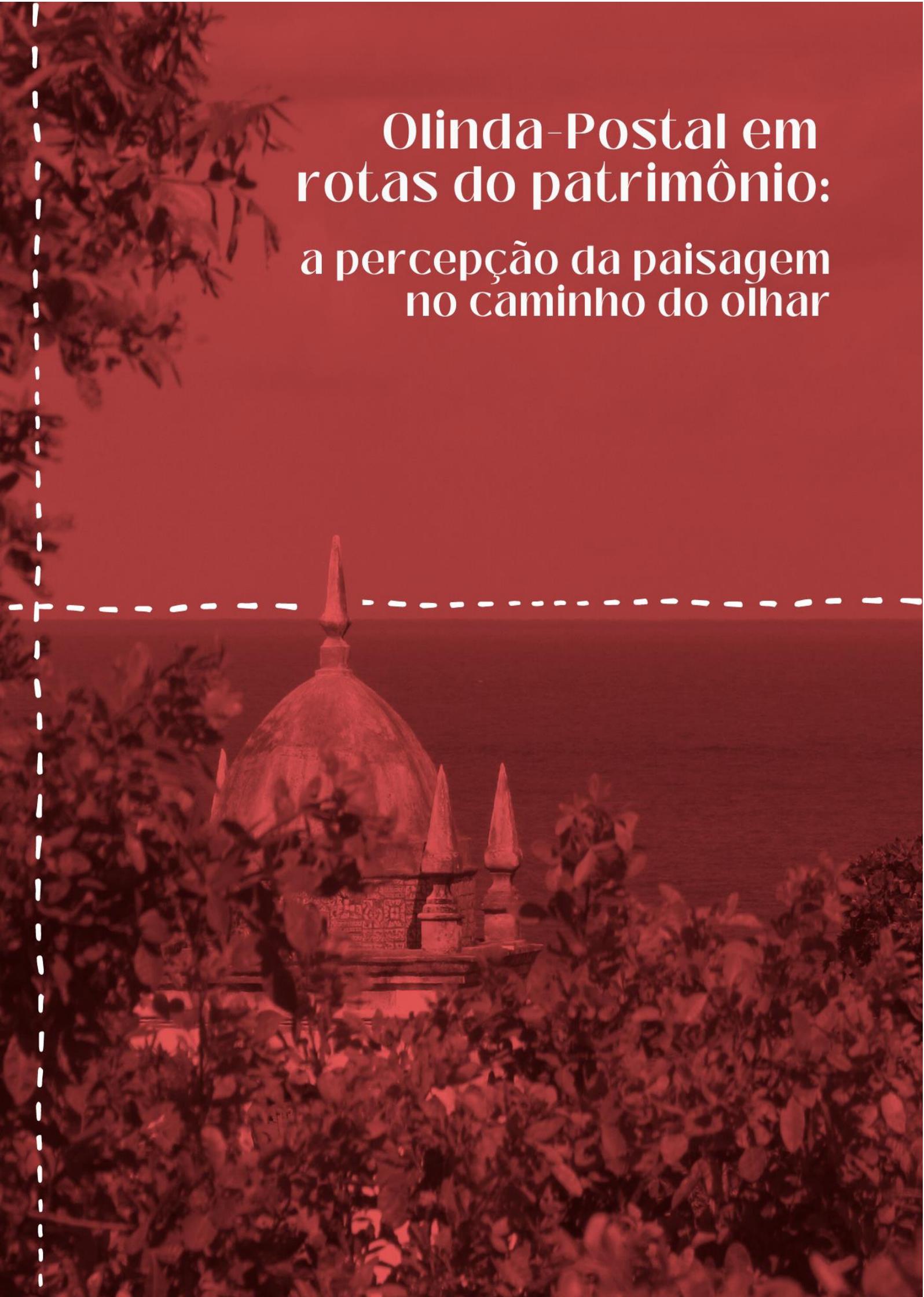


**Olinda-Postal em
rotas do patrimônio:
a percepção da paisagem
no caminho do olhar**



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO DE ARTES E COMUNICAÇÃO
DEPARTAMENTO DE ARQUITETURA E URBANISMO**

DANIELA VIEIRA FRANCELINO

**OLINDA-POSTAL EM ROTAS DO PATRIMÔNIO:
A PERCEPÇÃO DA PAISAGEM NO CAMINHO DO OLHAR**

RECIFE

2024

DANIELA VIEIRA FRANCELINO

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,
através do programa de geração automática do SIB/UFPE

Francelino, Daniela Vieira.

Olinda-postal em rotas do patrimônio: a percepção da paisagem no caminho do
olhar / Daniela Vieira Francelino. - Recife, 2024.

139 p. : il., tab.

Orientador(a): Lúcia Maria de Siqueira Cavalcanti Veras

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade Federal de
Pernambuco, Centro de Artes e Comunicação, Arquitetura e Urbanismo -
Bacharelado, 2024.

Inclui referências.

1. Paisagem. 2. Paisagem histórica. 3. Percepção de paisagem. 4. Conservação
patrimonial. 5. Sítio Histórico de Olinda. I. Veras, Lúcia Maria de Siqueira
Cavalcanti. (Orientação). II. Título.

720 CDD (22.ed.)

**OLINDA-POSTAL EM ROTAS DO PATRIMÔNIO:
A PERCEPÇÃO DA PAISAGEM NO CAMINHO DO OLHAR**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Pernambuco, como requisito à obtenção do título de Bacharel em Arquitetura e Urbanismo, sob orientação da Prof.^a Lúcia Maria S. C. Veras.

Aprovado em: ___/___/_____.

BANCA EXAMINADORA

Prof.^ª. Dra. Lúcia Maria de Siqueira Cavalcanti Veras (Orientadora)
Universidade Federal de Pernambuco

Prof.^º. Dr. Joelmir Marques da Silva (Examinador Interno)
Universidade Federal de Pernambuco

Arquiteta e Urbanista, Ma. Patrícia Pedrosa (Examinadora Externa)
Prefeitura de Olinda

AGRADECIMENTOS

À minha família: Mainha, Painho e Juli. Ao meu “amô”: Renata. Ao meu CH: Alice, Bia, Clara, Laís, Lila, Malu e Pri. Ao meu GE08: Ali, Bia, Lucas e Mari. E por fim, à minha orientadora: Lúcia.

É impossível para mim colocar em palavras o quanto cada um de vocês representa. Citar cada conversa, silêncio, contribuição, apoio e tantas coisas mais não faria justiça ao quanto cada um de vocês é essencial. Este trabalho não teria sido possível sem vocês — sua presença, incentivo e confiança me deram forças nos momentos mais desafiadores e me mostraram o caminho até aqui. Meus agradecimentos se estendem muito além das palavras, pelo meu orgulho de ser cercada por todos vocês e pela certeza de que sem cada um, essa conquista jamais se concretizaria. Muito, muito obrigada.

Mais do que isso, é uma paisagem, a que se vê dos altos de Olinda, que o próprio homem completa. Pelas ladeiras, meninos empinando papagaios. Mulheres de encarnado apanhando gravetos. Homens pescando pelos mangues. Negros velhos pegando caranguejo pela lama também preta. Frades franciscanos a caminho do convento. E cada figura dessas, em vez de uma intrusão, parece tão necessária à paisagem quanto as igrejas, as casas, as jangadas, os coqueiros, os cajueiros, as águas, as barcaças.

(FREYRE, 1980, p.9)

RESUMO

Compreendendo a importância da paisagem para a conservação do Sítio Histórico de Olinda, Patrimônio Mundial da UNESCO, este trabalho explora possibilidades de percepção de paisagem a partir dos estudos de Simmel, Berque, Besse, Collot, Cullen, Careri e Veras, que ajudaram a definir o *olhar* e o *caminhar* como estratégias de apreensão de Olinda patrimonial. Ao *olhar*, associa-se a necessidade de se definir *pausas* e ao *caminhar*, associa-se a identificação de um *percurso*, fechando o circuito de uma *Rota Patrimonial de Olinda-postal* composta de *pausas* e *percurso*. Para isso, foi desenvolvida uma análise que conecta experiências visuais e percursos históricos da cidade, a partir do levantamento de representações iconográficas do século XVI ao XXI e um breve estudo a respeito dos roteiros turísticos, religiosos e carnavalescos existentes na cidade. Isso possibilitou a estruturação de um questionário aplicado a um conjunto de 20 pessoas, composto por guias turísticos, profissionais de preservação, moradores do SHO e visitantes ocasionais, adotando-se análise de conteúdo para análise dessas entrevistas. Assim, com os estudos teóricos, os levantamentos de imagens históricas, as caminhadas de exploração da paisagem e a ausculta da população, consolidou-se a definição de uma rota do patrimônio, como um caminho do olhar que identifica pontos de pausa e sugere um percurso que revela a essência da paisagem de Olinda, estimulando uma conscientização mais profunda para sua preservação. A pesquisa busca, assim, oferecer uma contribuição teórica e prática à conservação do Sítio Histórico de Olinda, propondo como estratégia a definição de um procedimento metodológico para definição de um dos roteiros possíveis de exploração de Olinda patrimonial. Dessa forma, espera-se que o resultado contribua para práticas de gestão mais eficazes e uma maior conscientização da população sobre a importância da conservação da paisagem patrimonial do Sítio Histórico de Olinda, tendo o olhar como um instrumento de percepção, vivência, educação e valorização do patrimônio.

Palavras-chave: paisagem, paisagem histórica, percepção de paisagem, conservação patrimonial, Sítio Histórico de Olinda.

ABSTRACT

Understanding the importance of landscape for the conservation of the Historic Centre of the Town of Olinda, a UNESCO World Heritage Site, this work explores possibilities for perceiving the landscape through the studies of Simmel, Berque, Besse, Collot, Cullen, Careri, and Veras, which helped define 'looking' and 'walking' as strategies for apprehending Olinda's heritage. 'Looking' is associated with defining pauses, while 'walking' is linked to identifying a route, thus completing the framework of a Heritage Route of 'postcard-Olinda' composed of pauses and pathways. For this purpose, an analysis was developed that connects visual experiences with historical routes in the city, based on the survey of iconographic representations from the 16th to the 21st century, along with a brief study of the city's existing tourist, religious, and carnival routes. This allowed for the structuring of a questionnaire applied to a group of 20 people, including tour guides, preservation professionals, residents of the Historic Site, and occasional visitors, with content analysis used to examine these interviews. Consequently, through theoretical studies, historical image surveys, exploratory landscape walks, and public input, a heritage route definition was consolidated, forming a 'pathway of looking' that identifies pause points and suggests a route that reveals the essence of Olinda's landscape, encouraging deeper awareness for its preservation. Thus, this research seeks to provide a theoretical and practical contribution to the conservation of the Historic Centre of the Town of Olinda, proposing a methodological procedure to outline one of the possible heritage exploration routes of Olinda. It is hoped that the results will contribute to more effective management practices and greater public awareness of the importance of preserving the patrimonial landscape of the Historic Centre of the Town of Olinda, employing 'looking' as a tool for perception, experience, education, and heritage appreciation.

Keywords: landscape, historic landscape, landscape perception, heritage conservation, Historic Centre of the Town of Olinda.

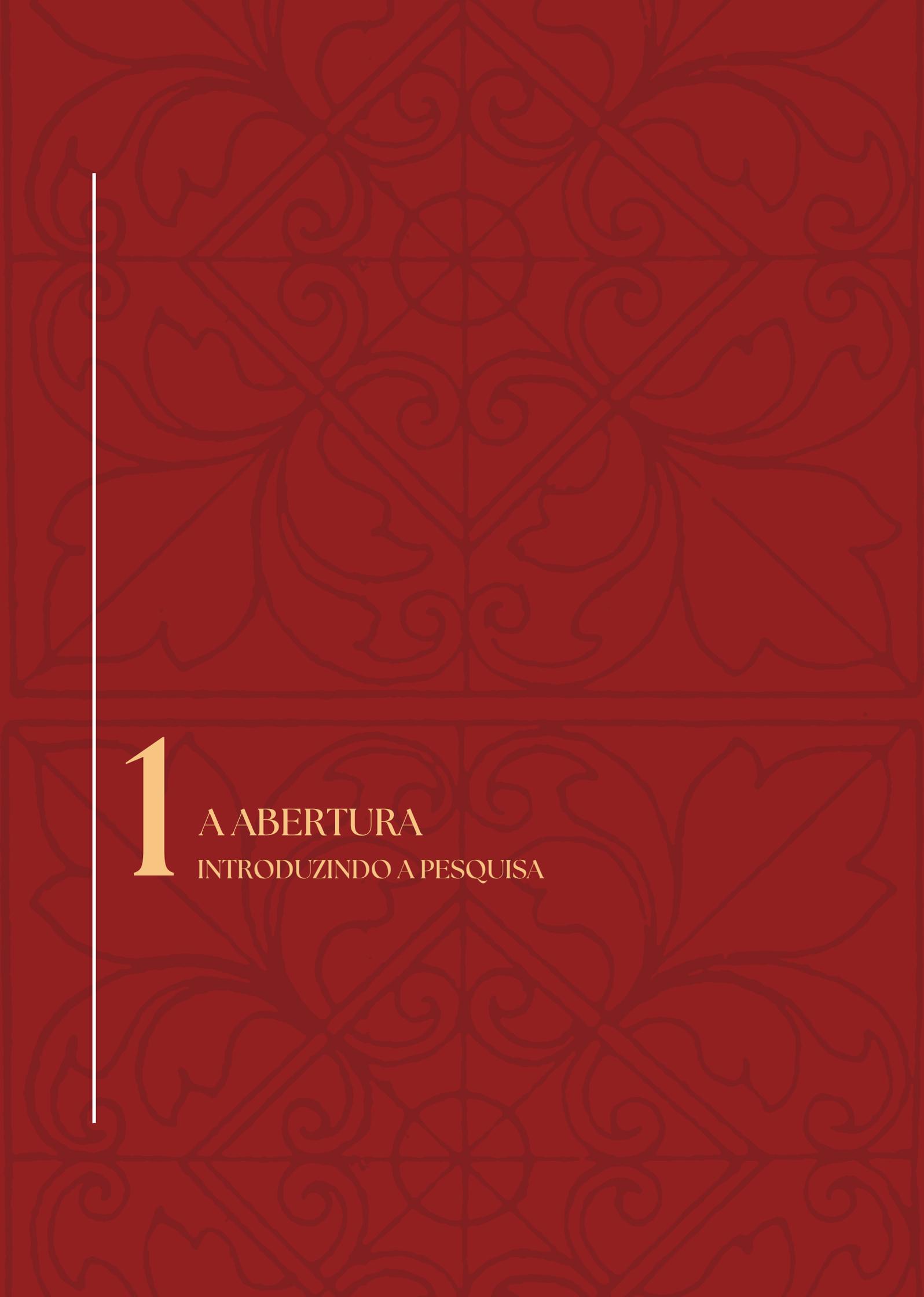
SUMÁRIO

UMA PAUSA ANTES DO PERCURSO	9
1 A ABERTURA – INTRODUZINDO A PESQUISA	10
2 OS CONCEITOS – A PAISAGEM COMO CATEGORIA	14
2.1 Entendendo a paisagem	15
2.1.1 A paisagem em pausas: a imagem e o olhar.....	17
2.1.2 A paisagem em percursos: a experiência no caminhar	23
2.2 A paisagem na valorização do patrimônio da UNESCO	25
2.3 Pausas e percursos: a paisagem como ferramenta de proteção patrimonial	32
3 O OBJETO – “OLINDA, COFRE SUBLIME”	34
3.1 A paisagem como condicionante no processo de tombamento do Sítio Histórico de Olinda.....	36
3.2 O registro do olhar sobre as vistas históricas de Olinda patrimônio	44
4 O MÉTODO – UMA ABORDAGEM PELO OLHAR E PELA EXPERIÊNCIA	48
4.1 Definindo imagens de Olinda-postal	50
4.2 Identificando rotas existentes: religiosa, carnavalesca e turística	59
4.3 Construindo a entrevista	68
4.3.1 Perfis de amostragem.....	69
4.3.2 Definição das questões: verticais e horizontais	71
4.4 O rebatimento espacial dos olhares na definição “das rotas do patrimônio”	74
5 A PROPOSTA – CRIANDO A ROTA DO CAMINHO DO OLHAR EM OLINDA-POSTAL.....	75
5.1 Abrindo as entrevistas.....	76
5.2 A Rota do Patrimônio de Olinda-postal.....	85
5.2.1 Parte AB – Intervalo da Praça do Carmo ao Largo do Amparo.....	91
5.2.2 Parte BC – Intervalo do Largo do Amparo à Rua do Bonfim.....	105
5.2.3 Parte CD – Intervalo da Rua do Bonfim ao Varadouro	118
5.3 Outros lugares de relevância.....	130
6 O FECHAMENTO – EXPECTATIVAS FUTURAS	133
REFERÊNCIAS	137

UMA PAUSA ANTES DO PERCURSO

Escrever nunca foi uma tarefa fácil para mim. Nunca me considerei a melhor escritora, nem pensava em seguir o caminho da pesquisa, mas descobri que assim como a paisagem que se revela aos poucos, a vida também vai se transformando. Durante o meu segundo ano no curso de Arquitetura e Urbanismo da UFPE, fui introduzida ao estudo da paisagem e comecei a enxergar o quanto esse conceito era essencial para compreender o espaço em que vivemos. Assim, sob a orientação da professora Lúcia Veras, tive a oportunidade de trilhar o caminho da pesquisa por três anos, através do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC), no estudo da paisagem patrimonial de “Olinda-postal”. Foi também nesse período que tive a chance de realizar um intercâmbio na Universidade do Algarve, em Portugal, onde o estudo do paisagismo e patrimônio cultural ampliou ainda mais minhas perspectivas. Lá, ao caminhar pelas cidades portuguesas, surgiu a pergunta: por que as pessoas viajam milhares de quilômetros para admirar patrimônios distantes, mas muitas vezes não enxergam o valor daquele que está em sua própria cidade?

Essa reflexão me fez retornar à minha pesquisa com o propósito renovado: mostrar as potencialidades de Olinda e revelar sua magia tanto aos visitantes quanto àqueles que já conhecem aquele lugar. Em minha própria experiência, a cada visita ao Sítio Histórico, mais me encantava com a cidade e com seus moradores e fui me deixando afetar pelas paisagens, pelos encontros, pelas histórias contadas e não contadas. Assim, a partir dessa vivência e do meu processo de pesquisa, surgiu a proposta que constitui o cerne deste trabalho: a criação de uma *Rota Patrimonial para Olinda*, com o objetivo de ampliar a percepção do espaço através da paisagem e sensibilizar a população para a importância de seu patrimônio, fechando assim um ciclo de aprendizagem como pesquisadora na graduação, sendo conduzida pela paisagem como categoria de reflexão para se pensar as cidades. Ao concluir a minha graduação em Arquitetura e Urbanismo, espero que minha pesquisa também seja uma pausa que poderá anteceder futuras caminhadas acadêmicas. Assim, inicio o percurso para Olinda, cidade que para mim é vermelha, da cor do sangue, do calor, das telhas de barro, dos confetes e da paixão.



1

A ABERTURA

INTRODUZINDO A PESQUISA

A *paisagem* é polissêmica. Como é campo de estudos de várias áreas de conhecimento, há diversas formas de defini-la. Como afirma Besse, “é um objeto não apenas para o paisagista, o arquiteto ou o jardineiro, mas também para a sociologia, a antropologia, a geografia, a ecologia, a teoria literária, a filosofia, etc.” (2014, p.11). De uma maneira geral, quando se fala em paisagem, muitos pensam em uma montanha, em um bosque, em cenários onde predomina a presença de elementos da natureza, ou mesmo em vistas de uma cidade. Associá-la àquilo que é visto, está na origem do conceito no Ocidente, quando surge no século XIV na pintura do Renascimento (BERQUE, 2012). A arte, que privilegia o olhar, é uma importante forma de entender a paisagem. Além da arte, outras formas são apontadas por Jean-Marc Besse (2014), como a paisagem entendida pela cultura, pela experiência sensível, pelo sistema que conecta diversos elementos da natureza ou pelos que trabalham com a paisagem pelo projeto. A essas cinco formas de entender a paisagem, Besse chama de “portas” (2014, p.12), porque nos permitem diferentes concepções e superposições.

A complexidade de abordagens nos mostra a dificuldade em consolidar um termo fixo para definir a paisagem, exigindo escolhas que possam nos ajudar a explorá-la por determinados aspectos que revelem suas especificidades. Nesse sentido, a presente pesquisa explorará um entendimento de paisagem a partir do objeto de estudos – a cidade de Olinda –, que nos levou a entendê-la por duas abordagens: a paisagem como imagem permitida pela *pausa*, através do olhar e a paisagem como *percurso*, pela experiência do caminhar. À imagem que vem do olhar, podemos associar ao que Besse (2014) explora pela arte e a paisagem apreendida pelo caminhar, podemos associar ao que Besse explora pela experiência sensível do corpo que se desloca na cidade.

Desse modo, ao trabalhar a paisagem através do olhar, ela é apresentada como um conceito estático e emocional, conectado à percepção visual e à experiência do observador. É, portanto, “por essência, uma expressão humana, um discurso, uma imagem, seja ela individual ou coletiva, seja ela encarnada numa tela, em papel ou no solo” (BESSE, 2014, p. 14). E assim, entende-se que ao ser representada pictoricamente, a paisagem é conscientemente recortada e enquadrada, de forma a unir arte e natureza, reveladas através dos pontos de vista que constroem partes componentes de um conjunto e une a essa compreensão do conjunto, o sujeito que observa a paisagem observada (COLLOT, 2012).

Essas reflexões surgem do objeto a ser explorado, a cidade de Olinda, no topo de uma colina com exuberantes vistas para o mar, cuja implantação nos permite apreciar inúmeras possibilidades de visadas para a paisagem. Logo, debate-se sobre como proporcionar uma reflexão da população sobre e como apontar por um percurso e por pausas nesse percurso, espaços que possibilitem essa experiência, ressaltando aquilo que estamos denominando de "balcões de mirada", como espaços arquitetônicos que permitem a *pausa* para contemplação de uma vista. Assim, entende-se o olhar como uma ferramenta de percepção paisagística, como algo que evoca a conscientização do sujeito que observa.

Por outro lado, trabalhar através da experiência do caminhar é entender que esse caminhar não é apenas um movimento físico, mas também um meio de apreensão sensível da paisagem, que Besse chama de “experiência sensível” (2014) e que ajuda a compreender o lugar em seus aspectos dinâmicos, proporcionando diferentes emoções e sensações que conectam o sujeito ao espaço. Através dos entendimentos de Besse, Careri e Cullen, se defende a ideia de, ao caminhar as pessoas experimentam o ambiente de forma profunda, sendo guiadas pela paisagem, pelas sensações corporais e visuais. Portanto, percorrer uma cidade é uma forma de intervenção urbana, onde o percurso desperta no caminhante uma apreensão mais íntima e atenta, permitindo que o sujeito perceba elementos que poderiam passar despercebidos apenas pelo olhar. Portanto, o caminhar não é apenas uma travessia, mas um ato de transformação da percepção, uma prática de subversão e de ressignificação dos espaços que envolve tanto o corpo quanto a mente em uma conexão direta com o ambiente ao redor (CARERI, 2009).

Além da excepcionalidade da implantação da cidade de Olinda, que proporciona belas vistas sobre a cidade e para o mar, o presente trabalho também lida com o fato dessa paisagem especial ser parte do patrimônio histórico reconhecido pela UNESCO como patrimônio mundial e que constitui o Sítio Histórico de Olinda. Assim, também é preciso entender que a paisagem foi um dos critérios utilizados pelas instituições de conservação patrimonial para a conquista do título de Patrimônio Mundial e nesse sentido, de forma global, se insere essa preocupação nesses estudos, entendendo que para a sua conservação, a ausculta à população é um importante instrumento no processo de salvaguarda do patrimônio.

No percurso do movimento e das pausas, toma-se como apoio para compreendê-lo, os estudos e categorias de análise da paisagem urbana de Gordon Cullen (2018), que considera o

deslocamento da visão serial, o local de apreensão da paisagem e as sensações e estrutura capturadas pelo olhar.

Por fim, unindo todos os conhecimentos, se debate a possibilidade de utilizar a percepção da paisagem para a definição do desenho de uma rota patrimonial composta por *pausas e percursos* para a conservação de Olinda-postal como patrimônio, sendo essa a temática central da pesquisa.

Portanto, a pesquisa se compõe de cinco capítulos. O capítulo um examina as definições de paisagem que sustentam a pesquisa, estabelecendo as formas de percepção a serem trabalhadas, com foco nos conceitos de pausa e percurso, compreendidos por meio do olhar e do caminhar. O capítulo dois revelará o objeto de estudo: o Sítio Histórico de Olinda. A análise da cidade será realizada sob os conceitos de paisagem definidos, investigando como essas noções são concretizadas durante o processo de tombamento, e por meio de um estudo sobre as iconografias históricas da cidade. Já no capítulo três, trata-se da metodologia utilizada para construção da proposta, analisando as dinâmicas já existentes em Olinda, para então estruturar um questionário a ser aplicado ao público-alvo definido. Em seguida, o capítulo quatro apresentará a análise dos resultados das entrevistas, em correspondência com o conhecimento teórico obtido, para auxiliar na construção de uma rota do patrimônio. A proposta será compreendida através das categorias e exercícios de visão serial definidos por Gordon Cullen, tentando abarcar as percepções obtidas sobre o patrimônio da cidade. Por fim, o capítulo cinco conclui o estudo declarando as considerações finais e as expectativas futuras da pesquisa.

2

OS CONCEITOS A PAISAGEM COMO CATEGORIA

A paisagem... não há dúvida que é uma palavra que ouvimos muitas vezes, uma palavra que podemos dizer que conhecemos..., mas saberíamos responder à pergunta “O que é uma paisagem?” Ainda que pareça fácil não é. Porém, não há dia em que não nos relacionamos com ela. [...] Paremos um instante a observar e a reflectir sobre o que temos diante de nós. Tudo isso é a paisagem!

(DI MAIO; BERENGO, 2011, p.03)

Existem múltiplas formas de compreender a paisagem, e este capítulo explora as definições que fundamentam esta pesquisa, com ênfase nos estudos de Simmel (2009), Berque (2012, 2023), Besse (2014), Collot (2012), Cullen (2018), Careri (2009) e Veras (2014). Assim, após discutir as principais abordagens teóricas, o foco se desloca para a percepção da paisagem, uma dimensão central nesta investigação. Logo, a pesquisa segue um caminho que combina dois elementos essenciais: a pausa e o percurso, através do olhar e do caminhar. Essas categorias de análise – o olhar que contempla e o caminhar que explora – orientam a forma como a paisagem será observada e experienciada ao longo do estudo. Assim, este capítulo estabelece o fundamento teórico e metodológico que guiará as próximas etapas da pesquisa, através dessas duas categorias que se interrelacionam para formar a base da análise da paisagem neste estudo.

2.1 Entendendo a paisagem

Ao buscar a palavra paisagem no dicionário, logo se percebe que não é possível definir o termo por apenas um significado. Por exemplo, o Oxford *Languages* apresenta quatro diferentes definições, e busca a origem do termo no francês *paysage*, referindo-se a um 'conjunto de países' ou 'extensão de terra que a vista alcança'.

- (1) Conjunto de componentes naturais ou não de um espaço externo que pode ser apreendido pelo olhar. (2) Extensão de território que o olhar alcança num lance; vista, panorama. (3) Espaço geográfico de um determinado tipo. (4) Pintura, desenho, gravura, fotografia etc. em que o tema principal é a representação de formas naturais, de lugares campestres. (OXFORD, 2024)

Essas definições parecem simplistas, como se a paisagem fosse apenas uma "vista da natureza" ou um cenário estático. No entanto, em uma análise mais atenta às definições, percebe-se que elas carregam implicitamente a ideia de um sujeito observador, ou seja, ela é composta também pela percepção do indivíduo que a contempla. Logo, esse olhar ativo é o que transforma os elementos naturais em uma paisagem, complementando-os em um conjunto integrado à experiência subjetiva da realidade física. Nesse sentido, tratando a paisagem através da filosofia, Simmel (2009) traz a noção do termo como um “pedaço de natureza” recortada. O autor fala sobre árvores, cursos de água, prados, colinas e até do movimento da luz e das nuvens, mas no sentido de que apenas isso não cria uma consciência de paisagem. Se esses componentes isolados fossem suficientes para definir uma paisagem, estaria-se tratando-a como algo puramente natural, talvez até como equivalente à própria natureza, sem considerar os complementos e interpretações culturais ou subjetivas que lhe conferem significado (SIMMEL,

2009). E sim, paisagem é natureza, mas é identidade, é a união entre o mundo exterior e interior, formada por coisas e pessoas, sujeito e objeto, diferentes escalas de tempo e espaço. Logo o termo envolve tanto a construção mental da realidade quanto sua materialização nos elementos concretos que a compõem (BERQUE, 2012). Nesse sentido, sendo fruto da relação entre o sujeito e o mundo, paisagem pode ser compreendida como um fenômeno complexo que envolve a percepção e a experiência, sendo não apenas um cenário físico, mas uma construção que emerge a partir do olhar, da vivência e da interpretação de cada sujeito.

Essas definições podem parecer um tanto quanto abstratas, mesmo que reforcem existência da paisagem como algo real e concreto. Segundo Collot (2012), só se pode falar de paisagem a partir de sua percepção, então um meio de absorver tais informações pode ser entendendo como absorver a própria paisagem. Para isso, Simmel indica dois caminhos a serem seguidos: através da arte pictórica e através da vida empírica (2009 apud VERAS, 2014), e Cullen executa isso, através da “arte do relacionamento”, ou seja, da compreensão da paisagem urbana percebida através dos sentidos. Nesse sentido, o caminho através da arte pictórica se revela pelo olhar e o da vida empírica é revelado através do ato de caminhar.

Assim, o presente trabalho segue as definições de paisagem propostas por Berque, Besse e Simmel, que proporcionaram a escolha de duas categorias de análise fundamentais para a pesquisa: **a pausa e o percurso**. Logo, a **pausa** é trabalhada enquanto forma de apreensão da paisagem pelo **olhar**, abordado com base nos estudos de Cullen (2018) e Collot (2012), que discutem como a percepção visual capta a paisagem. Já para a categoria do **percurso**, além das propostas de Cullen, será somada a teoria de Careri (2009), explorando o **caminhar** como forma de experiência e interação com o ambiente. Essas duas abordagens permitem uma análise e compreensão da paisagem, integrando a percepção visual e a experiência espacial ao estudo das dinâmicas urbanas e patrimoniais. Dessa forma, entendendo a paisagem e sua percepção de forma geral, será possível se voltar ao objeto de estudo do trabalho, Olinda, entendendo-o pelas categorias de paisagem e suas definições expostas nesse capítulo.

2.1.1 A paisagem em pausas: a imagem e o olhar

Se podes olhar, vê. Se podes ver, repara.
(Epígrafe de Ensaio sobre a cegueira, SARAMAGO, 1995)

Abram-se os olhos para experimentar o que se vê, o que se repara. Como visto, em sua própria definição, a paisagem carrega consigo a associação do olhar. Ela é um conceito diretamente conectado ao visual e à percepção imediata, como a porção visível do espaço e suas representações. Ou seja, dentre muitas nuances, a paisagem é “produto de uma experiência emocional da contemplação, da visão que recorta da natureza o território da vida do homem” (VERAS, 2014, p.81). Nesse sentido, ao ser representada de forma pictórica, a paisagem é conscientemente recortada, e sendo enquadrada, revela o momento em que se “sobressai da pura impressão das coisas naturais singulares” (SIMMEL, 2009, p. 8), unindo pela experiência estética, a arte e a natureza. Ou seja, a partir de representações visuais, sejam fotografias ou pinturas, é possível identificar elementos característicos que se unem para formar uma paisagem, pois ela se revela no conjunto formado globalmente (DI MAIO; BERENGO, 2011). Portanto, tais representações revelam esses conjuntos, que compõem a paisagem formada pela relação dialética de uns elementos sobre os outros, nessa união em constante evolução (BERTRAND, 2004, p. 141). Assim sendo, a imagem entra como linguagem do olhar ao tentar decodificar a história e significado em cada retrato de paisagem.

Antes das representações pictóricas, no Renascimento o olhar deixa de ser considerado um ato banal (MADURELO, 2009 apud VERAS, 2014), e passa a ser reconhecido como uma possível ferramenta de percepção paisagística. A prática visual passa a ser disseminada durante esse período, e os cartógrafos começam a usar desenhos e silhuetas para representar paisagens e cidades, indicando em seus mapas imagens e palavras, representando seus elementos característicos nos mapas (VERAS, 2014). Isso se torna o que Veras considera como "vistas topográficas", que possibilitavam o reconhecimento da cidade pela silhueta e serviam como uma espécie de "imagem postal" do século XVI. Aliás, além das representações em 2D, Berque (2012) enfatizou a relevância do ato de observar como algo corporal, e apontou o surgimento de balcões de mirada no Renascimento como um desenvolvimento arquitetônico para a contemplação da paisagem. Esses espaços permitem que o observador se detenha e contemple a paisagem de maneira privilegiada, destacando-se como elementos fundamentais na vivência patrimonial. Dessas sacadas, os observadores podiam fazer uma **pausa** e contemplar a cidade, enquadrando a paisagem e interpretando seus significados, como uma criação cultural nascida

na arte (ROGER, 1997 apud VERAS, 2014). Assim, arte e experiência se unem, e as pausas nos balcões, em meio a cidade ou a natureza, estimulam o sentimento e a produção artística de tais visadas. Logo, ao analisar uma representação visual da paisagem, como em pinturas e fotografias, é possível analisar três tópicos propostos por Collot (2012): o *ponto de vista*, a *parte* e o *conjunto*.

Com relação ao *ponto de vista*, ao representar uma imagem, o autor escolhe conscientemente o local que se estabelecerá para produzir a obra. Essa escolha não é aleatória e se baseia em diversos fatores para apreender a vista, como a altura, o momento do dia ou a estação do ano por exemplo. Um dos fatores importantes na seleção do ponto de vista é a *perspectiva*, que estabelece a noção de profundidade, permitindo a compreensão dos elementos como um conjunto, como uma paisagem (ROGER apud VERAS, 2014). Segundo Collot, o *ponto de vista* é condição para a criação de uma paisagem, pois ele é condicionado a existência de um sujeito, iniciando a sua relação com o objeto observado (2012). Nesse sentido, o autor através da fenomenologia explica o duplo sentido da paisagem: “enquanto horizonte, a paisagem se confunde com o campo visual daquele que olha, mas ao mesmo tempo [...] o sujeito se confunde com seu horizonte e se define como ser-no-mundo” (2012, p.12). Assim, a escolha consciente do ponto de vista também se dá a partir da formação de *partes* e do *conjunto*, desde o primeiro plano avistado até as escalas cada vez menores no horizonte no ângulo da perspectiva.

A ideia de *parte* na paisagem considera perceber seus elementos isolados e mais visíveis, aqueles que estão à primeira vista de quem os olha, mas que logo se dissolvem em um todo, onde as partes invisíveis compõem o restante do panorama para torná-lo completo, trazendo a unidade da paisagem emoldurada como um *conjunto* coerente que ganha sentido pelo observador. Assim, "essa delimitação e convergência preparam a paisagem para se tornar quadro" (COLLOT, 2012, p.16) revelando um objeto estético (seja bonito ou feio) para ser representado como tal. Esse processo artístico vai além da simples reprodução visual, permitindo que seus significados e sentimentos sejam transmitidos (COLLOT, 2012). Dessa forma, a paisagem se transforma em um veículo para a expressão espiritual, sendo captada pelo artista não apenas em sua forma exterior, mas também em seu interior, no sentido mais profundo e emocional (VERAS, 2014), revelando interpretações únicas da mesma cena (Figuras 1 e 2). Assim, entendendo que o olhar permite a existência e a experiência da paisagem, se evidencia a necessidade de sua valorização e de seu possível uso como ferramenta de percepção paisagística.



Figuras 1 e 2 - Pintura de Morozumi Osamu: “Matterhorn no início de verão – Suíça”, 2003 e Pintura de Frank Waller: “Paisagem suíça de Winkelmaten com Matterhorn”. Fontes: JPNStudio, 2023 e OLX, 2024.

Nesse sentido, para que seja possível utilizar o olhar como instrumento, é preciso proporcionar meios e situações que possibilitem essa operação, retomando aos balcões de mirada como pontos de **pausa**, que convidam o observador a parar e admirar uma vista, proporcionando uma experiência estética e emocional de apreensão da paisagem (COLLOT, 2012). Assim, em uma atualização do termo, os balcões de mirada não são apenas aquelas sacadas em prédios clássicos de Paris, ou belvederes de prédios clássicos europeus. Espalhados pelo mundo, os mirantes encontram diversas formas de se apresentar, como imersos na natureza ou organicamente encaixados em uma paisagem urbana. Por exemplo, muitas das primeiras pinturas de paisagem eram feitas em um ponto de vista que se encontrava numa área natural, se aproveitando de formações naturais, como colinas ou penhascos. Esses pontos, geralmente elevados, proporcionam uma vista panorâmica, sem a interferência de grandes construções humanas, capturadas pelo artista. Um exemplo dessa situação se situa na China, país sede do primeiro tratado de paisagem da história, o *Hua shanshui xu* (Introdução à Pintura de Paisagem) (BERQUE, 2000 in VERAS, 2014). O país é exemplo na relação entre homem e natureza, prática que se origina na própria cultura chinesa, especialmente através das concepções religiosas do Taoísmo, que coloca o ambiente natural como espiritual, representado por aquarelas fluidas em papel de arroz (Figuras 3 e 4).



Figuras 3 e 4 – Vista do Parque Florestal Nacional de Zhangjiajien na área classificada como Patrimônio Mundial da UNESCO (Região de interesse panorâmico e histórico de Wulingyuan) e pinturas *shanshui*. Fontes: Caminhos que me levem, 2020 e Daniela Vieira, 2024.

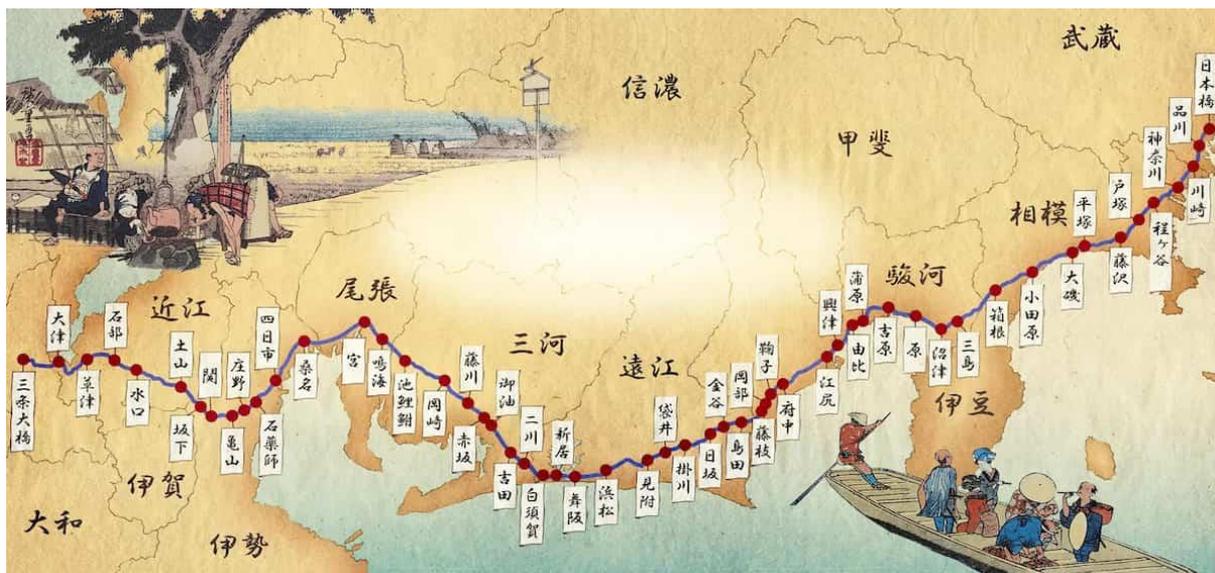
Além desses, também existem balcões situados em espaços urbanos preexistentes, como praças, escadarias ou muretas, que são organicamente apropriados pela população para vivenciar e admirar uma vista. A altura também é um elemento fundamental para a definição desses mirantes, pois garante a abertura do olhar para o panorama inserido na cidade, como os locais privilegiados de observação da paisagem da cidade histórica de Ouro Preto (Minas Gerais, Brasil). Sendo a primeira cidade brasileira a ser declarada como Patrimônio Mundial pela UNESCO, carrega diversas memórias como o centro da exploração garimpeira no Brasil do século XVIII. Na cidade existem diversas igrejas, pontes e obras arquitetônicas, pelas ruas calcetadas íngremes e sinuosas, que com os morros ao fundo, ilustram a história brasileira e do Barroco, além de obras do escultor Antônio Francisco Lisboa, “O Aleijadinho”. Devido a sua malha urbana histórica, que se adequa ao relevo existente da área, com subidas e descidas, a cidade apresenta inúmeras paradas que permitem a **pausa** para contemplação de uma vista. Esses pontos estão inseridos no planejamento urbano como lugares de visitação cidade, e são usados como espaços de estar e encontro desde suas origens (Figuras 5, 6 e 7). Ainda, segundo Capel (apud ENDLICH, 2011) as cidades históricas são as mais apreciadas justamente pela expressão dos diversos tempos expressos pela paisagem, o que beneficia ainda mais o sítio mineiro. Isso se dá porque como palimpsesto, quanto mais história, maior o acúmulo de tempos para serem apreciados, despertando um sentimento maior de se reconhecer nos lugares. Assim, a morfologia urbana construída durante séculos da cidade apresenta vários pontos de pausa e observação imersos na cidade.



Figuras 5, 6 e 7 - Vista a partir da mureta da Igreja de Nossa Senhora das Mercês e Igreja da Misericórdia.
Fontes: Google Maps, 2024 e Expedições em Família, 2023.

Portanto, aqui constata-se o papel dos mirantes como instrumentos de percepção para a valorização da paisagem patrimonial, conectando o observador à história e ao significado do lugar através da pausa. Os balcões são locais que incentivam o sujeito a se entender como paisagem, o que inspira no artista a vontade de representar tal lugar especial e invoca naqueles que veem sua representação o desejo de também ir ao local e se tornar paisagem. Então, ao se expor a representações pictóricas da paisagem, a vontade de experimentar as paisagens se aguçam, e se cria um sentimento de pertencimento através do olhar, convidando o sujeito a visitar aquela paisagem representada, seja pelo seu imaginário, ou caso seja possível, fisicamente.

Um exemplo da influência da arte sobre a vivência de paisagens é a série de gravuras 53 estações de Tokaido (*Tokaido Gojusan Tsugi no Uchi*), feita em 1833 no Japão por Utagawa Hiroshige (歌川 広重). O trabalho fazia parte das obras de *ukiyo-e* (浮世絵) estilo de xilogravuras tradicionais japonesas, que no seu próprio significado – retratos do mundo flutuante – simboliza a percepção de paisagem, reforçando o caráter natural e artístico dessa. As imagens de Hiroshige se destacam pelas perspectivas reveladas pelo seu ponto de vista, que permitiam inclusive a representação tridimensional de elementos voláteis como o vento, a chuva e a neve. A sequência das pinturas representa o caminho percorrido pela estrada de Tokaido (o caminho do mar do oriente) (Figura 8), que liga de Edo (atual Tóquio) (Figura 9) até Quioto (Figura 10), demarcando 53 pontos de **pausa** (estações) no **percurso**, o que se tornou uma forma de as pessoas da época terem um vislumbre do mundo exterior que ansiavam. Algumas das imagens representava um *meisho-e* (pintura de lugares famosos) associados a poesias clássicas, o que em um aumento de viagens durante o período fez com que os habitantes se interessassem cada vez mais em conhecer as paisagens de seu país (SAKANO, 2019).



Figuras 8, 9 e 10 – Mapa marcando o percurso representado pelas 53 estações. Primeira estação: “vista matinal de Nihonbashi (Edo)” e última estação: “a Grande Ponte em Sanjō (Kyoto)”, respectivamente. Fonte: GalleryThane, 2024 e Metropolitan Museum of Art, [s.d].

Cada uma das estações é um mundo próprio e cada **pausa** é necessária para absorver aquele local, o que não seria feito em um passo apressado, objetivando apenas o início e fim da jornada. Mas o interessante da série das 53 estações é notar como essas imagens individuais se unem em um caminho que percorre diferentes paisagens e características, mas que se completam em conjunto, criando um verdadeiro retrato do país a ser vivenciado. Assim, além de se explicitar o poder da **pausa**, do olhar contemplativo, da apreensão da paisagem através da visão, aqui também se revela o poder da experiência nos **percursos** que permitem se chegar às pausas.

2.1.2 A paisagem em percursos: a experiência no caminhar

Nem todos os que vagueiam estão perdidos.
(J. R. R. TOLKIEN)

Perambular ou caminhar por aí não significa estar sem propósito. Mesmo que não se perceba conscientemente, é a paisagem que conduz aqueles que vagueiam. Compreender como a caminhada pode se transformar em uma ferramenta para a apreensão das dinâmicas complexas que existem na cidade é essencial para estabelecer um encontro sensível com o sujeito e o espaço urbano. Besse (2014) fala que a caminhada constitui um exemplo fundamental de experiência da paisagem, pois através dela as sensações se afloram, o caminhante sente a mudança a cada passo, e quanto mais emoções o percurso proporciona, mais ele se identifica como a própria paisagem. Para isso, Cullen (2011) propõe que se valorize as qualidades emotivas vindas dos sentidos, definindo algumas categorias de análise para se explorar a paisagem. Assim, as categorias surgem como formas de realçar essas emoções, como o “*mistério*” ou a “*expectativa*”, que despertam no pedestre a curiosidade de seguir explorando. Nesse sentido, se revela a experiência de “visão serial”, uma sucessão de surpresas e revelações súbitas nas quais o pedestre vai sendo guiado pela paisagem cidade adentro, através de surpresas, sons, desníveis ou outras situações que o imergem naquele lugar, conscientizando-o sobre o espaço.

Ainda segundo Besse, a caminhada é um exemplo fundamental da experiência da paisagem, sendo a manifestação de diferentes sensações corporais e mentais, afetadas por cada momento de forma diferente, como caminhar sob o sol quente, na beira da praia ou ao subir uma ladeira. Nesse momento particular da subida por exemplo, que traz o cansaço da caminhada, se entende que o cansaço não é “nem esgotamento, nem lassidão, mas que restitui a sua disponibilidade ao corpo e, como diz Nicolas Bouvier, a sua porosidade em relação ao mundo, que lhe restitui a sua capacidade de ser afetado pelos dados sensíveis pelo mundo” (BESSE, 2014, p.48). Nisso, se abre a disponibilidade do corpo e o sujeito se permite ser afetado pelos dados sensíveis que o mundo oferece, o que sugeriu Gordon Cullen (2018) ao propor em seu método de análise da paisagem urbana três aspectos: a *ótica*, o *local* e o *conteúdo*. A *ótica* é despertada pela visão serial, anteriormente comentada, a partir de imagens existentes e emergentes. O *local*, situa o sujeito no espaço e as sensações entre estar no espaço aberto ou fechado e por fim, o *conteúdo*, explora as estruturas e componentes que constituem os espaços analisados.

Assim, o caminhar não se limita ao simples ato de atravessar um espaço de um ponto a outro, ele é um contínuo processo de experimentação, desconstruções e construções ainda que de forma inconsciente, configurando-se como uma maneira autêntica de interagir com os acontecimentos (CAMPOS, 2017). Logo, ao percorrer a cidade, o caminhante ressignifica fragmentos urbanos, sejam elementos construídos ou tradições locais para si, se apropriam dos espaços e lhes atribuem novos significados, inventando outras ordens e criando suas interpretações (CAMPOS, 2017). Besse (2014, p.55) reforça essa ideia ao afirmar que “[...] a caminhada, de fato, requalifica o espaço, no sentido próprio do termo: dando-lhe novas qualidades, novas intensidades”.

Além disso, Francesco Careri (2009, p.01), defende o caminhar como “forma de intervenção urbana” e “errância como arquitetura da paisagem”, e apresenta o ato como algo instintivo e uma necessidade natural do ser humano. Com o termo "percurso", o autor indica, ao mesmo tempo, o ato da travessia, a linha que atravessa o espaço e o relato do espaço, ou seja, a ação do caminhar, o próprio percurso e a estrutura narrativa. Nesse sentido, Careri também traz o ponto de vista dos surrealistas, que através do caminhar, buscavam uma realidade não visível, algo a ser captado pela mente ao atravessar o espaço. Assim, o espaço é mutável e orgânico, e o percurso provoca em quem caminha, um forte estado de apreensão, permitindo que coisas que poderiam passar despercebidas pelo olhar sejam não apenas notadas, mas vivenciadas (CARERI, 2009). Dessa forma, entende-se a complexidade do percorrer, e que a experiência é formada de forma completa, com início, meio e fim, conduzindo o sujeito pela jornada atravessando o objeto.

Nesse sentido, algumas iniciativas criaram experiências através de percursos para valorização do patrimônio local, como feito no Patrimônio Mundial da UNESCO na submissão do “*Rio de Janeiro: paisagens cariocas entre a serra e o mar*”. Mundialmente reconhecido por suas paisagens, sendo “um cenário urbano excepcional que abrange os principais elementos naturais que moldaram e inspiraram o desenvolvimento da cidade” (UNESCO, site oficial), o Rio foi o primeiro bem brasileiro a receber a palavra paisagem em seu título na Lista. A natureza que abraça o espaço, da serra ao mar, pode ser apreciada através das inúmeras trilhas com mirantes naturais que abrem panorama para a cidade, evidenciando uma experiência paisagística única. Nesse contexto, em 2022, o Parque Bondinho Pão de Açúcar e Iphan inauguraram o Circuito Histórico dos Mirantes (Figuras 11 e 12), que demarca um percurso que

interliga 14 mirantes dentro do parque, incentivando a visitação completa e integração com o ambiente (SECULT, 2022).



Figuras 11 e 12 - Mirante do Guardião da Pedra e mapa do circuito dos mirantes. Fonte: Fabio Rossi/ Agência O Globo, 2022.

Nesta iniciativa observa-se que os percursos são demarcados e incentivados através da identificação de pontos de pausa, como mirantes para apreciar a paisagem. Isto mostra que pausas e percursos podem ser integrados de forma complementar, sugerindo que ao invés de dividi-los, a combinação dessas categorias enriquece a experiência paisagística.

2.2 A paisagem na valorização do patrimônio da UNESCO

Como visto, existem inúmeras definições distintas de paisagem por diversas áreas do conhecimento, que refletem a diversidade geográfica, histórica e cultural de cada região. A paisagem, dependendo do contexto em que é abordada, pode ser entendida de diferentes formas, seja no aspecto natural, cultural ou até mesmo simbólico. Cada cultura e sociedade desenvolveu sua própria interpretação do que constitui uma paisagem, resultando em uma vasta gama de conceitos e significados. Essa diversidade de interpretações se reflete também na variedade de bens e patrimônios que são valorizados em diferentes partes do mundo. Alguns dão mais valor aos patrimônios naturais, como parques e reservas, já outras focam nos patrimônios culturais, como monumentos históricos e práticas tradicionais. Com a criação da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (em inglês *United Nations Educational, Scientific and Cultural Organization*, acrônimo UNESCO) isso começa a ser unificado, e o termo passa

a ser estruturado em uma rede internacional de definição, valorização e proteção dos patrimônios históricos e culturais.

Nesse sentido, a UNESCO inicia campanhas internacionais de valorização dos patrimônios mundiais, e uma das ações marcantes ocorridas foi relacionada ao salvamento dos templos de Abu Simbel, no Egito, que estavam ameaçados pela construção da Barragem de Assuã, que causaria inundações ao seu entorno caso fosse construída (CABRAL, 2011). Assim, para salvar este conjunto de templos, a organização coordenou o trabalho de removê-los e construí-los novamente num local seguro. Os resultados obtidos provaram que a cooperação internacional tem o poder de preservar o patrimônio de forma mais eficaz e exemplar, visto que a “proteção desse patrimônio em âmbito nacional é muitas vezes insatisfatória devido à magnitude dos meios necessários e à insuficiência dos recursos financeiros, científicos e técnicos do país em cujo território se localiza o bem a ser salvaguardado” (CONVENÇÃO, 1972, p.1). Isso incentivou a criação de um mecanismo global de proteção mais formal: a Convenção para a Proteção do Patrimônio Mundial, Cultural e Natural de 1972. O projeto da Convenção, também conhecida como Recomendação de Paris, foi concebido justamente para promover a educação, fomentar o diálogo intercultural e a conservação do patrimônio cultural e natural de uma forma global, reconhecendo o valor dos bens não apenas para a cultura local de cada região, mas para a humanidade. Assim, emerge-se uma plataforma crucial para a cooperação global nestas áreas, que define conceitos essenciais para o patrimônio mundial, entendendo-o como "fonte insubstituível da vida e da inspiração", e dando base para a fomentação de um instrumento de salvaguarda e divulgação dos bens internacionalmente: a Lista do Patrimônio Mundial. Nesse contexto, a Convenção estabeleceu os fundamentos para a criação da Lista, que proporcionaram o reconhecimento de bens que possuíssem um *valor universal excepcional* para a humanidade. Dessa forma, foram incluídos tanto patrimônios culturais, como monumentos e sítios arqueológicos ou expressões culturais, quanto patrimônios naturais, como parques nacionais e reservas ecológicas. Portanto, segundo o artigo 1º da Convenção (1972), patrimônios culturais consistem em:

Os monumentos - Obras arquitetônicas, de escultura ou de pintura monumentais, elementos de estruturas de caráter arqueológico, inscrições, grutas e grupos de elementos com valor universal excepcional do ponto de vista da história, da arte ou da ciência;

Os conjuntos - Grupos de construções isoladas ou reunidas que, em virtude da sua arquitetura, unidade ou integração na paisagem têm valor universal excepcional do ponto de vista da história, da arte ou da ciência;

Os locais de interesse - Obras do homem, ou obras conjugadas do homem e da natureza, e as zonas, incluindo os locais de interesse arqueológico, com um valor universal excepcional do ponto de vista histórico, estético, etnológico ou antropológico.

E de acordo com o artigo 2º, serão considerados como patrimônio natural:

Os monumentos naturais constituídos por formações físicas e biológicas ou por grupos de tais formações com valor universal excepcional do ponto de vista estético ou científico;

As formações geológicas e fisiográficas e as zonas estritamente delimitadas que constituem habitat de espécies animais e vegetais **ameaçadas**, com valor universal excepcional do ponto de vista da ciência ou da conservação;

Os locais de interesse naturais ou zonas naturais estritamente delimitadas, com valor universal excepcional do ponto de vista da ciência, conservação ou beleza natural.

Assim, aplicando tais princípios, surge em 1978 a Lista de Patrimônios Mundiais, com o objetivo de mapear, reconhecer e divulgar sítios que, por sua excepcional importância, são considerados patrimônios da humanidade (CONVENÇÃO, 1972). A inclusão na Lista se dá após o processo de submissão do bem indicado, no qual aqueles interessados se candidatam cumprindo com as exigências da submissão, através da elaboração de dossiês e justificativas que apontem quais as heranças naturais e culturais que se enquadrem em algum, ou alguns dos 10 critérios de seleção (exceto o critério (vi), que não é em si só considerado suficiente para inclusão). Após serem avaliados e cumprirem com os critérios definidos pela comissão da UNESCO, recebe-se o título de Patrimônio Mundial garantindo-se a visibilidade e os benefícios dessa conquista. Dentre os 10 critérios definidos, pode-se realizar interpretações e associações com a paisagem, mas foi somente em 1992 que se define “paisagem cultural” como uma tipologia. Isso surge na tentativa de criar elementos para resolução de um problema que ficava cada vez mais evidente: a dicotomia entre natureza e cultura na lista de Patrimônio Mundial (RIBEIRO, 2007). Como na Convenção de 1972 os bens inscritos eram categorizados natural ou cultural, provocou uma visão separada entre natureza e cultura que no final dos anos 1980 já se mostrava anacrônica (RIBEIRO, 2007). Desse modo, a utilização da paisagem unifica o sujeito e o objeto, ressaltando que um não existe sem o outro, e que um bem patrimonial, seja natural ou cultural, depende dessa coexistência. Logo, com a compreensão de que “a lista não é uma coisa imóvel, é algo evolutivo, que se modifica todo dia, todo ano [...] e cada candidatura significa uma renovação do conceito de patrimônio mundial” (HALEVY, 2002, in RIBEIRO, 2007, p.34), surge uma atualização dos conceitos da Convenção de 1972, e em 2003 é

implementada a Convenção para a Salvaguarda do Patrimônio Cultural Imaterial, que em seu artigo 2º/1 define:

1. Entende-se por “patrimônio cultural imaterial” as práticas, representações, expressões, conhecimentos e técnicas - junto com os instrumentos, objetos, artefatos e lugares culturais que lhes são associados - que as comunidades, os grupos e, em alguns casos, os indivíduos reconhecem como parte integrante de seu patrimônio cultural. Este patrimônio cultural imaterial, que se transmite de geração em geração, é constantemente recriado pelas comunidades e grupos em função de seu ambiente, de sua interação com a natureza e de sua história, gerando um sentimento de identidade e continuidade e contribuindo assim para promover o respeito à diversidade cultural e à criatividade humana. Para os fins da presente Convenção, será levado em conta apenas o patrimônio cultural imaterial que seja compatível com os instrumentos internacionais de direitos humanos existentes e com os imperativos de respeito mútuo entre comunidades, grupos e indivíduos, e do desenvolvimento sustentável.

Assim, consolida-se uma ideia de patrimônio unificado, e com o tempo, por essa razão surgem diversos títulos na Lista de Patrimônio Mundial em que se conta o termo “paisagem”, em diferentes contextos e usos, como percebido na Tabela 1 abaixo:

África	América	Ásia	Europa	Oceania
Maciço Ennedi, paisagem cultural e natural	Paisagem cultural de Konso	Paisagem cultural do país Gedeó	Paisagem cultural de Sukur	
O País Bassari: Paisagens Culturais Bassari, Fula e Bedik	Paisagem cultural do #khomani	Paisagem cultural de Mapungubwe	Paisagem Cultural e Botânica de Richtersveld	
Rio de Janeiro, paisagens cariocas entre a serra e o mar	Paisagem cultural de Grand-Pré	A paisagem cultural do café colombiano	Paisagem arqueológica das primeiras plantações de café no sudeste de Cuba	
Paisagem Cultural Morne	Paisagem de agaves e antigas instalações industriais de Tequila	Paisagem cultural industrial de Fray Bentos		
Paisagem cultural e vestígios arqueológicos do Vale Bamiyan	Oásis Al-Ahsa, uma paisagem cultural em evolução	Paisagem cultural de arte rupestre de Gobustan	Paisagem cultural da aldeia Khalige rota Trashumance “Köç Yolu”	
Petróglifos da paisagem arqueológica de Tanbaly	Paisagem cultural em socacos de arroz Honghe Hani	Artefatos culturais e paisagem em Zuojiang Huashan	Paisagem cultural das antigas florestas de árvores de chá da montanha Jingmai em Pu'er	
Paisagem panorâmica do Monte Emei e Leshan Grande Buda	Paisagem vulcânica e túneis de lava da Ilha de Jeju	Paisagem cultural de Bali: o sistema subak como expressão da filosofia Tri Hita Karana	Bam e sua paisagem cultural	
Paisagem cultural de Maymand	Paisagem arqueológica sassânida da região de Fars	Paisagem cultural de Hawraman/Uramanat	Refúgio de biodiversidade do “ahwar” e paisagem arqueológica das cidades mesopotâmicas do sul do Iraque	

Minas de prata de Iwami Ginzan e sua paisagem cultural	Vat Phu e antigos assentamentos próximos à paisagem cultural de Champasak	Grande Montanha Burkhan Khaldun e paisagem sagrada circundante	Paisagem Cultural do Vale Orkhon
Palestina: terra de oliveiras e vinhas – Paisagem cultural do sul de Jerusalém, Battir	Paisagens Dauria	Paisagem Cultural da Fortaleza de Diyarbakır e Jardins Hevsel	Paisagem Cultural da Fortaleza de Diyarbakır e Jardins Hevsel
Pérgamo e sua paisagem cultural multifacetada	Complexo paisagístico de Trang An		
Paisagem cultural de Hallstatt-Dachstein / Salzkammergut	Paisagem cultural do Wachau	Paisagem cultural de Fertő/Neusiedlersee	Paisagem de jogos da Zelândia do Norte
Paseo del Prado e Buen Retiro, paisagem das artes e das ciências	Paisagem cultural de Aranjuez	A Paisagem Cultural da Serra de Tramuntana	Paisagem cultural do Risco Caído e montanhas sagradas de Gran Canaria
Paisagem cultural agropastoril mediterrânea de Causses e Cévennes	Paisagem cultural de Zagori	Paisagem cultural de Fertő/Neusiedlersee	Paisagem cultural histórica da região vitícola de Tokay
Ferrovia Rética na paisagem dos rios Albula e Bernina	Paisagem vinícola de Piemonte: Langhe-Roero e Monferrato	Kalwaria Zebrzydowska: complexo arquitetônico maneirista e paisagístico e local de peregrinação	Paisagem cultural de Sintra
Paisagem vitícola da Isla del Pico	Paisagem cultural de Lednice-Valtice	Paisagem mineira de Rosia Montana	Paisagem agrícola do sul de Öland
Ferrovia Rética na paisagem dos rios Albula e Bernina	Paisagem de ardósia do noroeste do País de Gales	Paisagem Industrial de Blaenavon	Paisagem mineira da Cornualha e West Devon
Paisagem cultural de Budj Bim			

Tabela 1 – Bens na Lista de Patrimônio Mundial da UNESCO que possuem a palavra “paisagem” em seu título. Fonte: própria, 2024.

Como percebido na tabela, a maioria das vezes em que o termo “paisagem” é utilizado é no contexto de uma “paisagem cultural”.

Mas ao analisar a lista como um todo, é possível encontrar alguns outros títulos que se utilizam da paisagem, mas sem pontuá-la de forma explícita. A exemplo, tem-se 3 na China: 1. *Região de interesse panorâmico e histórico* de Huanglong, 2. *Região de interesse panorâmico e histórico* de Wulingyuan, 3. *Região de interesse panorâmico e histórico* do Vale Jiuzhaigou. Logo, o que seria uma “região de interesse panorâmico e histórico” se não *paisagem*?

Alguns outros sítios também carregam características e conjuntos que compõem uma paisagem cultural patrimonial, como no caso do “Centro Histórico de Olinda” e da “Cidade Histórica de Ouro Preto”. Ambas foram tombadas reconhecidas como patrimônio no início da década de 80, uma época que não se definia oficialmente a paisagem cultural como um critério,

mas ao se analisar os critérios, características e contextos os quais elas foram enquadradas, percebe-se que se baseiam na essência da paisagem.

A paisagem também aparece como referência para a Lista do Patrimônio Mundial em Risco, que foi elaborada para alertar a comunidade internacional sobre as ameaças às características pelas quais uma propriedade foi inscrita na Lista do Patrimônio Mundial e para encorajar ações corretivas (UNESCO, site oficial). Dentre os maiores problemas estão os conflitos armados e guerras, terremotos e outros desastres naturais, poluição, caça furtiva, urbanização descontrolada e desenvolvimento turístico descontrolado. Esses perigos são reconhecidos quando se registram ameaças iminentes e comprovadas, ou "potenciais", quando uma propriedade enfrenta ameaças caso efetivadas danifique os valores de Patrimônio Mundial concedidos aos bens (UNESCO, site oficial). Essa Lista é adaptável, então acontecem de sítios melhorarem sua situação e sair da zona de risco ou de agravarem os problemas ou efetuarem intervenções que danificam o título permanentemente. Um dos exemplos no qual se percebe o critério de paisagem sendo aplicado de forma direta, é o caso do Vale do Elba de Dresden, na Alemanha, colocado na lista de perigo em 2006, e removido em 2009. Isso porque, devido à construção de uma ponte de quatro pistas no coração da paisagem cultural que declarava o bem como um Patrimônio Mundial, se afirmou que a propriedade não conseguiu manter seu "valor universal excepcional conforme inscrito" (UNESCO, site oficial). Ou seja, a inserção de um objeto alheio aquele lugar descaracteriza sua condição de patrimônio, pois agora a paisagem se transforma, formando um novo conjunto a ser entendido por uma nova apreensão, pois é o conjunto de elementos que compõem a experiência paisagística, portanto, a inclusão ou remoção daquela situação cria uma nova. Para além da conquista de um título, a manutenção deste título depende, essencialmente, da conservação dos atributos e valores que asseguraram a sua conquista.

Uma situação também percebida, inclusive pela distribuição dos sítios na Lista de Risco, é a disparidade entre a quantidade de bens na Lista do Patrimônio que se encontram no continente europeu *versus* nos demais continentes, especialmente os considerados como de "terceiro mundo", como se pode perceber na Figura 13 a seguir.



Figura 13 – Distribuição de bens incluídos na Lista de Patrimônio Mundial da UNESCO. Fonte: UNESCO (2024). Disponível em: <https://whc.unesco.org/en/list/>.

O grande número de sítios europeus na Lista do Patrimônio Mundial da UNESCO é o resultado de várias questões históricas, econômicas e políticas. Em primeiro lugar, na Europa já existe uma longa tradição de cuidado e valorização do patrimônio cultural e natural. Além desta tradição, a infraestrutura para identificação, conservação e promoção de bens patrimoniais está bem estabelecida, visto que as nações europeias definiram as regras de inclusão. Esses processos são complexos e exigem um alto nível de documentação, pesquisa e planejamento de conservação, o que é mais bem realizado quando um país com recursos abundantes assume o comando.

Por outro lado, os países menos desenvolvidos enfrentam obstáculos significativos na proteção de seu patrimônio. A falta de recursos institucionais, técnicos e financeiros prejudica a identificação, manutenção e promoção de seus sítios culturais e naturais. Isso resulta numa menor taxa de sucesso na candidatura de países menos desenvolvidos, além de que muitos desses países também enfrentam questões mais prementes, como pobreza, conflitos armados e desastres naturais, que desviam a atenção e os recursos nacionais. Tais situações deveriam impulsionar o olhar e cuidado internacional para ajudar os bens que mais necessitam de atenção e proteção aos riscos, o que não é posto em prática.

Reconhecendo o problema, atualmente a UNESCO tem procurado meios para equilibrar a representação global na Lista do Patrimônio Mundial e garantir que os sítios de importância universal sejam protegidos, independentemente da localização geográfica ou nível de desenvolvimento econômico (CABRAL, 2011). Nesse sentido, visto que o presente trabalho

olha a preservação a partir da paisagem, aqui, busca-se discutir como a percepção paisagística pode ser utilizada como uma ferramenta de monitoramento e conservação popular, acessível e aplicável em qualquer região e situação. Como compreendido anteriormente, a paisagem é a relação que se estabelece entre a extensão de uma região junto ao observador, fazendo com que um ambiente só se torne paisagem a partir do momento em que é percebido por um sujeito (COLLOT, 2013, p.19), então valorizar as diferentes paisagens é uma forma direta de inclusão das culturas mundiais. Logo, se torna possível promover tal vínculo a partir da percepção, e ao falar desse tópico retoma-se aos conceitos da *pausa* e do *percurso*. Portanto, torna-se necessário identificar como tais conceitos são utilizados dentro dos bens presentes na Lista, em diferentes situações, a fim de entender tais dinâmicas internacionalmente buscando formas de desenvolver uma ferramenta de proteção que integre a *pausa* pelo *olhar* e os *percursos* que permitem o deslocamento para a percepção das paisagens patrimoniais.

2.3 Pausas e percursos: a paisagem como ferramenta de proteção patrimonial

Após entender a paisagem através da *pausa* para o *olhar* e do *percurso* pelo *caminhar*, percebe-se que é possível trabalhar com as duas esferas unidas, isso porque o olhar focaliza a percepção estática, e o caminhar a compreensão dinâmica. Assim, unindo as duas experiências, cria-se um ritmo entre **pausa** e **percurso**, possibilitando a apreensão da paisagem de forma mais inclusiva e completa, na qual os elementos capturados pela visão logo são fisicamente atravessados. Nesse contexto, surge a ideia de traçar uma “rota do patrimônio” entre tais pausas e percursos, a partir da marcação de balcões de mirada e dos caminhos que os conectam. Seu desenvolvimento e aplicação serão realizados mais à frente, durante a metodologia e resultados, mas a proposta nasce daqui.

Preservar uma cidade patrimônio é um desafio complexo e exige constante revisão de estratégias e investimento das instituições responsáveis pela conservação, é tarefa árdua e de grande importância. Assim, a manutenção deste *status* exige esforços contínuos para a conservação daquilo que foi identificado como de valor patrimonial excepcional, e no caso de Olinda, ainda se incluem as visadas históricas do sítio que guardam a essência da cidade. Dessa forma, é preciso garantir a manutenção desses elementos, permitindo que a sociedade entenda a importância daquele bem e busque o preservar como a si mesma.

Além disso, a necessidade de criação desse tipo de instrumento aumenta cada vez mais, pois a modernidade vem se afastando da conceituação e experiência de paisagem, pois em um mundo cada vez mais rápido e digital, a ligação entre as pessoas e seu território começa a se diluir, a natureza começa a se fechar e o indivíduo a se afastar. Berque (2010) atesta que o mercado atual cria cada vez mais espaços neutros, em um “massacre dos meios” que gera uma desordem das culturas e devastação da biosfera. É notável como as expressões culturais perdem adeptos, ou como cidades históricas enfrentam cada vez mais intervenções danosas à sua preservação, ou até são esquecidas por não serem mais consideradas importantes para sociedade. Nisso, o autor alerta para os efeitos dessa situação, que gera significativos danos éticos, estéticos e ecológicos, ou seja, problemas de identidade e territorialidade que devem ser resolvidos. Assim, no âmbito deste trabalho, se volta para a cidade histórica de Olinda, que não apenas é ameaçada por construções deterioradas e natureza danificada, mas pelo seu senso de cultura, pela paisagem cultural viva e única da cidade que carrega o título de patrimônio mundial da UNESCO.

Portanto, entendendo a necessidade da conservação, este trabalho busca utilizar a paisagem como ferramenta de percepção para proteção do Sítio Histórico de Olinda, através da definição de uma “rota do patrimônio”. O pressuposto é que ao cultivar e intensificar a relação emocional com um lugar nasce o desejo de cuidar dele, se incentiva a compreensão da importância de guardá-lo com orgulho e de o mostrar ao mundo como parte integrante da identidade dos seus habitantes. Assim, no capítulo que se segue, Olinda será analisada sob a perspectiva paisagística, permitindo o desenvolvimento de uma metodologia montada para se explorar a paisagem por pausas e percursos, envolvendo a população no processo de conservação e fortalecendo a ligação individual ao território. Para este fim, pode-se utilizar a pausa do olhar como recurso, pois “ao ver alguma coisa, temos em geral a impressão de ganhar alguma coisa. Mas a modalidade do visível torna-se inelutável – ou seja, votada a uma questão de ser – quando ver é sentir que algo inelutavelmente nos escapa, isto é: quando ver é perder (DIDI-HUBERMAN, 1998, p. 34). E junto a isso, os percursos, que consolidam aquela experiência pela vivência ao caminhar entre uma pausa e outra.

3

O OBJETO “OLINDA, COFRE SUBLIME”

Olinda, cofre sublime
de brilhantes tradições
Teu nome beleza exprime
e produz inspirações
(I estrofe do Hino de Olinda)

Olinda, cidade cantada, escrita e pintada ao longo dos séculos, encanta, acolhe e inspira aqueles que têm o prazer de a visitar, cidade mulher que se deita sobre os montes e se curva para receber o mar (FREYRE, 1980). É assim que Gilberto Freyre se refere à Olinda em seu Guia Prático, Histórico e Sentimental.

Desde sua fundação por Duarte Coelho, em 1537, a Vila de Olinda, como era chamada, é referência de cidade construída da relação com a natureza, ocupando colinas coberta por vegetação, até descer para o mar. Sobre a natureza, e rimando como poesia, Freyre ainda a Olinda como cidade “situada à beira do mar sobre os montes, baixa junto à costa, e logo ondulada de montes. Olinda: quatro praias e oito montes” (FREYRE, 1980, p.10). E foi essa a localização escolhida para dar início a antiga capitania pernambucana, ideal para as estratégias de defesa e administração da colônia, pois sua elevação permitia maior visualização dos inimigos marítimos e dificultava possíveis ataques. Além disso, o entorno do sítio onde a cidade se assentou, também era ideal para acolher os aliados, pela presença de um porto protegido por arrecifes que possibilitava um embarque e desembarque seguro para os interesses mercantis impulsionados pelo terreno fértil para a produção da cana-de-açúcar e do pau-brasil. Ainda que a narrativa que justifica a implantação dessa cidade nesse local foque nas qualidades do sítio que permitiam a proteção o desenvolvimento de determinadas funções, é muito provável que a beleza vista do alto para o mar, das vistas que se abriam para um horizonte distante, tenha despertado interesse para se fundar uma cidade neste lugar. A toponímia de seu nome já denuncia e é revelada no Hino da cidade derivado de contos, sendo o mais disseminado aquele em que o fidalgo português proclama acima dos montes “Oh linda situação para se construir uma vila”. Essa referência demonstra a importância paisagística que abriga aquele local. Ou seja, já em sua origem, a cidade se desdobra em poesia, sendo palco de uma efervescência cultural que revela alto grau de pertencimento, como escrevem Cláudio Nigro e Clóvis Pereira no Hino do tradicional Clube Carnavalesco Misto Elefante de Olinda, “minha Olinda sem igual”.

Assim, entende-se que a paisagem de Olinda é o produto de séculos de ocupação e das leis que a regulam, definidas por critérios usados para seu tombamento nacional e classificação como Patrimônio Mundial da UNESCO. Os instrumentos legais definem os parâmetros de ocupação, os usos, os gabaritos, a conservação da vegetação, os mirantes, o entrelaçamento da arquitetura e da vegetação e tudo isso, interfere e rebata na paisagem.

Nesse sentido, no presente capítulo, Olinda será apresentada como o objeto de estudo, não apenas com a rigidez de uma pesquisa científica, mas também com o olhar sensível, atento e aberto às diferentes percepções, como exige um estudo paisagístico.

3.1 A paisagem como condicionante no processo de tombamento do Sítio Histórico de Olinda

Situada no Nordeste do Brasil, no estado de Pernambuco (Mapa 1), erguendo-se em colinas às margens do Oceano Atlântico e no local onde existia a aldeia “Marim dos Caetés”, em 1535 surge a Vila de Olinda fundada pelos portugueses e uma das mais importantes cidades do Brasil colonial, capital da capitania de Pernambuco. O lugar era estratégico e oferecia defesa natural e condições ideais para se estabelecer moradias e atividades produtivas e comerciais. Tais condições foram essenciais para o desenvolvimento econômico e político da capital da Capitania de Pernambuco, que tinha na produção e exportação do açúcar a sua maior fonte de renda. Com o tempo, foi se consolidando a vila de Olinda, composta por igrejas, conventos e casario colonial imersos na natureza tropical, exibindo vistas e uma configuração do território que dão à cidade uma identidade paisagística inteiramente única.



Mapa 1 – Localização de Olinda, em vermelho a zona histórica. Fonte: Própria, 2022.

Assim, a cidade de Olinda passa a se desenvolver como um importante centro comercial, impulsionado pelo cultivo e comércio da cana-de-açúcar. Seu desenho urbano remonta ao século XVI, com a definição das ruas estreitas e ocupação pelas ordens religiosas ali estabelecidas: os Carmelitas em 1580, os Jesuítas em 1583, os Franciscanos em 1585 e os

Benedictinos em 1586 (MENEZES, 1998). Em 1630, ocorre a invasão holandesa, que escolhem Recife como sua base, e após incendiarem e abandonarem Olinda, realocam suas riquezas para a capital, levando o SHO a anos de desvalorização. Após muitos anos de menosprezo, em 1827, acontece a fundação da Academia de Direito e o alto número de recomendações médicas por banhos de mar em suas praias, o que inicia um novo ciclo de valorização (MENEZES, 1998 e FREYRE, 1980). Assim, a sociedade retoma seu interesse para Olinda, que passa a ser ponto de residências de veraneio, e com o tempo, de residências permanentes.

Mais tarde, em meados do século XX, o nordeste do Brasil inicia uma fase de metropolização e verticalização, com construções e inovações tecnológicas cada vez maiores. A cidade do Recife, ao lado da cidade de Olinda, passava por intenso processo de transformação em seu centro histórico. Aqui, as obras de modernização impuseram a demolição de inúmeras edificações históricas. Segundo José Luiz da Mota Menezes, o Recife sofreu “três grandes mutilações” (apud PONTUAL; CAVALCANTI, 2003), como nas reformas do Bairro do Recife (1911-1926) e na abertura da Avenida Guararapes, mas sendo a maior delas a abertura da Avenida Dantas Barreto, rasgando a cidade.

Essa intervenção, para construção de “uma avenida que liga nada a lugar nenhum”, como é conhecida popularmente, surge do pensamento higienista na época em que a cidade histórica era considerada como ultrapassada e suja. Isso não apenas danificou a cidade na forma material, mas apagou parte da memória e história essencial da cidade que se refletia nessas edificações.

E nesse processo de destruição, os olhares se voltam para Olinda. No começo do século XX, o Sítio Histórico de Olinda já tinha sofrido com a demolição das ruínas do Convento do Carmo, em 1907 e da Igreja de São Pedro Mártir, em 1915, a mando do prefeito de Olinda, Cornélio Padilha, baseado na lei no Código de Postura, que dava respaldo ao município para intervir em qualquer construção que oferecesse “risco devido a ruína”, mas que, na verdade, o interesse era para se construir uma nova via para automóveis (ALBUQUERQUE, 2007, p. 58). A construção dessa via não foi realizada, mas com a destruição causada pela Avenida Dantas Barreto no Recife, se percebeu a ameaça também para Olinda e ressurgiu a urgência de definição de normas de proteção do patrimônio.

Então, em 1962, inicia-se o processo de tombamento e proteção do Sítio Histórico de Olinda, partindo da Diretoria do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (DPHAN). É interessante notar que no início do processo, o analista do pedido de tombamento para Olinda,

arquiteto Augusto de Silva Telles, identificou o SHO com apenas qualidades paisagísticas e urbanísticas.

Nesta área o tombamento seria paisagístico e urbanístico, nele incluindo-se, principalmente, o traçado urbano existente e a vegetação, tanto pública, como particular. [...] Achar que não há possibilidade em ser Olinda tombada como conjunto arquitetônico em sua totalidade. Está ela, muito deturpada. Assim, só paisagístico. (DPHAN, 1962).

É significativo ver o termo paisagem sendo incluído no processo de proteção patrimonial desde o primeiro momento, todavia, como considerar um valor paisagístico sem englobar o conjunto de elementos que compõem aquela paisagem? Retomando o significado de paisagem tratado no Capítulo 1, percebe-se que a paisagem não é apenas a vegetação, como tratado por Telles, e que para se dar continuidade no processo de tombamento, é essencial entendê-la por completo, em seus aspectos naturais, arquitetônicos, históricos e artísticos em memórias sobrepostas, pois as paisagens revelam esta união complementadas no olhar sensível de quem as percebe (VERAS, 2014, p.24). Nesse sentido, é impossível considerar o valor patrimonial de Olinda apenas como os coqueiros e a vegetação típica, sem uni-los com as igrejas, as ladeiras, a arquitetura colonial e a cultura viva ao seu redor, como ressaltado por Michael Parrent, consultor internacional da UNESCO:

Olinda é uma jóia do Brasil [...]. Nela se reúnem admiravelmente a paisagem marinha e a cidade de arte, com uma riqueza de vinte igrejas barrocas e um grande número de casas antigas pintadas em vivas cores. [...] Em Olinda a arquitetura surge dentre os esplendores da natureza tropical. [...] Essa feição esparsa do tecido urbano deve ser absolutamente preservada. Olinda não é uma cidade: é um jardim entremeadado de obras-primas de arte. (apud DELGADO, 1974).

A fala de Parrent alimenta o parecer final que categoriza o Sítio Histórico de Olinda como patrimônio artístico, histórico e paisagístico, atestando a relevância de todo acervo cultural da cidade (BARRETO; LIRA, 2022). Somado a isso, também é ressaltada a preocupação com futuras intervenções, devido ao contexto do “progresso modernista” e ganância imobiliária impostos na época, sinalizando na nova afirmação de Telles:

[...] A cidade aparece, ainda hoje, imersa e envolvida em densa arborização que a enfeita e lhe confere graça excepcional. [...] São poucas as construções irrecuperáveis para um plano geral de restauração. Existem algumas, mas essas se perdem entre as de boa origem, não chegando a comprometer o conjunto. Mesmo na área litorânea, a zona nova, os prédios possuem, no máximo 3 pavimentos. Cremos, por isto, que ainda é tempo de salvar-se Olinda, e urge que isto se faça rápido, antes que a febre imobiliária a descubra e a desfigure por completo. (DPHAN, 1967).

Assim, em 1968, o SHO é tombado nacionalmente pelo IPHAN (na época DPHAN) e registrado em três Livros do Tombo: o Histórico, o de Belas Artes e o Arqueológico. Nesse primeiro processo, diretrizes de proteção “referiam-se à manutenção dos gabaritos, do caráter plástico do casario histórico e da preservação da cobertura vegetal, fixando restrições às novas construções” (BARRETO; LIRA, 2022, s.p), o que, de uma maneira geral, foi uma grande conquista para manutenção do Sítio. Assim, a paisagem da cidade passa a ser entendida de maneira conjunta, e sua percepção valorizada, como atenta J. B. Perrin, um outro consultor internacional da UNESCO, que se refere a visibilidade da colina como um item a ser protegido: “a visão que dela se pode ter do exterior, do mesmo modo que a perspectiva que dela se tem para o exterior, sobretudo para o mar, devem ser objeto de uma proteção absoluta” (DELGADO, 1974 apud BARRETO; LIRA, 2022).

Porém, nos anos seguintes, as discussões sobre o tombamento e preservação do Sítio passam a incorporar preocupações com as características imateriais, “vivas e dinâmicas, que carregam consigo especificidades sociais, econômicas e culturais, importantes de serem salvaguardadas como um sistema de relações” (BARRETO; LIRA, 2022), que mais tarde são reconhecidos como patrimônio na própria constituição.

[...] os bens de natureza material e imaterial, tomados individualmente ou em conjunto, portadores de referência à identidade, à ação, à memória dos diferentes grupos formadores da sociedade brasileira, nos quais se incluem: IV - as obras, objetos, documentos, edificações e demais espaços destinados às manifestações artístico-culturais; V - os conjuntos urbanos e sítios de valor histórico, **paisagístico**, artístico, arqueológico, paleontológico, ecológico e científico. (Art. 216, IV e V, da Constituição Federal Brasileira, 1988).

Em todo esse processo, nota-se algo que conecta e justifica todas as ações tomadas: o uso da *paisagem* como critério. Isso foi especialmente ressaltado pelos consultores internacionais da UNESCO, que trataram o SHO não apenas como um patrimônio frio e estático, mas como um verdadeiro patrimônio cultural vivo que une o construído, a natureza e a arte. E nesse sentido que o Brasil submete um Dossiê (1981) para inscrição do Sítio Histórico de Olinda como bem cultural, buscando o reconhecimento como Patrimônio Mundial da UNESCO - ou Patrimônio Cultural da Humanidade - (UNESCO, 1982). Na justificativa para inclusão do bem na Lista de Patrimônios Mundiais da UNESCO, o Dossiê utiliza definições retratadas no anteriormente citado, “Guia prático, histórico e sentimental da cidade de Olinda”, apresentando o Sítio como:

A cidade guarda sempre sua relação com a paisagem local e com o mar, bem como as características de sua arquitetura vernacular, manifestação cultural herdada de

Portugal e adaptada ao nosso meio, assimilada a ponto de adquirir sua própria personalidade e mantê-la através dos tempos. (Magalhães Aloísio, Secretário De Cultura, Dossiê/Proposta De Inscrição Na Lista Do Patrimônio Mundial Apresentada Pelo Brasil 18 de dezembro De 1981)

Em 1982, reafirmando ao que relataram seus consultores no processo de tombamento nacional, a UNESCO reconhece o *Centro Histórico de Olinda* como Patrimônio Mundial. Tal título não tem ações diretas na legislação de proteção de cada bem, pois isso cabe aos órgãos nacionais, como o governo federal, estadual e municipal, como visto anteriormente. Então, por se tratar de uma organização internacional, a UNESCO precisa definir critérios que sejam aplicáveis e adequados ao mundo inteiro. Nesse sentido, em seu site oficial, é afirmado que “o patrimônio é o nosso legado do passado, o que vivemos hoje e o que transmitimos às gerações futuras”, destacando que “nosso patrimônio cultural e natural são fontes insubstituíveis de vida e inspiração”. Esse princípio é o alicerce da Convenção para a Proteção do Patrimônio Mundial Cultural e Natural, promovida pela Organização das Nações Unidas (ONU) para julgar os bens internacionalmente:

O patrimônio cultural e natural faz parte dos bens inestimáveis e insubstituíveis não só de cada país, mas de toda a humanidade. A perda, por degradação ou desaparecimento, de qualquer desses bens eminentemente preciosos constitui um empobrecimento do patrimônio de todos os povos do mundo. Pode-se reconhecer, com base nas respectivas qualidades notáveis, «*um valor universal excepcional*» a certos elementos do referido patrimônio que, por essa razão, merecem ser muito especialmente protegidos contra os perigos cada vez maiores que os ameaçam. (Convenção do Patrimônio Mundial, 1972, p. 17).

Assim, tendo como objetivo incentivar a identificação, proteção e preservação dos valores universais excepcionais para todo o mundo, a organização define 10 critérios de classificação, descritos na Tabela 2 a seguir.

CRITÉRIO	DESCRIÇÃO
(i)	Representar uma obra-prima do gênio criativo humano.
(ii)	Mostrar um intercâmbio importante de valores humanos, durante um determinado tempo ou em uma área cultural do mundo, no desenvolvimento da arquitetura ou tecnologia, das artes monumentais, do planejamento urbano ou do desenho de paisagem .
(iii)	Mostrar um testemunho único, ou ao menos excepcional, de uma tradição cultural ou de uma civilização que está viva ou que tenha desaparecido.

(iv)	Ser um exemplo de um tipo de edifício ou conjunto arquitetônico, tecnológico ou de paisagem , que ilustre significativos estágios da história humana.
(v)	Ser um exemplo destacado de um estabelecimento humano tradicional ou do uso da terra, que seja representativo de uma cultura (ou várias), especialmente quando se torna(am) vulnerável(veis) sob o impacto de uma mudança irreversível.
(vi)	Estar diretamente ou tangivelmente associado a eventos ou tradições vivas, com ideias ou crenças, com trabalhos artísticos e literários de destacada importância universal.
(vii)	Conter fenômenos naturais excepcionais ou áreas de beleza natural e estética de excepcional importância.
(viii)	Ser um exemplo excepcional que represente processos ecológicos e biológicos significativos da evolução e do desenvolvimento de ecossistemas terrestres, costeiros, marítimos ou aquáticos e comunidades de plantas ou animais.
(x)	Conter os mais importantes e significativos habitats naturais para a conservação in situ da diversidade biológica, incluindo aqueles que contenham espécies ameaçadas que possuem um valor universal excepcional do ponto de vista da ciência ou da conservação.

Tabela 2 – Critérios de classificação para patrimônios mundiais da UNESCO, em verde marcados os critérios em que o SHO foi enquadrado.

Esses critérios apresentam uma variedade do que pode ser considerado um patrimônio, abrangendo bens materiais, imateriais, conjuntos ou elementos isolados. Assim, as candidaturas devem evidenciar como esses locais se enquadram em um ou mais dos dez critérios de seleção, exceto o critério (vi), que não é considerado suficiente por si só para a inclusão na lista. Nesse sentido, o Sítio Histórico de Olinda foi classificado justamente nos dois tópicos (ii) e (iv) que tratam diretamente de *paisagem*, como visto no Quadro 1, que mostra como tais critérios foram adequados à cidade.

Quadro 1 – Critérios da UNESCO adotados para enquadramento do Sítio Histórico de Olinda como Patrimônio

UNESCO		Enquadramento do Sítio Histórico de Olinda
Critério (ii)	Quando o lugar exhibe importante intercâmbio de valores que ocorreram em determinado período de tempo ou área cultural, revelando desenvolvimentos em arquitetura ou tecnologia, artes monumentais, urbanismo ou paisagismo.	O centro histórico de Olinda contém vários edifícios que se destacam do ponto de vista de sua arquitetura, incluindo a Catedral Alto da Sé, a igreja de Nossa Senhora da Graça e exemplos de arquitetura civil dos séculos XVII a XX. A vegetação exuberante forma uma paisagem em que a principal característica é a cidade aninhada em uma massa de vegetação, banhada por luz tropical, com a costa arenosa e o oceano abaixo.
Critério (iv)	Quando se revela como excelente exemplo de um tipo de edifício, conjunto arquitetônico ou tecnológico ou paisagem que ilustra etapas significativas da história da humanidade.	A partir dos últimos anos do séc. XVI, Olinda foi um dos centros mais importantes da indústria canaveira, base da economia brasileira e se tornou símbolo dessa riqueza. O conjunto excepcional de paisagem, urbanismo e arquitetura no seu centro histórico é um reflexo eloquente da prosperidade nutrida pela economia açucareira.

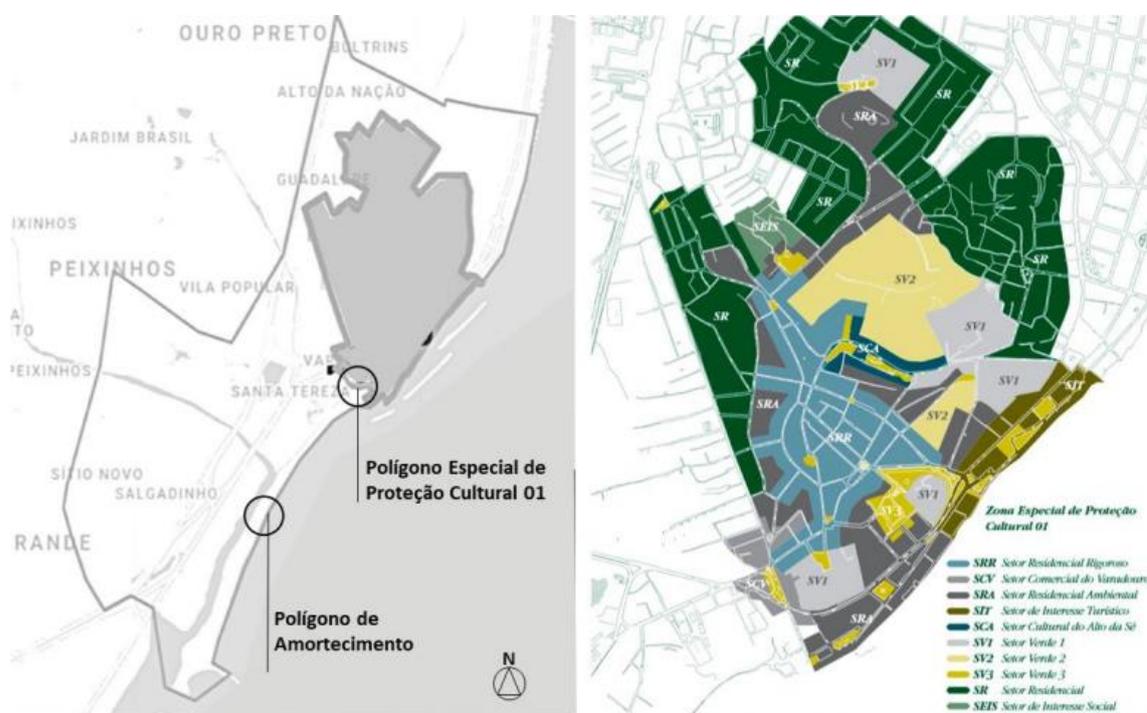
Fontes: UNESCO, 1992, p.20 (tradução livre) e site da UNESCO: <https://whc.unesco.org/en/list/189/> (tradução livre).

Quadro 1 – Critérios da UNESCO enquadrados no SHO. Fontes: UNESCO, 1992, p.20 (tradução livre) e <https://whc.unesco.org/en/list/189/> (tradução livre)

Portanto, o que é considerado como atributo de Olinda, é o conjunto, a união dos elementos que compõem aquela paisagem patrimonial. Ou seja, foi a relação entre arquitetura, vegetação, mar, entre outros, vivenciados pela população, que em 1982 culminou na inscrição de Olinda como Patrimônio da Humanidade, e fez Amadou-Mahar M'Bow, Diretor Geral da UNESCO, registrar em seu discurso:

Olinda foi sempre, como para responder a uma misteriosa vocação, uma cidade de poetas, pintores, escultores, ceramistas, uma cidade de música e dança, em um cenário natural tão suntuoso que não sabemos se é preciso descrevê-la como um conjunto arquitetônico ornamentado de jardins ou como um parque tropical decorado de monumentos (M' BOW, 1983 apud SANTANA & SILVA, 2014, p.150).

Isso resultou na definição do Polígono Especial de Proteção Cultural 01, marcado tanto pelas entidades nacionais quanto pela UNESCO como a área que carregava tais qualidades, e na demarcação da zona de amortecimento, protegendo as bordas do SHO.



Mapas 3 e 4 – Polígono de Tombamento de Olinda: Zona Especial de Proteção Cultural 01 e limite da área de amortecimento. Fontes: Acervo Pessoal, 2021 e Barreto & Milet, 2010, p. 9.

Nesse sentido, a classificação pela UNESCO põe em evidência que para a cidade de Olinda, “o patrimônio a ser protegido se revelava no entendimento transversal da paisagem que reúne aspectos da natureza e da cultura” (FRANCELINO, 2024, p.2). Assim, em 1995, e, portanto, treze anos após a declaratória EM 2982, adota-se a Recomendação R (95) 9 (Iphan, 2004), que amplia o entendimento da proteção como ação de conservação integrada, de natureza e de cultura, retomando a diferença conceitual entre paisagem e paisagem cultural. Segundo a recomendação, a paisagem incorpora “a relação entre território percebido, testemunho do passado e culturas locais, a paisagem cultural é um recorte especial da paisagem, por agregar ao que se define por paisagem, especificidades que lhe atribuem um caráter excepcional” (RIBEIRO, 2007 apud FRANCELINO, 2024). Nesse sentido, surge um desafio para gestão em definir instrumentos de análise e proteção através de tais conceituações para o Sítio Histórico de Olinda.

Portanto, ocupar um lugar na Lista de Patrimônios Mundiais concede uma visibilidade e benefícios significativos, revelando para o mundo uma variedade de bens culturais e naturais que antes poderiam ser deixados de lado e esquecidos, mas que com a atenção internacional se consolidam, sendo incentivados a garantir um bom estado de manutenção para continuar a representar a importância de seus locais. Mas paralelamente, visto os tantos benefícios proporcionados pelo título, como prestação de serviços de consultoria técnica, estudos de viabilidade, entre outros, é necessário o cumprimento rigoroso das exigências estabelecidas pela UNESCO. Periodicamente é realizada uma avaliação para identificar o estado dos Bens, e os Estados-membros são obrigados a submeter relatórios periódicos sobre o estado de conservação dos bens inscritos em seus territórios (UNESCO, site oficial). Esses relatórios ajudam a instituição a monitorar a integridade e a autenticidade dos bens e a identificar possíveis ameaças. Após uma avaliação cuidadosa, os locais que atendem aos critérios continuam com sua designação, mantendo a visibilidade e benefícios significativos. Já os que não atendem, entram para a Lista de Patrimônios em Perigo, sendo notificados caso estejam perdendo seu título. São diversos os motivos para que isso ocorra, como por exemplo, os desastres naturais, conflitos e guerras, urbanização, turismo desenfreado ou outras intervenções que possam comprometer sua integridade. Conforme estipulado na Convenção para a Proteção do Patrimônio Mundial, Cultural e Natural de 1972, os bens ainda podem solicitar uma intervenção especializada para tentar evitar que o local perca seu status. Porém, se não existir solução viável, o título será retirado, como no caso do Vale do Elba em Dresden, na Alemanha.

Entendendo todos esses processos, percebemos que a paisagem vem até certo ponto fundamentando as discussões patrimoniais, e é por isso que é de extrema importância adotar políticas de conservação com esse fim. Assim, uma forma encontrada para iniciar esse processo no SHO foi através do estudo da iconografia histórica da cidade, entendendo o que revelam os pontos de vista através dos séculos, e como ele ajudam a entender as características patrimoniais através do olhar.

3.2 O registro do olhar sobre as vistas históricas de Olinda patrimônio

Entendendo que a paisagem sempre desempenhou um papel central nas discussões sobre o valor patrimonial e tombamento do Sítio Histórico de Olinda, se torna essencial aprofundar essa compreensão, permitindo que a cidade possa ser amplamente trabalhada. Michel Collot (2012) enfatiza, já na primeira frase de sua obra, que "só se pode falar de paisagem a partir de sua percepção", o que também pode ser interpretado de forma invertida, pois só se pode falar em percepção de um patrimônio a partir da paisagem. Nesse sentido, paisagem patrimonial pode ser entendida como o resultado da interação entre passado e presente, servindo também como um guia para o futuro. Portanto, compreender o passado nos ajuda a revelar o futuro e explica o presente, compreensão facilitada pelo exercício do olhar.

Olhar para o passado para entender o presente da Olinda-postal, foi o exercício da pesquisa de Iniciação Científica (PIBIC) de Mariana Ivens (2020 a 2022), intitulada "Olinda, Paisagem-postal: a imagem como linguagem e instrumento de apoio ao monitoramento do estado de conservação do patrimônio mundial" (CARVALHO, 2021, em contribuição com VERAS e FRANCELINO), o levantamento e categorização de 117 iconografias de Olinda, incluindo mapas históricos, pinturas, gravuras e fotografias produzidas entre os séculos XVI e XXI, retiradas de acervos históricos digitais como o Instituto Moreira Salles, Biblioteca Nacional, IPHAN, IBGE e FUNDAJ, e em sites da internet como o "Olinda de antigamente" (Tabela 3). Também serão utilizadas as 65 ilustrações de Manuel Bandeira, presentes no Guia Prático de Olinda (FREYRE, 1980) levantadas pela autora desta pesquisa.

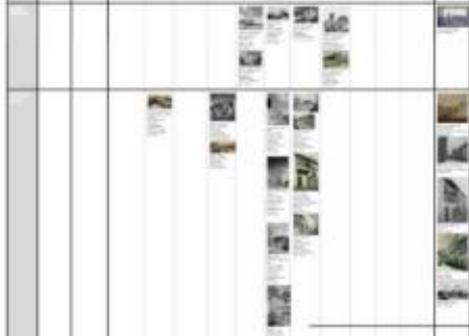
	 <p>Figura 4: Catedral da Sé. Fontes: IBGE, sem data definida e IMS, década de 70.</p>
	 <p>Figura 5: Vistas do Carmo. Fontes: IBGE, sem data definida.</p>
	 <p>Figura 6: Vista para Recife: IBGE, 1955 e IPHAN, 1910.</p>
	 <p>Figura 7: Vista de fora para dentro. Fontes: SIAN, anos 50 e IMS, 1955.</p>
	 <p>Figura 8: As ladeiras. Fontes: IPHAN RJ, 1967 e IBGE, 1957.</p>
	 <p>Figura 9: Mapas. Fontes: Biblioteca Nacional, sem data definida.</p>
	 <p>Figura 10: Vista panorâmica e a Sé de Olinda. Fontes: Biblioteca Nacional, 1880-1885 e IBGE, sem data definida.</p>

Tabela 3 – Imagens levantadas e pontos de vista identificados. Fonte: Carvalho, 2021.

Nessa pesquisa, foi construída a tabela acima que analisou os pontos de vista e enquadramentos que se repetiam através dos séculos, e foram distinguidos 7 pontos que apareciam com mais frequência nos registros de imagem, que consistiam em: (1) Praça do Carmo, (2) Igreja da Sé, (3) Vista para o Recife, (4) Vista para o Alto da Sé, (5) Casas e ruas, (6) Caixa D'Água e (7) Mapas.

Em complemento à tabela, foi encontrada na Rerratificação nº1155/79 (OLINDA, 1985), menções a respeito de *balcões de mirada* no SHO, definindo pontos de observação pública que deveriam ter sua ambiência e visibilidade sem intervenções nocivas à sua conservação. Nisso, foram citados mirantes na Misericórdia, na Sé, no Seminário e na Igreja de Nossa Senhora do Monte, Ribeira, Guadalupe e Farol. O que foi interessante nesse processo foi que, entre os espaços mencionados, encontrava-se um demarcado com o título “*percurso da ladeira detrás da Sé*”, nos mostrando pela explícita referência ao percurso, que esse entendimento já estava registrado como exemplo de que o caminhar também é uma ferramenta de percepção que abre o olhar. Assim, dentro dessa normativa (OLINDA, 1985, p.5), são descritos os Mirantes descobertos pelos registros fotográficos:

- a) Farol, ao pé do Farol de Olinda, com visada sobre a face Norte e Leste da cidade;
- b) Guadalupe, na praça Cons. Miguel Canuto, com visada sobre a face Sudeste e Sul da cidade, com Recife ao fundo;
- c) Misericórdia, no largo do mesmo nome, com visada sobre a face Leste e Sudeste da cidade, com Recife ao fundo;
- d) Ribeira, com duas visadas, um da praça de São Pedro Mártir, sobre a face Leste e Sudeste da cidade, com Recife ao fundo e a outra dos fundos do Mercado da Ribeira, com visada sobre a face Leste e Nordeste da cidade;
- e) Sé, na Praça da Sé, com duas visadas, uma sobre o Horto D’El Rey, e outra sobre a face Leste e sudeste da cidade, com Recife ao fundo;
- f) Seminário, localização ao lado esquerdo da Igreja de N. Sr^a da Graça, com visada sobre a face Leste e Sudeste da cidade, com Recife ao fundo.
- g) Monte, no largo de mesmo nome, com visada de toda a cidade, as praias ao Norte do Município e Recife ao Sul.
- h) Percurso da ladeira detrás da Sé, compreendendo o lado Sul da referida via no trecho entre a Sé e esquina com a ladeira de São Francisco.

Assim, entendeu-se que, pela repetição de registros encontrados, tais *pontos de vista* não foram escolhidos aleatoriamente, mas cada um deles revelava um *conjunto* definido por inúmeros elementos que se repetiam naquela paisagem escolhida porque fez esses registros. Mas quais seriam esses elementos? Berque afirma que a paisagem “é vista por um olhar, apreendida por uma consciência, valorizada por uma experiência, e julgada [...] por uma estética

e uma moral...” (1998, p. 86), portanto o que leva pessoas com diferentes vivências a escolherem os mesmos pontos de observação?

No próprio sumário do Guia Prático, histórico e sentimental de Olinda (FREYRE, 1980) é possível notar vários desses elementos, transpassando entre o material e imaterial, desde a “Igreja do Salvador do Mundo – Sé” até “Jangadeiros”. Assim, apoiada pelos conceitos trabalhados por Collot, no próximo capítulo a pesquisa buscou entender essa dinâmica na cidade de Olinda, incorporando essas visadas já consolidadas por esse acervo encontrados em busca de finalizar a categorização do objeto de estudos da presente pesquisa.

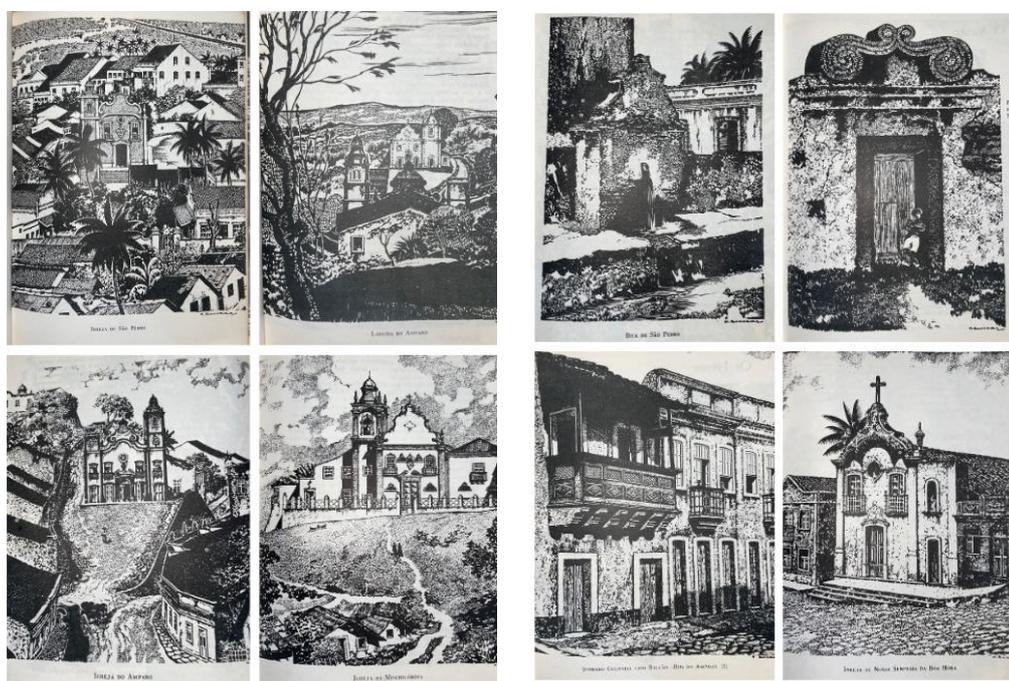


Figura 14 – conjunto de desenhos de M. Bandeira no Guia de Olinda: na esquerda imagens de pontos de vista de conjuntos, e à direita partes. Fonte: Freyre, 1980, p. 7, 43, 13, 18, 92, 87, 45 e 21, respectivamente.

Nesse sentido descobriu-se que algumas paisagens, vistas esteticamente do mesmo ângulo repetidas vezes, apresentavam elementos que permaneceram e resistiram através dos tempos, sendo entendidas como possíveis “paisagens-postais”. O termo é definido por Veras (2014) como paisagens que identificam cidades como “impressões digitais”, com características únicas de um determinado lugar apropriado por alguém, de alguma forma. Portanto, caberia descobrir que paisagens-postais hoje são eleitas pela população de Olinda por suas preferências visuais, se coincidem com as imagens de paisagens registradas nas fotografias históricas e como essas paisagens apontadas hoje poderiam nos ajudar a traçar uma rota patrimonial de apreciação de paisagem da *Olinda-postal*.

4

O MÉTODO

UMA ABORDAGEM PELO OLHAR E PELA EXPERIÊNCIA

Teu céu, teu mar, teus coqueiros,
ruínas, praias, luar,
despertam sonhos fagueiros,
deslumbrando o nosso olhar
(II estrofe do Hino de Olinda)

Neste capítulo, será delineada a metodologia utilizada para a construção de uma "Rota do Patrimônio" no Sítio Histórico de Olinda, fundamentada na interseção entre as teorias de paisagem, sobre as **pausas e percursos**, discutidas no Capítulo 1 e a análise específica do contexto de Olinda, abordada no Capítulo 2. Como objetivo guia desta pesquisa, essa Rota busca integrar um percurso que favoreça a preservação patrimonial constante e inclusiva por meio da identificação e valorização de pontos estratégicos de apreciação da paisagem. Dessa forma, conectando o caminhar com a contemplação, através dos percursos para os balcões de mirada, a experiência será destrinchada a partir das categorias de Cullen, em exercícios de visão serial pela rota, apresentando-a como possível ferramenta de compreensão e conexão social dos elementos essenciais que caracterizam Olinda como Patrimônio Mundial da UNESCO.

Para concretização do projeto, a metodologia adota, a princípio para ausculta da população, a aplicação de entrevista semiestruturada (com opções de respostas e algumas perguntas). A montagem da entrevista adotada consistiu, inicialmente, na análise de imagens históricas (pinturas, mapas e fotografias) de Olinda-Postal, levantadas no Capítulo 2, derivadas do Programa de Iniciação Científica de 2021. Assim, o atual trabalho define 8 imagens-postais, nas quais se é possível identificar elementos e conjuntos de paisagem que compõem o “valor excepcional universal” do bem. Isso revela mirantes que proporcionam o reconhecimento da paisagem patrimonial, capturada pelo olhar, identificando sua relevância e preservação no contexto atual, entendendo inclusive as transformações urbanas que a cidade sofreu.

Em seguida, foi feito um levantamento dos roteiros e percursos existentes em Olinda, como por exemplo os caminhos seguidos por blocos carnavalescos, procissões religiosas e roteiros turísticos. Essa análise permitirá compreender a dinâmica da experiência de percepção já estabelecida na cidade e como esses trajetos influenciam a interação das pessoas com o espaço patrimonial.

Posteriormente, foi montada e realizada uma pesquisa com a população¹ local, a fim de entender se a opinião atual e popular demonstra o mesmo que as leis e imagens históricas. Além disso, as entrevistas foram estruturadas para captar as percepções do público sobre outros aspectos mais íntimos da paisagem, como os sentimentos e memórias, revelando a forma

¹ Vale ressaltar que pela experiência adquirida nos anos de PIBIC, cujos estudos foram trazidos agora para a pesquisa do TC, a presente pesquisa foi submetida ao Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da Plataforma Brasil, cujo procedimentos e protocolo elaborado para a aplicação das entrevistas, foi aprovado (CAAE: 82753024.2.0000.5208).

particular de cada entrevistado experienciar a cidade. Assim, para entender uma variedade de olhares, os escolhidos foram selecionados a partir de 4 categorias: 1. Profissionais de preservação, 2. Profissionais do turismo, 3. Moradores do Sítio Histórico e 4. Visitantes ocasionais. Cada categoria será melhor tratada mais à frente neste Capítulo. Estes, foram escolhidas por representar diferentes perspectivas e vivências dentro do Sítio Histórico. Nesse sentido, foi possível validar as análises realizadas nas imagens históricas e identificar novos pontos de interesse ou preocupações que possam influenciar a definição da Rota.

Cada um desses passos será detalhado nos subcapítulos a seguir. Primeiramente, a análise das imagens será explorada, destacando os critérios utilizados para selecionar essas representações visuais para a entrevista. Em seguida, se apresenta a análise dos roteiros de percursos existentes na cidade, que ajudou a entender a dinâmica já adotada principalmente pelos guias de turismo e tornou possível a elaboração de perguntas adequadas para cada grupo de entrevistados. Depois, será apresentado o público-alvo das entrevistas e as justificativas para a escolha de cada categoria, juntamente com a elaboração das perguntas do questionário, dividindo-as em “verticais e horizontais” (VERAS, 2014) e explorando como elas foram formuladas para obter as informações necessárias.

Por fim, essas questões possibilitaram desenvolver a temática do Capítulo 4, no qual une a análise histórica com a percepção contemporânea da paisagem patrimonial, promovendo a *Rota do Patrimônio*, que será proposta e entendida a partir das categorias de paisagem e exercícios de visão serial de Gordon Cullen. Portanto, ao combinar diferentes fontes de informação e métodos de análise, o objetivo é desenvolver uma ferramenta que não apenas valorize, mas também proteja e potencialize a paisagem patrimonial, não só pelas instituições de conservação e fiscalização, mas por todos aqueles que moram e visitam o SHO, sensibilizando para a importância de sua conservação.

4.1 Definindo imagens de Olinda-postal

Como visto no capítulo 1, em sua própria definição, a paisagem carrega consigo a associação do olhar, sendo um conceito diretamente conectado à percepção imediata e visual, como a porção visível do espaço e suas representações. Ou seja, a partir de representações visuais, sejam fotografias ou pinturas, conseguimos identificar elementos característicos que se unem para formar uma paisagem, pois ela se revela no conjunto formado globalmente (DI

MAIO, BERENGO, 2011). Mas aqui, o que também se torna relevante, é o caminho inverso: o ato de representar pictoriamente a paisagem nos revela quais são os elementos que a compõem, desde os naturais aos antrópicos. Entender essa dinâmica é essencial para se interpretar a cidade histórica de Olinda, pois “a paisagem não é a simples adição de elementos geográficos disparatados. É, em uma determinada porção do espaço, o resultado da combinação dinâmica, portanto instável, de elementos físicos, biológicos e antrópicos” (BERTRAND, 2004, p.141), o que se ressalta ainda mais em um bem patrimonial.

Assim sendo, a imagem entra como linguagem ao tentar decodificar a história e significado em cada instrumento de representação de paisagem de Olinda. Dessa forma, buscou-se selecionar algumas imagens, em diferentes épocas e ângulos, que se repetiam ao longo dos séculos, utilizando-se dos pontos de vista a partir das iconografias levantadas por Carvalho (2021). A partir dessa seleção, foram identificados os elementos que compõem tais representações, a fim de definir algumas “imagens-postais” da cidade. Isso é possível pois o “ponto-de-vista escancara a apreensão daquilo que se vê de forma panorâmica (VERAS, 2014, p.121). Nesse sentido descobriu-se que algumas paisagens, vistas do mesmo ângulo, apresentavam elementos que permaneceram e resistiram através dos tempos, sendo entendidas como possíveis “paisagens-postais”.

Para isso, foi preciso a experiência empírica para se complementar com as pesquisas históricas. Assim, foram realizadas diversas visitas de campo à Cidade Alta, apreendendo maior conhecimento do local trabalhado e identificando alguns pontos de vista que aparecem nas representações históricas, para comparação dos elementos que persistem no passado e presente. Portanto, entende-se que em um bem patrimonial isso se ressalta ainda mais, o que estimula a busca de tais combinações.

Desse modo, através das visitas e da repetição, foram encontrados e definidos 8 elementos de paisagem como os mais característicos e recorrentes de Olinda. Foram esses: 1. Alto da Sé, 2. Casario histórico, 3. Igrejas e religião, 4. Vegetação típica, 5. Mar, 6. Carnaval, 7. Vista para o Recife e 8. Vista para Olinda, exemplificados abaixo.

1. Alto da Sé e a repetição do tema em diferentes registros de diferentes momentos.



Figura 15 – conjunto de representações iconográficas da Igreja da Sé. Fontes: Freyre, 1980, p.63; Biblioteca IBGE, [s.d]; Biblioteca IBGE, 1952; Biblioteca IBGE, [s.d]; Biblioteca IBGE, [s.d]; Biblioteca IBGE, 1920 e IMS, 1970.

2. Casario histórico e tipologia urbana e a repetição do tema em diferentes registros de diferentes momentos.



Figura 16 – conjunto de representações iconográficas do casario histórico e da tipologia urbana. Fontes: Freyre, 1980, p.47; Biblioteca IBGE, 1957; Acervo FUNDAJ, 1930; IPHAN, 1967; IPHAN, 1977.

3. Igrejas e símbolos religiosos e a repetição do tema em diferentes registros de diferente momentos.



Figura 17 – conjunto de representações iconográficas de diferentes igrejas de Olinda. Fontes: Freyre, 1980, p.87; Olinda de antigamente, [s.d]; Freyre, 1980, p.43; Flick, 1580 e IPHAN, 1910.

4. Vegetação típica e a repetição do tema em diferentes registros de diferentes momentos.



Figura 18 – conjunto de representações iconográficas da vegetação típica de Olinda. Fontes: Freyre, 1980, p.11; Biblioteca IBGE, 1957; Biblioteca IBGE, [s.d]; Freyre, 1980, p.29 e Biblioteca IBGE, 1957.

5.Mar e a repetição do tema em diferentes registros de diferentes momentos.



Figura 18 – conjunto de representações iconográficas da do mar em Olinda. Fontes: Freyre, 1980, p.27; Olinda de antigamente, [s.d]; Biblioteca Nacional, 1817; Gillis Peeters, 1595 e Olinda de antigamente, [s.d].

6.Carnaval e a repetição do tema em diferentes registros de diferentes momentos.



Figura 19 – conjunto de representações iconográficas do Carnaval. Fontes: Acervo PMO, [s.d]; Arquivo/DP/D. A Press, 1970; Diário de Pernambuco, [s.d]; Arquivo/DP/D. A Press, 1990; Arquivo/DP/D. A Press, [s.d].

7. Vista para o Recife e a repetição do tema em diferentes registros de diferentes momentos.



Figura 20 – conjunto de representações iconográficas da vista para Recife. Fontes: IPHAN-RJ, 1981; Richardson Everett, 1970; IPHAN, 1938; Gráficos Brunner LTDA, 1970 e IPHAN, 1910.

8. Vista para Olinda e a repetição do tema em diferentes registros de diferentes momentos.



Figura 21 – conjunto de representações iconográficas para a vista de Olinda. Fontes: IPHAN-RJ, 1981; Arquivo Nacional, 1950; Museu do Estado de Pernambuco, 1630; IMS, 1955; Marcel Gautherot, 1955 e Acervo desconhecido, disponível em Olinda Nossa, 2020.

Alguns desses elementos são identificados também no próprio processo de tombamento do SHO, como o mar, as igrejas e o casario:

A cidade guarda sempre **sua relação com a paisagem local e com o mar**, bem como as características de sua arquitetura vernacular, manifestação cultural herdada de Portugal e adaptada ao nosso meio, assimilada a ponto de adquirir sua **própria**

personalidade e mantê-la através dos tempos. (Magalhães Aloísio, Secretário de Cultura, na apresentação da proposta à UNESCO para inclusão de Olinda na Lista do Patrimônio Mundial, apresentada pelo Brasil 18 de dezembro De 1981).

No processo de trabalho, foram feitas inúmeras fotografias durante as visitas, nas quais buscou-se ângulos e imagens que apresentassem tais elementos, separadamente ou em união (como partes ou conjuntos, recomendados por Collot). A disposição dos elementos e a quantidade em cada foto traz a reflexão sobre o que realmente torna uma paisagem-postal identitária. Por exemplo, será que ao se mostrar uma igreja isolada, como a Igreja da Sé – um dos elementos mais marcantes da cidade –, sem nenhum cenário como pano de fundo, as pessoas reconheceriam aquela paisagem como Olinda? Ou apontar uma vegetação tropical abastada de coqueiros, mas sem nenhuma edificação histórica do sítio, basta para caracterizar a Olinda-postal? Ao se realizar um exercício de comparação de um mesmo elemento (Figuras 22 e 23), primeiro de forma isolada e depois com todo seu conjunto que o cerca, é fácil perceber como o elemento se confunde quando isolado.



Figura 22 – Comparação Olinda x Ouro Preto. Fontes: patrimônioespíritual.org, 2019; Matti Blume, 2015; patrimônioespíritual.org, 2019 e Daniela Vieira, 2023.



Figura 23 – Comparação Olinda x Paraty. Fontes: Ekaterina Belova/Getty Images, 2023 e Estratégia Concursos, 2024.

Na primeira análise, para aqueles que são especialistas ou têm contato frequente com a Igreja de Santa Efigênia do Alto da Cruz em Ouro Preto ou com a Igreja do Carmo em Olinda, ou entendem de estilos arquitetônicos, é fácil perceber a diferença entre as duas imagens. Mas para quem não é da área se torna custoso definir que igrejas são aquelas ou aonde elas se localizam. Porém, ao abrir a visão e situar cada igreja em seu contexto, se torna bem mais fácil reconhecer a Igreja no topo dos montes de Ouro Preto ou a Igreja saltando da vegetação em frente ao azul do mar ao fundo em Olinda. Ou na comparação seguinte entre as casas de uma rua em Paraty e as casas numa ladeira no SHO, que em um recorte aproximado podem parecer que estão em situações semelhantes, mas ao ampliar a imagem logo se descobre diferentes contextos.

Dessa forma, retomando os conceitos de Collot (2013) tratados anteriormente, foram selecionadas 8 imagens (Quadro 2) como possíveis paisagens-postais de Olinda, número trazido por Veras (2014, p.187) que faz menção às séries de pinturas das “Oito Vistas” do gravurista japonês Ando Hiroshige (1797-1858), citado por Berque (2010, p.11, apud VERAS, 2014, p.187), como um número que se revela suficiente para mapear a paisagem de um lugar e fazê-lo ser reconhecido. Portanto, com o intuito de entender a percepção da população a respeito das paisagens, cada imagem representa ao menos um elemento dos identificados acima, pois dessa forma, espera-se identificar se algum se sobressai diante de outro, quais são indissociáveis e qual a relação direta que eles têm com que o identifica e reconhece como de Olinda, retomando o conceito antropológico da paisagem.

Quadro 2 - 8 Imagens escolhidas para entrevista. Fontes: **Imagem 1:** Olinda e Recife - Foto: Alfeu Tavares/Folha de Pernambuco, 2017 - **Imagem 3:** Folha de São Paulo, 2023 - **Imagem 7:** Casa Criatura - **Imagens 2, 4, 5, 6, e 8:** Daniela Francelino, 2021/2022/2023.



Imagem 1 - Vista topo Ladeira da Misericórdia



Imagem 2 - Igreja da Sé



Imagem 3 - Carnaval na Ladeira da Misericórdia



Imagem 4 - Vista Largo do Amparo



Imagem 5 - Vista do terraço da Igreja da Sé



Imagem 6 - Casa dos Bonecos de Olinda



Imagem 7 - Rua do Amparo



Imagem 8 - Vista do Mercado da Ribeira

4.2 Identificando rotas existentes: religiosa, carnavalesca e turística

Após a análise e definição das imagens-postais, seguiu-se para um maior entendimento de Olinda a partir da experiência do corpo em seu deslocamento no espaço, exercício já executado pelos roteiros turísticos, pelos moradores em suas atividades do cotidiano, pelos técnicos que trabalham com o patrimônio e visitantes. Aqui, andam juntos um entendimento da paisagem pela arte a partir do olhar favorecido pela *pausa* e pela experiência do deslocamento, que atribuímos ao *percurso* que o deslocamento desenha. Ambos as dimensões andam juntas associando arte e experiência como definido por Veras (2014, p. 122):

A paisagem captada pela arte e, portanto, por um apurado olhar estético [...] elege determinadas paisagens como ‘cartões-postais’ e **a paisagem da vida vivida, da experiência e proximidade das coisas, que para além do distanciamento de uma captura, é aquela que possibilita a participação** [é] “o espaço do sentir, ou seja, o foco original de todo o encontro com o mundo.” (BESSE, 2006, p.80, apud VERAS, 2014, p.122).

Nesse sentido, como mais uma forma de análise, antes pela *pausa*, agora pelo *percurso*, foram levantados alguns roteiros feitos atualmente no Sítio Histórico de Olinda, marcando suas pausas, mas analisando principalmente os caminhos que levam de um ponto ao outro, tratando a “errância como arquitetura da paisagem”, como afirma Careri (2002). Para isso, devido a todo conhecimento adquirido a respeito da cidade de Olinda, foram escolhidas 3 categorias de rotas para essa análise, pela representatividade externa que cada uma traz da cidade: Religiosa, Carnavalesca e Turística.

- **Religiosa:** Freyre (1980, p.106) define Olinda como “uma cidade de procissões”. Ele escreve sobre como “subindo e descendo ladeiras, elas enchem a velha cidade dos seus roxos e verdes litúrgicos e do brilho de pratas de igrejas e de irmandades antigas e espalham cheiro de incenso”.



Mapa 4 – Percurso da Procissão do Encerro e do Senhor Bom Jesus dos Passos. Fonte: própria, 2024.

Nesse sentido, iniciando com a perspectiva religiosa, tratou-se de duas das procissões mais tradicionais do SHO, que em 2023 completaram 250 anos: a Procissão do Encerro e a Procissão do Senhor Bom Jesus dos Passos. Durante a Semana Santa, ambas ocorrem e se destacam pela relevância histórica e pela conexão entre seus percursos interligados, diferenciando-se apenas pelos pontos de partida e chegada, mas passando por todos os seguintes pontos: *Igreja do Carmo - Av. Liberdade - Rua 27 de Janeiro - Rua de São Bento - Rua Bernardo Vieira de Melo - Quatro Cantos - Rua do Amparo - Largo do Amparo - Rua Saldanha Marinho - Rua Bispo Coutinho - Igreja da Sé*, demarcados no Mapa 4.

Nesse sentido, a primeira procissão que ocorre é a do Encerro, que segue o fluxo da Igreja do Carmo para a Igreja da Sé, representando o refúgio de Cristo quando ele foi rezar com seus discípulos sabendo da traição de Judas. Nesse momento a imagem de Jesus segue até a Sé coberta com um pano roxo (Figura 24). Já na do Senhor dos Passos, é lembrado os passos dados por Jesus até chegar no calvário, onde foi crucificado, lembrando o Horto das Oliveiras, a sua prisão, o flagelo, a coroação de espinhos, sua sentença, o encontro com Nossa Senhora e o Calvário, então é seguido o caminho, levando a imagem de Cristo, agora descoberta, de volta para o Carmo (Figura 25). Essa interligação de trajetos revela a relação entre a paisagem urbana e a prática religiosa, e como essas procissões também moldam a experiência e a percepção do espaço patrimonial em Olinda, sendo o próprio espaço condicionante para a realização dessas cerimônias.



Figura 24 – Procissão do Encerro – Saída (Carmo). Fonte: própria, 2024.



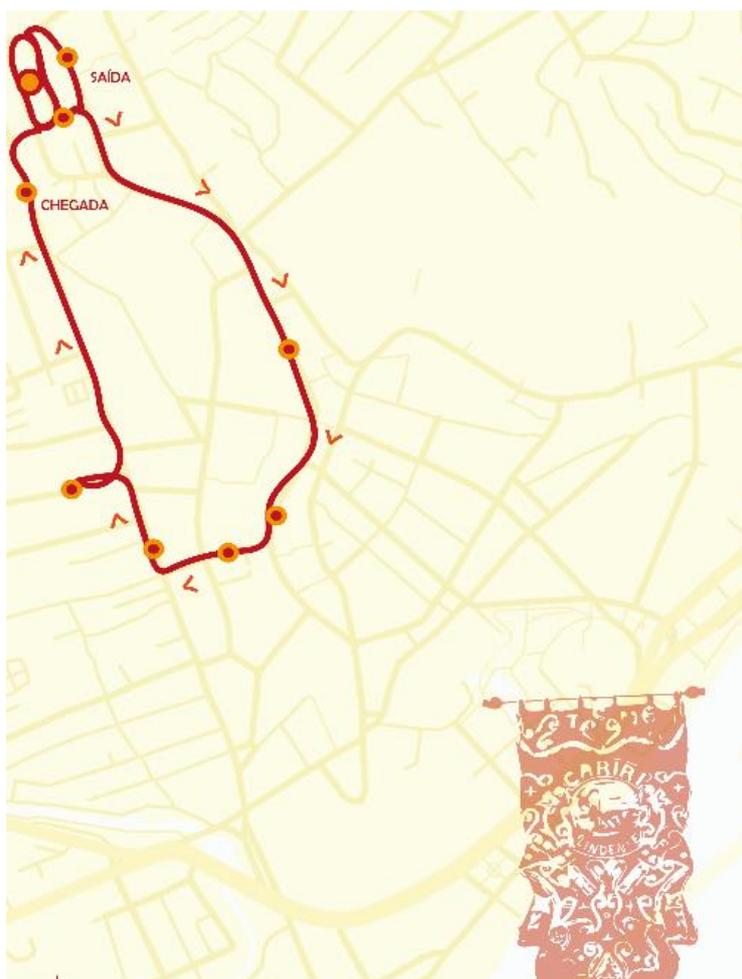
Figura 25 – Procissão dos Passos – Saída (Sé). Fonte: própria, 2024.

- **Carnavalesca:** para este momento foram escolhidos 4 dos blocos mais antigos de Olinda: o Cariri, o Homem da Meia-Noite, as Pitombeiras e a Ceroula. Além do seu caráter tradicional, é interessante mostrar como os hinos das troças cantam sobre os caminhos que percorrem,

revelando o ato como exemplar de cultura. O ato de percorrer durante o carnaval faz parte da essência da festa, nessa época o sujeito e o ambiente se tornam um, pois os estandartes guiam os foliões pelas ruas como um fluxo sanguíneo para uma cidade como coração, numa relação de mutualidade. Também é importante pontuar que o percurso dos blocos sofre leves alterações ano a ano, mas geralmente mantêm seus pontos de partida e algumas paradas já consolidadas, por isso, foi analisado o traçado percorrido no ano de 2024.

- Cariri, 1921:

*Lá vem Cariri ali
Com saco de pegar criança
Pegando menino e moça
Pegando tudo que a vista alcança
(Hino do Cariri Olindense)*



Mapa 5 – Percurso de carnaval da Troça Carnavalesca Mista Cariri Olindense em 2024. Fonte: própria, 2024.

A troça mais antiga de Olinda, a Troça Carnavalesca Mista Cariri Olindense, tem forte significado para os foliões, foi a primeira a abrir o carnaval com seu desfile às 4h da manhã do domingo. Seus símbolos são o velho do Cariri, o burrinho e a chave, que foi criada pelos fundadores da troça em 1921 e existe até os dias de hoje. Em 2016, o bloco recebeu o título de Patrimônio Vivo de Pernambuco devido a sua importância. Tem sua sede na rua Cândida Luísa, nº60 no bairro do Guadalupe, de onde inicia seu percurso no carnaval. No mapa 5 foi marcada a rota realizada em 2024, que teve início e fim na sua sede, localizada na Rua Cândida Luísa, nº60 no Guadalupe.

- Homem da Meia-Noite, 1932:

*Lá vem o Homem da meia-noite
Vem pelas ruas a passear
A fantasia é verde e branca
Para brincar o carnaval*

(Hino do Homem da Meia-noite - mestre Bernardino da Silva)

Uma das mais antigas agremiações a circular nas ladeiras do Sítio Histórico de Olinda, conhecida pelo icônico boneco gigante do Carnaval de Olinda. Para desbancar o Cariri, que até então abria o carnaval de Olinda, o Homem saiu na 00h do sábado de Zé Pereira, 4 horas antes do seu antecedente, abrindo a festa desde então. Um tempo depois se reconciliou com o Cariri Olindense, e lhe entrega as chaves da cidade após o seu desfile horas depois. A sede do bloco ficava na Rua do Amparo, nº 31. Atualmente localiza-se em frente à Igreja de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos, no Bairro do Bonsucesso. Neste ano, o percurso do bloco se iniciou na Sede Social do Homem da Meia Noite e finalizou na Rua Nossa Senhora de Guadalupe, como visto no Mapa 6.



Mapa 6 – Percurso de carnaval do Bloco do Homem da Meia-Noite em 2024. Fonte: própria, 2024.

- Pitombeiras, 1947:

*Se a turma não saísse
Não havia carnaval
[...] Não vá chorar o meu rapaz
Que para o ano ainda tem mais
(Hino das Pitombeiras)*



Mapa 7 – Percurso de carnaval da Troça Carnavalesca Mista Pitombeira dos Quatro Cantos em 2024. Fonte: própria, 2024.

A Troça Carnavalesca Mista Pitombeira dos Quatro Cantos foi fundada por foliões dos bairros do Amparo e dos Quatro Cantos, sendo um dos blocos mais famosos com um hino entre os mais repercutidos no carnaval, que canta sobre a saída para a festa, e sobre o triste retorno para finalização, mas que já em 7 de setembro anuncia a abertura das prévias do carnaval. Sua sede fica localizada na Rua 27 de Janeiro, nº 128 do bairro do Carmo, no famoso “Quatro Cantos”, epicentro do Carnaval olindense, que estampa o centro de seu estandarte. (Mapa 7).

Após o estudo desses blocos, foi realizada uma sobreposição dos caminhos percorridos por eles (Mapa 8), a fim de identificar quais os pontos mais frequentes nesses percursos do carnaval.



Mapa 8 – Sobreposição dos trajetos percorridos pelo Cariri, Homem da Meia-Noite e Pitombeiras em 2024. Fonte: própria, 2024.

Assim, ao sobrepor os mapas, é possível identificar as áreas de maior concentração e movimento durante as festividades, nas quais os blocos se cruzam, destacando os locais que têm uma importância simbólica e cultural no Carnaval, sendo rotas quase obrigatórias para os blocos. Tal análise revelou 2 pontos de atenção: os Quatro Cantos de Olinda e o bairro do Guadalupe. Os Quatro Cantos já era um ponto importante esperado, pois o cruzamento das ruas Bernardo Vieira de Melo e Prudente de Moraes na descida da Ladeira da Misericórdia, é chamado assim justamente por ser o mais conhecido ponto de convergência e encontro da cidade, e não existe folião que não escute Alceu

Valença cantando que “nos Quatro Cantos cheguei, todo mundo chegou, descendo ladeira, fazendo poeira atijando o calor”.

Já o outro ponto revelado foi o bairro do Guadalupe, sede de inúmeras agremiações tradicionais da cidade. Essa região é uma parte mais íntima do SHO, frequentada por moradores e não muitos visitantes, então é interessante assistir os blocos conduzindo pessoas de fora à suas origens.

- **Turística:** os roteiros turísticos, também se associam à paisagem, talvez de uma forma diferente, usando-a como mercadoria por algumas agências turísticas, o que Besse exemplifica novamente com a paisagem como função e produto social.

Essa relação paisagística com o mundo, na verdade, acompanhou o surgimento e o desenvolvimento do capitalismo, ou seja, a transformação do território ao mesmo tempo em mercadoria e espetáculo a ser contemplado visualmente do exterior, do alto de um mirante, por exemplo. (BESSE, 2014, p.65)

Dessa forma, foram levantados alguns roteiros, para entender essa visão, o primeiro foi de uma iniciativa promovida pela prefeitura chamada “Trenzinho de Olinda”, criada em 2011. Esse passeio era realizado em um carro que imitava uma locomotiva, promovendo um circuito de 50 minutos, programado para 11 paradas, como demonstrado na Figura 26. Alguns anos depois, o formato do “Trenzinho” foi substituído por um outro tipo de veículo chamado de “Jardineira”, devido a um acidente que ocorreu, justamente por aquele tipo de transporte não ser adequado para a cidade alta. Esse tipo de iniciativa tem suas vantagens, como a acessibilidade e facilidade para grupos com crianças e idosos, como também proporciona uma oportunidade rápida de entrar no SHO para visitantes sem tempo. Entretanto, nota-se que tal tipo de ação promove uma espetacularização da cidade, e aqueles que a fazem apenas enxergam a cidade como um cenário bonito, uma paisagem formosa, mas que sem todas suas nuances se torna tão bonita quanto qualquer outro lugar. Hoje em dia, o mesmo percurso ainda é realizado pelas “jardineiras”, conduzindo um grupo de visitantes orientados por um guia turístico que explica rapidamente os pontos em que param.



Figura 26 – Percurso do “trenzinho de Olinda”. Fonte: Prefeitura de Olinda, 2011.

define o público que a visita, e se feito em massa, o turismo pode ser predatório e danificar os locais que atingem. Inclusive na própria divulgação da cidade, foram encontradas em alguns sites turísticos imagens de “Olinda” feitas por inteligência artificial (IA), que podem até apresentar os elementos característicos da cidade, mas não chegam perto de demonstrar a paisagem de Olinda, comprovando o quão único é o conjunto.



Figura 28 – conjunto de fotos feitas por inteligência artificial usadas para representar Olinda. Fontes: Turismo Penha, 2024 e Iscom, [s.d].

Nesse sentido, quanto mais cuidadoso e íntimo o roteiro e a divulgação, mais pessoas ligadas a história do sítio são criadas, em uma prática positiva para a conservação, pois aquilo que se é especial para alguém, é cuidado por tal. Assim, foi através dessa análise pelas pausas e pelos percursos, nos três âmbitos tratados, e da sua união com a análise das imagens, que se tornou possível estruturar um questionário que proporcionará a comprovação pela palavra da população a respeito das impressões desenvolvidas até aqui.

4.3 Construindo a entrevista

Retomando ao que afirma Veras sobre a paisagem percebida pela arte que vem do senso estético e pela experiência dos que vivenciam os lugares, a relação entre estas duas dimensões só se estabelece a partir “daqueles que, vivenciando e se aproximando das coisas e da paisagem” conseguem eleger aquelas que são mais significativas para uma determinada população (VERAS, 2014, p.122). Isso é considerado na Convenção Europeia da Paisagem, que explicita a “incorporação da apreensão de paisagem pela população e a inserção de paisagens da vida cotidiana no conjunto do que se deve considerar para proteger, gerir e ordenar” (VERAS, 2014, p.133). Nesse sentido, com o levantamento das paisagens e rotas mais notáveis (pela arte,

história, excepcionalidade e beleza), neste momento se torna necessário o entendimento que vem da população acerca de suas preferências.

Unindo as informações descobertas acima, surgiram questões a serem respondidas pela população. As 8 imagens escolhidas realmente correspondem ao que podemos chamar de Olinda-Postal? Os roteiros turísticos existentes fazem uma rota que permite uma boa compreensão da cidade? Quais os caminhos que não são revelados por eles? Quais as portas de entrada do SHO? Existem balcões de mirada no Sítio? Como os diferentes olhares interpretam Olinda? Assim, para responder a esses e outros questionamentos, trabalhando com a percepção da população, foi montada uma entrevista dividida em 4 sessões, com “questões horizontais” que atravessam todos os grupos de entrevistados, e depois com “questões verticais”, que se limitam aos grupos específicos de entrevistados, seguindo a metodologia de Veras (2014), compondo assim o questionário a ser aplicado para 20 participantes.

4.3.1 Perfis de amostragem

Primeiramente, é necessário definir quem irá responder aos questionamentos, e o único pré-requisito geral é já ter visitado o Sítio Histórico de Olinda ao menos 1 vez. Para complementar esse condicionante, entende-se que o olhar do senso comum também precisa ser inserido ao lado do olhar técnico e artístico do especialista, como uma forma relevante de compreender a paisagem, como referido na Convenção Europeia da Paisagem. Logo, como a entrevista pretende desvendar a cidade histórica de Olinda através do olhar e da percepção, buscou-se definir amostras populacionais específicas, para atingir o objetivo esperado, algo ainda mais recomendado ao realizar pesquisas que envolvem imagens, pois:

O “aprender” não é somente necessário para um reconhecimento básico, ele está também envolvido diferencialmente na **percepção de detalhes significativos** [...]. **Suas percepções, sua habilidade para especificá-lo e descrevê-lo, e o sentido que eles dão a ele são diferentes, devido a suas biografias individuais.** Tais variações perceptuais complicam toda explicação objetivista ingênua da fotografia como se ela fosse um registro sem ambiguidade. A informação pode estar na fotografia, mas nem todos estão preparados para percebê-la em sua plenitude (LOIZOS, 2008, p.141).

Buscando a variedade de pontos de vista, emprega-se a “segmentação definida como “grupos naturais”, que partilham de interesses e/ou valores semelhantes, sem o rigor de uma amostra probabilística” (BAUER & GASKELL, 2008, p.69 apud VERAS, 2014, p.167). Para isso, captando diferentes olhares para garantir a representatividade dos dados e das descobertas,

foram definidos quatro grupos de análise, de forma estratégica, a partir do conhecimento adquirido sobre Olinda:

G1 - Profissional do Turismo (Guia local, agência de turismo, turismólogos etc.): A escolha desse grupo busca uma perspectiva prática e direta sobre a percepção de Olinda, pois deduz-se que esses profissionais tendem a adotar uma visão mais impessoal e capitalista, focada na comercialização da experiência turística. Os guias podem revelar como a cidade é consumida, além de identificar quais aspectos da paisagem e cultura local são mais valorizados e explorados no contexto turístico para o público externo.

G2 - Profissional de Preservação (Arquitetos, Historiadores, Engenheiros etc.): Esses especialistas possuem um entendimento técnico e histórico das edificações e da paisagem urbana. Sua perspectiva permite a compreensão do olhar acadêmico, da gestão e das intervenções feitas para preservar o patrimônio, oferecendo também uma visão mais teórica e técnica para com a cidade.

G3 - Morador do Sítio Histórico: Os residentes do SHO têm uma relação cotidiana e emocional com o espaço, que lhes confere uma percepção única e íntima sobre a evolução da paisagem e as transformações que aconteceram ao longo do tempo. Esse grupo é o mais significativo de todos para uma compreensão verdadeira da cidade histórica, pois eles *são* a paisagem da vivência cotidiana. Em Olinda especificamente, muitos dos moradores são artistas, atuam como guias nativos e participam de grupos de conservação da cidade, portanto fornecem uma perspectiva mais pessoal, mas completamente respeitada e embasada, descrita pelo próprio M'Bow na cerimônia de declaração da cidade como patrimônio da UNESCO:

Olinda é uma cidade privilegiada – pois sua população lhe é profundamente ligada tanto por sua fé quanto por suas tradições. E ela está decidida – está é minha convicção – a desenvolver o esforço permanente que exigem os trabalhos necessários à sua proteção. (M'Bow, 1983 apud SILVA, 2011, p.15)

G4 - Visitante ocasional do Sítio Histórico: O último grupo escolhido oferece uma perspectiva externa e algumas vezes mais espontânea sobre Olinda. São pessoas que mesmo sem contato frequente com o SHO guardam impressões valiosas para entender como ele é percebido por aqueles que a visitam esporadicamente, captando as primeiras impressões e a imagem que o mundo recebe.

Assim, espera-se que cada categoria represente esses diferentes olhares sobre os elementos apresentados de Olinda, e que tragam novidades e perspectivas que estudos teóricos e impessoais não conseguem proporcionar.

Após definir os grupos e tipos de pessoas a serem entrevistadas, outro importante tópico é o número escolhido. Para definição dessa amostra, existem alguns pontos a serem levados em consideração, como o tipo de perguntas a serem aplicadas. Em casos de perguntas abertas, e pesquisas qualitativas, a análise se torna mais densa, pois cada entrevistado se sente livre para se expressar mais profundamente. Porém, para ajudar a selecionar um quantitativo adequado, Veras (2014, p.170) une as propostas de Bauer e Gaskell com as de Bardin, concluindo que mesmo em questões abertas existe um padrão de repetição de tópicos depois de um certo número de respostas. Portanto, o número definido por Bauer e Gaskell (2008, p.71, apud VERAS, 2014, p.170) é entre 15 e 20 entrevistados, e o definido por Bardin (BARDIN, 1977, p.219, apud VERAS, 2014, p.171) é entre 15 e 30. Essa amostra se refere a cada grupo selecionado para pesquisa, e não o número final total, o que aplicado a esta pesquisa que se estrutura para 4 diferentes grupos, resultaria em o mínimo total de 60 pessoas. Contudo, isso se torna impraticável para um Trabalho de Conclusão de Curso, visto o tempo e âmbito do tipo de entrega. Dessa forma, fez-se uma adaptação, e se considerou todos os grupos de forma unificada, entendendo-os como apenas um grande grupo de amostra. Assim, o número selecionado para o total de entrevistados foi 20 pessoas, um valor médio entre as duas faixas definidas pelos teóricos e que permite a divisão de 5 pessoas para cada subcategoria. Por fim, com a amostra definida, partiu-se para a montagem das questões a serem apresentadas.

4.3.2 Definição das questões: verticais e horizontais

Após a definição da amostra, a pesquisa se inicia com a coleta de dados dos participantes, para entender o contexto de cada um, como qual a área de atuação, moradia e faixa etária de cada um. Em seguida, o questionário apresenta as chamadas perguntas verticais, que são as específicas por grupos, “explorando-se o espectro de opiniões que naturalmente poderiam surgir entre os entrevistados de distintas categorias” (VERAS, 2014, p.200). Portanto, foram construídas 2 perguntas verticais para cada categoria, sendo elas:

<i>Perguntas verticais</i>
<i>G1 - Profissional do Turismo:</i> Qual o percurso mais procurado pelos viajantes? Qual percurso e paradas você mais gosta de mostrar para as pessoas?
<i>G2 - Profissional Técnico ou de Preservação:</i> Que percursos e que pausas você sugere para um roteiro do olhar? / Como esse roteiro é hoje protegido pela gestão?
<i>G3 - Morador do Sítio Histórico:</i> Quais são seus lugares preferidos para apreciar a vista da cidade? Quando você recebe uma visita, para onde você a leva no SHO?
<i>G4 - Visitante ocasional do Sítio Histórico:</i> O que você guarda de recordação de Olinda e lhe faria voltar? O que lhe chamou mais atenção, os percursos ou o parar para observar

Em seguida, introduz-se as questões horizontais, que são definidas como aquelas “submetidas igualmente para todos os entrevistados, para [...] aferir o conjunto das entrevistas como um todo” (VERAS, 2014, p.199). Ao apresentar a diferentes grupos os mesmos questionamentos, se torna possível captar e decifrar uma variedade de olhares sobre o SHO, além de garantir a representatividade dos dados e das descobertas. Dessa forma, foram criadas 3 sessões diferentes: 1. Análise sobre imagens; 2. Análise sobre rotas; 3. Análise sobre percepção.

Sessão 1 - Análise sobre imagens: Começar com a análise pela imagem teve também a pretensão de “desarmar” o sujeito, como comenta Veras (2014, p.176), pois ao ser apresentado às fotografias, ele reconhece as imagens, em seus formatos, cores e texturas, além do seu próprio conteúdo. Assim, apresentando de forma pictórica o Sítio Histórico de Olinda, logo se desperta o sentimento de familiaridade com o lugar, e os sentimentos que serão apreciados e recolhidos mais à frente, conduzindo já aqui, o entrevistado a refletir e manifestar sua noção de paisagem:

A fotografia, adequadamente aumentada, pode servir como um desencadeador para evocar memórias de pessoas que uma entrevista não conseguiria, de outro modo, que fossem lembradas espontaneamente, ou pode acessar importantes memórias passivas, mais que memórias ativas, presentes. (LOIZOS, p.143, 2008).

Neste seguimento, como visto anteriormente, as imagens escolhidas se referem às paisagens consolidadas no imaginário pela repetição dos registros pictóricos e principais pontos de vista para o Sítio Histórico. Essas foram ordenadas pelos entrevistados sob dois aspectos: paisagens que mais *identificam* a cidade de Olinda e paisagens da Olinda histórica que mais *emocionam* os entrevistados.

Sessão 2 - Análise sobre rotas: Aqui o foco está na percepção pela experiência no espaço, mais precisamente no ato de percorrer, complementando a análise da percepção pelo olhar na

sessão anterior, pois como visto anteriormente, o caminhar também é uma forma de apreender paisagens. Para isso, foram realizadas as seguintes perguntas:

Sessão 3 - Análise sobre percepção: Neste tópico, se aplica a junção das pausas e percursos, unindo as percepções trabalhadas anteriormente de forma separada, agora em uma forma unificada, mirando objetivamente perguntas sobre uma possível Rota do olhar e seus balcões de mirada. São feitas as seguintes perguntas:

<i>Análise sobre imagens</i>	
1	Se você quisesse mostrar a alguém a imagem que mais IDENTIFICA a cidade de OLINDA, qual dentre essas 8 imagens mostraria? Por quê?
2	Agora, qual é a imagem que mais lhe EMOCIONA? Por quê?
	
<i>Análise sobre rotas</i>	
3	Quando você vai ao Sítio Histórico de Olinda, por onde você entra?
4	Você já fez algum passeio guiado, trilha, <i>city tour</i> , guia local ou semelhantes pelo Sítio Histórico de Olinda?
5	Se sim, como foi? Como você entrou na cidade ou qual foi o ponto de encontro para iniciar a visita? Você lembra o roteiro ou os locais que visitou?
6	Qual seu local preferido no Sítio Histórico? Por quê?
7	Existe algum lugar especial que você goste de ir? Se possível responder, qual o motivo que o faz gostar desse lugar?
8	Você frequenta ou já frequentou Olinda no Carnaval ou nas prévias?
9	Se possível, comente sobre quais são seus pontos de encontro, lugares de descanso ou qual percurso você faz/segue pela cidade?
<i>Análise sobre percepção</i>	
10	Você já percebeu que a maioria dos balcões de mirada se voltam para o Recife ou para o mar?

11	Você conhece algum balcão que olhe para trás, para os quintais da própria Olinda? Se sim, onde se situa?
12	Você acha que deveria ter mais balcões de mirada no Sítio Histórico de Olinda? Onde você sugeriria?
13	Você acha que deveríamos ter uma rota do olhar para a paisagem que estimulasse o visitante a apreciar mais as vistas a partir de Olinda?
14	Se sim, o que não poderia faltar nessa rota?
15	Existe algum lugar que você gostaria de preservar sem a chegada de turistas?

Quadro 3 – Perguntas questionário. Fonte: própria, 2024.

4.4 O rebatimento espacial dos olhares na definição “das rotas do patrimônio”

Por fim, todo o método estruturado possibilitou uma rica análise do Sítio Histórico de Olinda, tratando dos conceitos trabalhados anteriormente, e desvendando a cidade através do olhar paisagístico. Agora, o trabalho se volta para o desenvolvimento de uma “*Rota do patrimônio*”, que busca revelar balcões de mirada, que possibilitem a apreensão de características da paisagem patrimonial da cidade, valorizando também o percurso entre um e outro como forma de percepção. Assim, essa proposta será estruturada com base nas teorias de paisagem, a partir dos estudos realizados nos capítulos anteriores juntamente às respostas das entrevistas realizadas, integrando a percepção da comunidade ao planejamento. Em seguida, ao definir a Rota, ela será analisada adotando-se as categorias propostas por Gordon Cullen em exercícios de *visão serial* para cada um dos mirantes. Dessa forma, pode-se entender o porquê de cada **pausa** e **percurso** selecionado, ressaltando-se sua relevância para valorização da paisagem da cidade. Acredita-se também que esse exercício possa ser um instrumento acessível para a preservação e conservação da Olinda-postal, unindo teoria e prática em um projeto para a educação e gestão patrimonial deste bem coletivo.

Espera-se também que cada vez mais, mais pessoas olhem e se conectem à cidade, mergulhando na magia que ali habita, como escreveu Gilberto Freyre (1980, p.14), fazendo com que as pessoas também se transformem pela cidade. Como ressalta Leonardo Dantas Silva:

Para conhecer uma paisagem não basta vê-la, é preciso muito mais, é preciso que as duas almas, a do contemplador e a do lugar, cheguem a entender-se, quantas vezes elas nem mesmo se falam! Não é a todos que a natureza conta os seus segredos e inspira o seu amor, mas mesmo com os poucos de quem ela tem prazer em fazer pulsar o coração é preciso que eles se aproximem dela sem pressa de a deixar, com tempo para ouvi-la. Os viajantes nunca estão nessa disposição de espírito em que é possível estabelecer-se o magnetismo da paisagem sobre os sentidos, de fato sobre o coração. (SILVA, 2011, p.35)

5

A PROPOSTA

CRIANDO A ROTA DO CAMINHO DO OLHAR EM OLINDA-POSTAL

Hoje-em-dia em Olinda,
e não só nas igrejas,
vive-se de alma e corpo,
se pode quem se veja:
se pode em qualquer casa
e contemplando-a apenas;
quem visita tal casa
não só passeia nela:
geralmente se casa
com ela, ou se amanceba

(João Cabral de Melo Neto, A Escola das Facas, 1980)

Neste capítulo, será apresentada e destrinchada a *Rota do patrimônio para percepção da paisagem no caminho do olhar*. Primeiro, será finalizada a construção da sua base, com a análise dos resultados da entrevista de maneira geral, para fechar o entendimento do objeto de estudo, Olinda, somando à legislação (Lei municipal nº 4849, sobre os mirantes) e aos documentos históricos (levantamento iconográfico) à esfera popular.

Inicialmente, ao decorrer da pesquisa na busca de contemplar o máximo de elementos, lugares, experiências e pensamentos possíveis, entendeu-se que seria impossível unir tudo em apenas uma rota, porém, por se tratar de um TCC, também não cabia propor e destrinchar um número indeterminado de rotas, mas expor um processo metodológico de sua construção.

Olinda é uma cidade secular, construída por diversos tempos, pessoas e experiência, e todos os pontos citados carregam infinitas possibilidades de interpretação. Portanto, neste momento será proposta *uma rota do patrimônio*, mais focada na área central do polígono de tombamento do SHO, trazendo uma outra perspectiva e forma de perceber aquele lugar. Essa parte central foi escolhida justamente por ser a mais mencionada nas entrevistas, documentos e visitada do Sítio, o que nos fez querer entender o porquê dessas escolhas, entender por que determinados pontos são marcados e o que pode desencadear uma nova percepção, além de se descobrir outras rotas, derivadas da inicialmente definida.

Portanto, as respostas foram utilizadas como guias e apoio na definição dos pontos de *pausa e percursos*, que somados aos conhecimentos anteriores criaram um panorama do que é o Sítio Histórico de Olinda. Assim, define-se a *Rota do Patrimônio para percepção da paisagem no caminho do olhar*, que será proposta embasada em tais estudos apresentados, e explorada a partir das propostas e categorias de análise da visão serial de Gordon Cullen para a paisagem urbana.

5.1 Abrindo as entrevistas

Apresentando uma análise geral dos resultados das entrevistas, salienta-se que essas, além de garantir e completar os 20 participantes, sendo 5 entrevistados para cada uma das 4 categorias definidas para análise (G1 - Profissional do turismo, G2 - Profissional de preservação, G3 - Moradores do SHO, G4 - Visitantes ocasionais), a entrevista também abrangeu uma variedade de faixa etária (Gráfico 1). O objetivo foi entender a percepção da cidade para diferentes gerações, com opiniões e vivências formadas em épocas distintas. A experiência foi

interessante pois de forma geral, as impressões e sentimento pela cidade eram semelhantes, mesmo com diferentes formas de expressá-las, mais notavelmente entre os grupos de 20-39 com o de 60-80 anos.

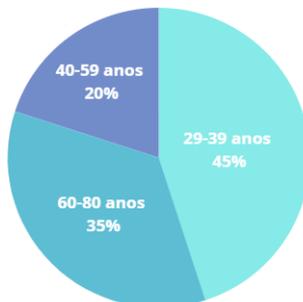


Gráfico 1 – Faixa etária dos entrevistados. Fonte: própria, 2024.

A entrevista também buscou certa variedade profissional mesmo entre a mesma categoria (Gráfico 2), pois por exemplo, se todos os profissionais de preservação fossem arquitetos, a visão provavelmente seria muito centrada na vivência e opiniões da arquitetura, mostrando apenas um lado da situação. Então, ao adicionar historiadores e engenheiros civis, surgem outras formas de entender o objeto de estudos entre os profissionais de preservação.

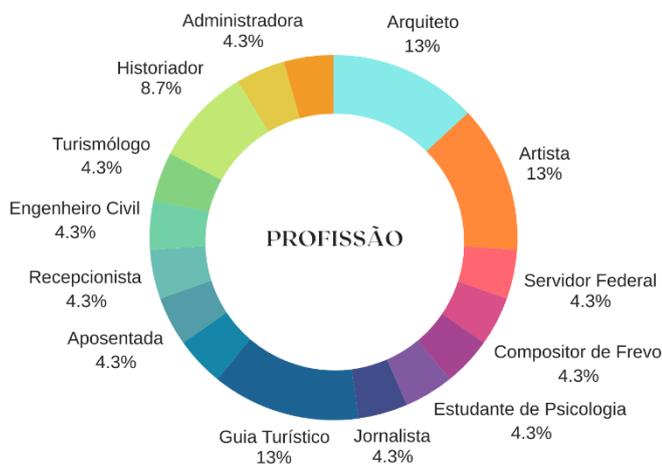


Gráfico 2 – Profissões dos entrevistados. Fonte: própria.

Assim, iniciando a análise das entrevistas, foi possível respaldar e unir os conhecimentos do levantamento teórico, histórico e iconográfico à vivência pessoal das diversas categorias no Sítio Histórico de Olinda. Primeiro, foi feita a análise através das imagens, na qual após serem expostos às 8 imagens anteriormente mostradas, os participantes foram orientados a escolher e justificar qual daquelas imagens acreditavam que mais identifica a cidade de Olinda e em seguida qual imagem que mais os emocionam. Assim, foram

descobertos que elementos da paisagem foram ressaltados pela maioria. Dessa forma, atinge-se a finalidade de “explorar o espectro de opiniões, as diferentes representações sobre o assunto em questão” (BAUER & GASKELL, 2008, p.68 apud VERAS, 2014, p.170).

Primeiro se realizou a busca pelos elementos que a população considera como identitários da cidade de Olinda. Após terem sido expostos às 8 imagens, cada um respondeu sobre qual entre elas era a que mais identificava Olinda. Houve uma variedade entre as imagens selecionadas, mas foi percebido que ao justificar suas escolhas, os participantes descreviam características semelhantes ou até iguais, mesmo tendo selecionado imagens diferentes. Nesse sentido, a Imagem 01 da Figura X, foi a escolhida pela maioria como aquela que melhor representa a cidade, escolhida por 55% dos entrevistados (*Pergunta 01: Se você quisesse mostrar a alguém a imagem que mais identifica a cidade de Olinda, qual dentre essas 8 imagens mostraria?*). Percebe-se uma visada ampla, vista do topo do Alto da Sé mirando o conjunto histórico que se estende até o mar, tendo o Recife ao fundo (Figura 29 e Gráfico 3). Como será melhor debatido mais à frente, essa fotografia revela um dos balcões de mirada mais exuberantes do SHO.



Figura 29 e Gráfico 3 – Imagem 01, escolhida como a que *mais identifica* a cidade e gráfico da porcentagem das escolhas (em resposta à pergunta 01: Se você quisesse mostrar a alguém a imagem que mais identifica a cidade de Olinda, qual dentre essas 8 imagens mostraria). Fonte: própria, 2024.

Assim, se percebe uma visada com um grande número dos elementos citados, vistas da parte alta da cidade, que eleva o olhar que apreende em um só lance de vista aquele ambiente, revelando muitas categorias anteriormente comentadas:

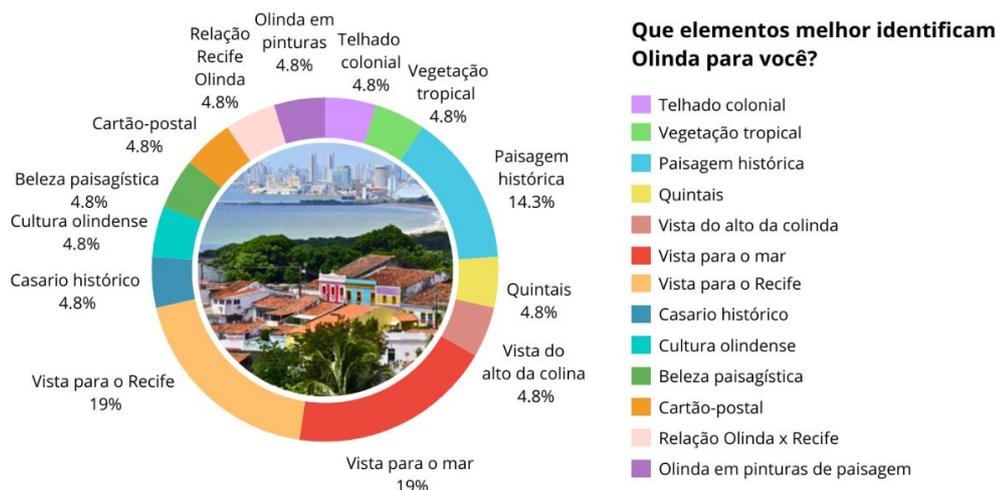


Gráfico 4 – Justificativas dos entrevistados que escolheram a Imagem 01 como a que mais identifica. Fonte: própria, 2024.

Por mais contraditório que pareça, um dos tópicos mais repetidos nas justificativas da escolha da imagem mais identitária da cidade de Olinda, foi “Recife”. Aqui talvez o primeiro pensamento seja de confusão, buscando entender por que uma das maiores características de uma cidade é uma outra cidade. Mas na verdade, não é isso que ocorre, pois não é o Recife como cidade em si que caracteriza Olinda, e sim a *vista* para ele, a relação histórica entre as duas cidades irmãs que mesmo com anos de nascimento semelhantes, hoje em dia apresentam tantas diferenças. Assim, o poder dessa imagem consiste no conjunto formado pelos elementos do Alto da Sé, do mar, do casario e da vegetação em contraste com o horizonte do Recife.

A Imagem 01 eu acho que conta muito da história de Olinda e a **relação** que Olinda tem **de proximidade e distância com Recife**, porque quando você tá no Marco Zero, você consegue ver Olinda e quando você tá no Alto da Sé consegue ver o Marco Zero. Então essa primeira imagem, mostra muito do **casario** e também essa relação do que é a **história** de Olinda. (G1.A)

O alto da sé, aquela **vista** que é **cartão postal** que todo mundo vê que é mostrado **o mar, as casinhas coloridas, as árvores, o Recife de fundo**. as pessoas descrevem essa **paisagem**, às vezes não sabem o nome ou onde é, mas a gente logo sabe. (G1.C)

A Imagem 1 é a que melhor identifica por que ela está localizada numa região que é de **colinas** e abrange **o horizonte entre Olinda e Recife** e **o conjunto de casas arquitetônicas**. (G1.D)

Essa **vista de Olinda** e essa **vista do mar**. E aí mais uma vez entra o historiador e eu fico imaginando as caravelas e o pessoal aqui olhando o navio que tá chegando. (G2.B)

Acho que ela mostra vários **elementos que conformam o Sítio Histórico**. O **casario tradicional, a coberta, o telhado, essa cor terrosa**, que chama atenção bastante, o que caracteriza o Sítio. É essa **massa verde**, super marcante, que **emoldura a paisagem**. [...] E pra completar ainda mostra o **mar**, que é uma das questões que tem a ver com a própria ocupação de Olinda. (G2.C)

Portanto, a Imagem 01, chamada por alguns de cartão-postal, traz cinco dos oito elementos apontados anteriormente: o casario, a vegetação, o mar, a vista para Olinda e a vista para o Recife. A imagem também revela o um dos mirantes apontados na Lei (Rerratificação Federal, 1985), o “Sé, na Praça da Sé com visada para o sudeste da cidade, com Recife ao fundo”. Assim, se marca na fotografia “aquilo que foi capturado pelo olhar sensível”, a paisagem ali registrada que “revela a apropriação dos lugares em camadas de tempo sobrepostas, próprias da cultura”, sendo um exemplar para identificar Olinda (VERAS, 2014, p.24). Ela também expõe a importância da união dos elementos para identificação da paisagem, como colocado por Collot ao afirmar a relevância das unidades de paisagem, em uma totalidade coerente que torna a paisagem “apta a significar” (2012, p.16). Nesse sentido, a imagem faz contraste com as imagens não escolhidas, que apresentavam elementos isolados, sem muito contexto. Inclusive do ponto de vista patrimonial, “interligar as duas cidades reforça a compreensão de território continuum que se manifesta na história, na cultura, na geografia e na paisagem” (VERAS, 2014, p.66).

Isso responde a um dos questionamentos realizados ao montar a entrevista, pois se perguntava se um elemento, consolidado no imaginário popular como a Igreja da Sé (Imagem 02), teria a força de superar um conjunto de elementos. A resposta obtida para esse caso específico no SHO é que não, pois não apenas as imagens mais escolhidas, como também as justificativas para tal escolha, constroem uma relação de composição da paisagem. Ou seja, cada elemento citado se une a outro sucessivamente até criarem uma paisagem única no mundo, única inclusive àquele ângulo de mirada que a revela, entendendo-se o conjunto (COLLOT, 2012) no diálogo entre todos os elementos.

Em seguida, ao apresentar novamente as imagens e perguntar qual delas mais emociona os entrevistados obteve-se uma variedade de respostas, ou melhor, de sensações e memórias. Os sentimentos trazidos à tona por essa pergunta foram bastante especiais. Algumas pessoas falaram que a cidade representa um aspecto religioso, um lugar moldado por Deus, já outras falaram da folia, dos bares e festas da cidade, do profano. Um dos tópicos mais emocionantes foram de lugares que lembram pessoas, as vezes já falecidas, mas que ressurgem através daquelas paisagens, como um tópico tratado por Berque:

Dizer que um ser humano se tornou paisagem, sem dúvida pareceria uma metáfora um pouco ousada. Fisicamente é impossível, é claro: trata-se de alguma coisa na relação que os habitantes estabelecem com o território, não na substância deste território enquanto objeto” (BERQUE, 2010, p.13)

Assim, entre os diversos sentimentos, a imagem escolhida como que mais emocionava (Pergunta 02: Agora, qual é a imagem que mais lhe emociona?), os participantes foi a Imagem 03, o carnaval de Olinda (Figura 30 e Gráfico 5).



Figura 30 e Gráfico 5 – Imagem 03, escolhida como a que mais emociona os entrevistados e gráfico da porcentagem das escolhas (em resposta à pergunta 02: Agora, qual é a imagem que mais lhe emociona?). Fonte: própria, 2024.



Gráfico 6 – Justificativas para a escolha da Imagem 03 como a que mais emociona. Fonte: própria, 2024.

Não surpreende a imagem do Carnaval ter sido a que mais emociona a maioria dos entrevistados, pois além de ser um dos mais antigos e tradicionais do mundo, o carnaval de Olinda é um momento do ano em que milhares de pessoas se tornam a cidade, e não apenas parte dela. Isso porque apesar de toda paisagem ser composta pela relação sujeito x objeto, poucas vezes ela é tão exposta quanto nesse momento, no qual “se a turma não sáisse, não havia

carnaval”, como canta o hino das Pitombeiras dos Quatro Cantos, e de fato, sem as pessoas não existe carnaval.

A Imagem 3 porque mostra esse outro elemento por trás do Sítio Histórico de Olinda quem são as *peças*, e as pessoas nessa *expressão maravilhosa*, nessa *movimentação de pessoas e de símbolos* e de *emoções* o que é o *Carnaval de Olinda*. Então, acho que essa mexe muito comigo pela sensação de *pertencimento*, pela sensação de *orgulho*. Já dá vontade de frevar! (G2.C)

Eu vivo o carnaval, não tem jeito. Eu tenho umas experiências bem particulares no carnaval, que são por exemplo, as agremiações carnavalescas que vem até aqui e voltam, falam comigo e voltam. [...] O carnaval é esse *brilho*, essa *vivência*, é a concretização daquilo que a gente passa meses vendo se preparar pra acontecer. (G1.C)

Porque eu não só frequento, *eu faço o Carnaval*. (G3.E)

Porque *eu vivo o Carnaval intensamente*, eu gosto muito. Do Carnaval, da *cultura* que ele traz, da *feita* no geral. (G4.A)

Portanto, ambas as imagens escolhidas e as justificativas para sua escolha revelaram a importância do conjunto de paisagem e a ligação pessoal com aquele ambiente, consolidando Olinda como uma paisagem cultural a ser revelada pelo olhar e experienciada pelo corpo no espaço, no sobe e desce das ladeiras no Carnaval.

Após essa análise das imagens que revelou pontos de vista pelas pausas e, partiu-se em busca de mais pontos relevantes para a Rota, buscando uma relação mais orgânica, livre, não direcionada pelo formulário. Nesse sentido, primeiro foi feito o questionamento de qual o local preferido no SHO (*Pergunta 6: Qual seu local preferido no Sítio Histórico?*) de cada entrevistado (Gráfico 7).

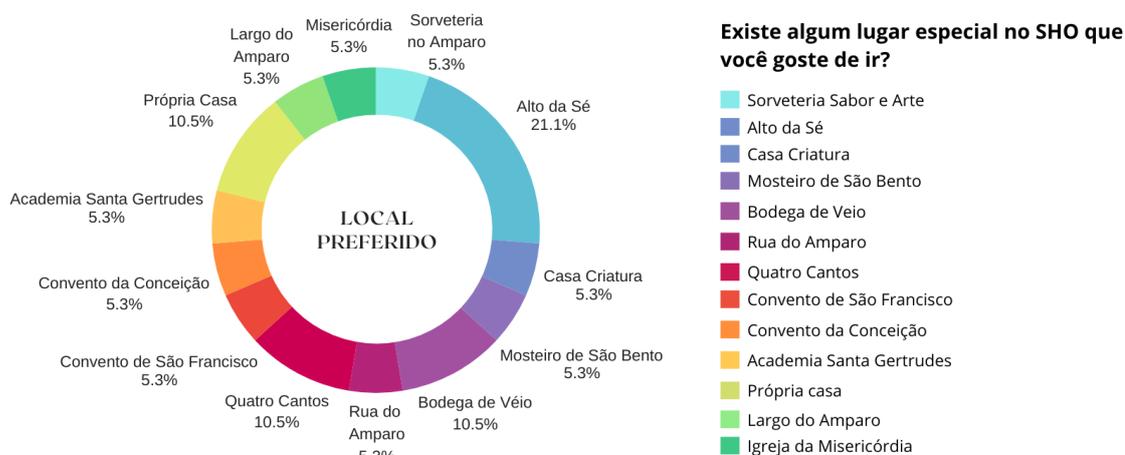


Gráfico 7 – Locais do SHO preferidos dos entrevistados (em resposta à Pergunta 6: Qual seu local preferido no Sítio Histórico?). Fonte: própria, 2024.

Nessas respostas, mesmo que inconscientemente, os lugares citados, ao serem analisados, serviam justamente como pontos de *pausa* que revelavam aqueles sentimentos e elementos identitários.

Eu acho que é os *Quatro Cantos* por causa da diversidade, todo mundo passa aqui: pessoas que têm foco nas igrejas passam aqui ou pessoas que não têm esse foco, mas tem o foco de curtir de noite, curtir de dia. É a *passagem obrigatória*. (G1.E)

É exatamente lá em cima quando você está na Sé, aquele mirantezinho da Sé, aquele onde tem a feirinha, temos uma *vista panorâmica* da cidade como um todo. (G2.E)

Bom, eu, eu acho *lindo o Alto da Sé*, é indiscutível você não quer não ver o *pôr do sol* lá, é belíssimo. [...] às vezes que eu ia cinco, cinco e meia da tarde, às vezes eu deixava de comungar para olhar o pôr do sol. (G3.B)

O local que eu gosto? Fora o *Bar do Peneira*, é na frente da *Igreja da Misericórdia*, ao lado da *Academia Santa Gertrudes*, porque tem lugar melhor não, pra você ficar olhando aquela *paisagem maravilhosa*. Pensando no que se fazer, no que quer fazer, no que se passou, no futuro, ele é *um ponto crucial pra você pensar*. (G3.E)

Isso ainda foi reforçado ao se perguntar sobre algum lugar especial, diferente que os entrevistados tinham para si (*Pergunta 7: Existe algum lugar especial que você goste de ir?*). Questionar sobre algo “especial” trouxe à tona respostas um pouco mais particulares de cada um, como visto no Gráfico 8 a seguir.

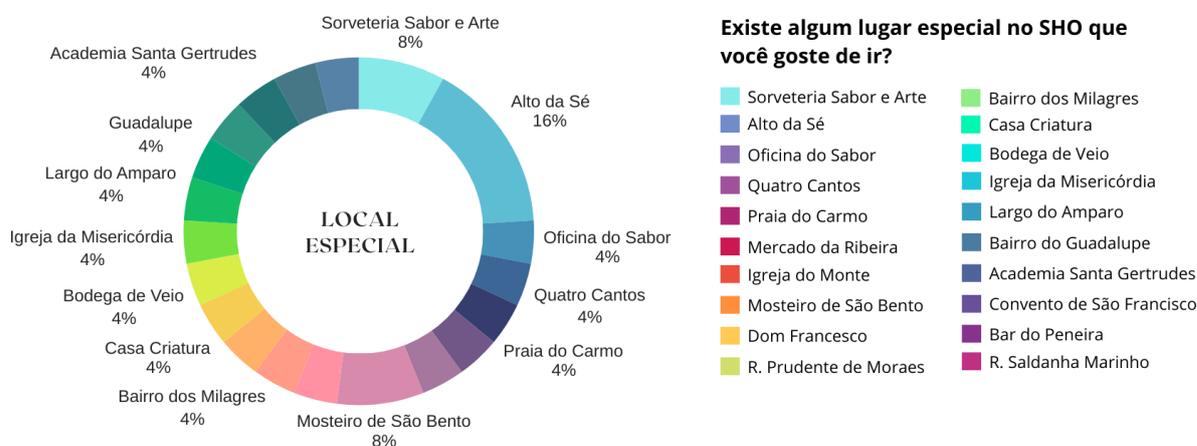


Gráfico 8 - Locais especiais do SHO para os entrevistados (em resposta à pergunta 7: existe algum lugar especial que você goste de ir?). Fonte: própria, 2024.

Muitas das respostas se repetiram, mas foram revelados alguns novos pontos mais escondidos e não tão valorizados, como o Bairro do Guadalupe, Bairro dos Milagres e a Praia do Carmo. Assim, percebeu-se que as justificativas agora tratavam mais de outras experiências além do olhar, mais valorizado na resposta anterior, pois aqui se falou em locais bons para comer e beber, ouvir o mundo e “esfriar a cabeça”.

Lugar especial? Tem vários, não tem um só. Tem um que eu gostava de ir esfriar a cabeça nos anos 80, quando tava de cabeça quente, que é de frente ali a **Igreja da Misericórdia**, olhando pro mar e pro Recife. (G2.B)

A **Igreja Santa Gertrudes**, quando *o sol se põe* temos o canto das freiras lá dentro, é mágico e maravilhoso, é lindo, elas se vestem com um negocinho branco assim, a voz delas, aquela suavidade, *naquela paisagem*. Todos os dias antes do anoitecer, ao sol se pôr. É diariamente, maravilhoso, é a entrega do dia para Deus. (G3.A)

Alto da Sé comer tapioca, comer um espetinho, aquelas comidas típicas de Pernambuco, bolo de rolo, tomar um shake. (G4.C)

Vários, não tenho apenas um. Depende do dia, da vontade. Adoro a **Biblioteca do Convento de São Francisco**, é a história do de **São Bento**. Mas eu tinha o costume de ir pro *crepúsculo no Alto da Sé*, o local ali na subida da **Saldanha Marinho**, ao lado da **Igreja de Nossa Senhora da Luz**, ali no final da subida da Misericórdia. Pra mim o crepúsculo mais bonito é ali. (G3.D)

Agora inserindo diretamente o participante no percurso, foi-se questionado se existiriam pontos que eles gostariam de sugerir diretamente para integrar uma possível Rota do Patrimônio (*Pergunta 14: Se sim, o que não poderia faltar nessa rota?*) (Gráfico 9).

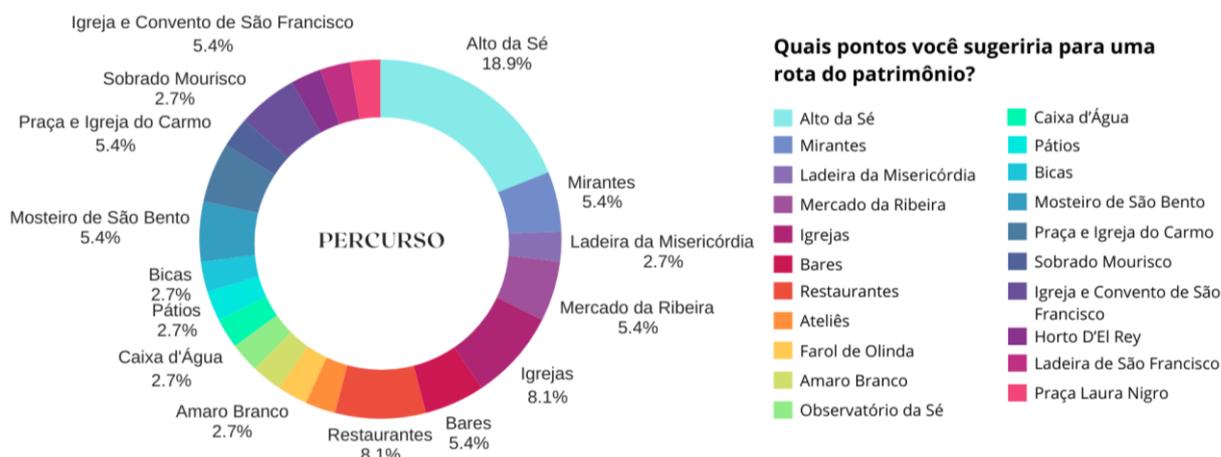


Gráfico 9 – Pontos sugeridos para compor o percurso de uma Rota do Patrimônio (em resposta à pergunta 14: Se sim, o que não poderia faltar nessa rota?). Fonte: própria, 2024.

As respostas reforçaram os locais comentados anteriormente, tornando ainda mais clara a Rota que vai se formando. Por fim, para iniciar a proposta da Rota, essa análise finaliza com as respostas à pergunta de qual é o *primeiro pensamento* evocado ao pensar em Olinda (Gráfico 10), que servem como pontos de força que guiaram o desenvolvimento do trabalho.

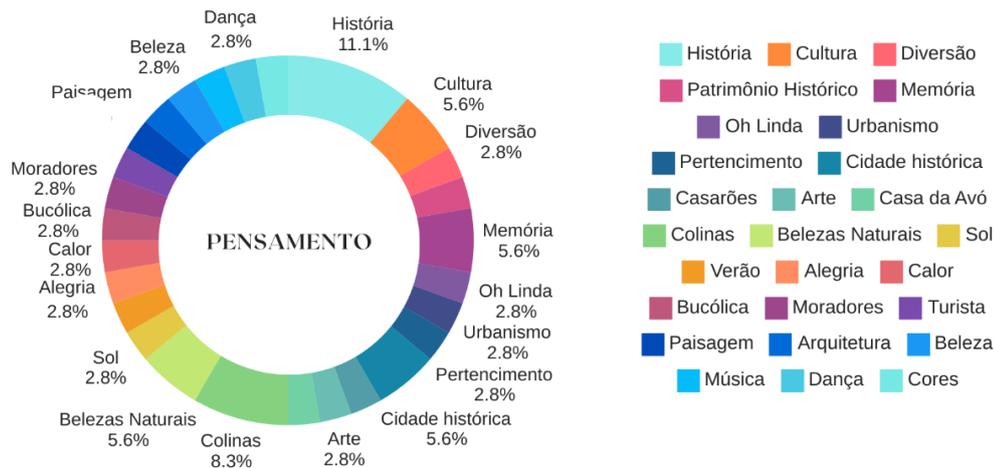


Gráfico 10 – Primeiro pensamento dos entrevistados ao pensar na cidade de Olinda. Fonte: própria, 2024.

Assim, se construiu um percurso entre história, arte, igrejas, casario, beleza natural sob o sol forte e o calor do carnaval, nas ladeiras e colinas que despertam memórias, como as de infância nas casas dos avós, nos encontros com os amigos, ou dos que procuram Olinda como turistas, atraídos por suas paisagens vistas nas pausas dos balcões e pelos percursos em suas ruas estreitas.

5.2 A Rota do Patrimônio de Olinda-postal

Entende-se que cada indivíduo manifesta uma paisagem distinta, pois seus pontos de vista no espaço e no tempo são variados. Esta multiplicidade também acontece entre diferentes áreas de estudo, como por exemplo a geografia, a biologia, a arquitetura, a antropologia, e pelas artes, notadamente a pintura e a poesia (VERAS, 2014).

Essa multiplicidade foi exposta no conjunto de lugares, elementos, sentimentos apontados pelos entrevistados. Nesse sentido, reforça-se que a Rota aqui proposta não contempla todos os possíveis percursos e pontos de vista do Sítio Histórico de Olinda apontados pelos entrevistados, mas uma amostra dessa compreensão pelos entrevistados, revelando elementos e sentimentos que cada pessoa, carrega como uma experiência única. Assim, utiliza-se o olhar para a *arquitetura* e para a *conceitos de paisagem*, baseando-se nas práticas teóricas apresentadas anteriormente junto às respostas das entrevistas, formando um estudo de percepção de paisagem.

Unindo-se todas as informações – respostas dos entrevistados sobre os locais apontados e as imagens de pontos de vista históricos –, foi desenvolvida uma *Rota do Patrimônio para percepção da paisagem pelo olhar*. O percurso inicialmente mapeou e selecionou pontos de pausa, como balcões de mirada que revelam uma vista e um momento especial que caracterize Olinda, demarcando após percursos que fazem a conexão entre estes balcões de mirada. Assim, foram definidos nove balcões: (1) Igreja do Carmo; (2) Quatro Cantos; (3) Largo do Amparo; (4) Academia Santa Gertrudes; (5) Convento da Conceição; (6) Alto da Sé; (7) Mercado da Ribeira; (8) Praça Laura Nigro e (9) Rua 15 de Novembro.

Cada um dos balcões apresenta vistas distintas para a paisagem e sensações diferentes. São mirantes que variam em altura, escala, sensação de abertura ou fechamento, espaço externo e interno, além das sensações que vêm dos momentos do dia, com a presença de mais ou menos luz, por exemplo. Para fechar o percurso, foram estudados os possíveis caminhos de interligação entre os balcões mapeados a partir do relato da experiência do corpo no espaço, percebida pelos entrevistados e conferidos e ajustados pela pesquisadora, através de exercícios sobre visão serial, propostos por Gordon Cullen (2018). Também se relembra que todos os lugares propostos buscam despertar uma percepção da paisagem patrimonial de Olinda, a fim de que possam ser utilizados como espaços de apreensão do lugar, mas também promova o monitoramento constante da conservação patrimonial. Por fim, percebeu-se que alguns desses pontos já são, ou foram, afetados por danos ou transformações ao patrimônio, portanto, algumas destas transformações serão expostas ao se falar de tais pausas prejudicadas.

Assim, na página a seguir, apresenta-se a proposta:

Olinda-Postal

Rota do Patrimônio



Mapa 9 - mapa da rota do patrimônio. Fonte: própria, 2024.



Fig. 31 - Mapa da rota do patrimônio artístico. Fonte: própria, 2024.

Olinda-Postal Rota do Patrimônio



Mapa 10 - Mapa da rota do patrimônio com as pausas e percursos. Fonte: própria, 2024.

Olinda-Postal Rota do Patrimônio



Fig. 32- mapa da rota do patrimônio artístico com as pausas e percursos. Fonte: própria, 2024.

A Rota formada a partir dos 9 balcões de mirada escolhidos, se desdobra pelas ruas do Sítio Histórico de Olinda a partir de percursos que valorizam a experiência no espaço e introduzem cada um dos pontos. Cada mirante está ligado a um trecho de conexão, que se complementam de modo a compor o caminho do olhar. Ao todo, foram marcados 1 ponto de entrada, 1 ponto de saída, 9 balcões de mirada, e 6 pontos guias para os percursos.

Para facilitar a análise e compreensão da Rota, foi feita uma divisão entre 3 trechos (AB, BC e CD), como um início, meio e fim, referidos por Careri (2002), cada um abrigando 3 balcões de miradas, marcados mais à frente, e ilustrados esquematicamente na Figura 33 a seguir.

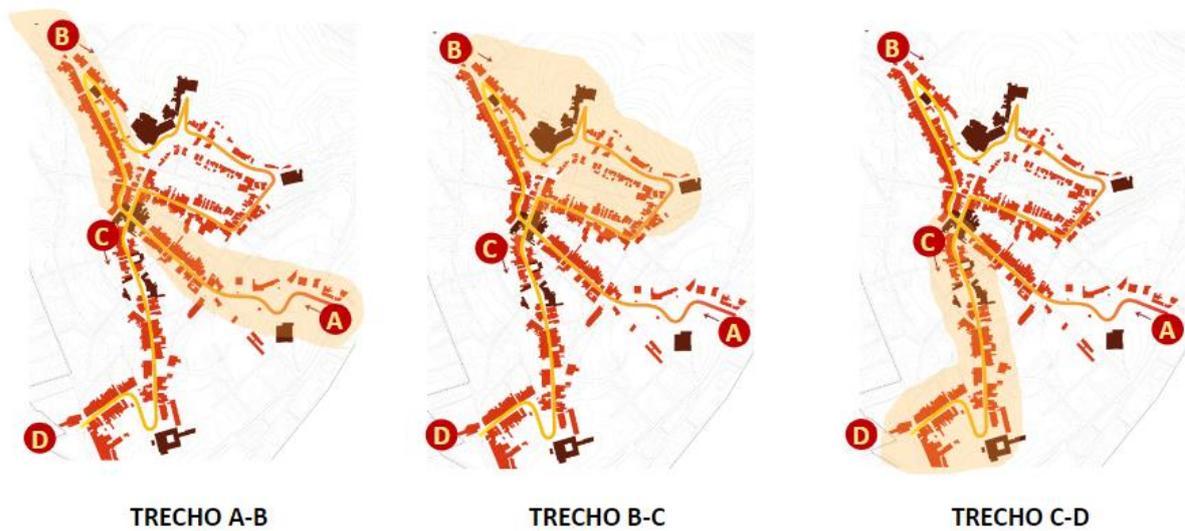


Figura 33 – Trechos da rota. Fonte: própria, 2024.

Cada trecho será explorado, através da percepção ativada por exercícios de *visão serial* (CULLEN, 2018). Cada um dos mirantes será entendido através dessa prática, que explica as sensações e dinâmicas de cada espaço, justificando sua escolha.



Trecho AB



Praça do Carmo > Largo do Amparo

Trecho BC



Largo do Amparo > Rua do Bonfim

Trecho CD



Rua do Bonfim > Varadouro

Figuras 34, 35, 36, 37, 38, 40 e 41 - vistas dos mirantes 1, 2, 3, 4, 5, 7 e 8. Fonte: Daniela Vieira, 2021, 2022 e 2024.

Figura 39 - vista do mirante 6. Fonte: Alfeu Tavares/Folha de PE, 2017.

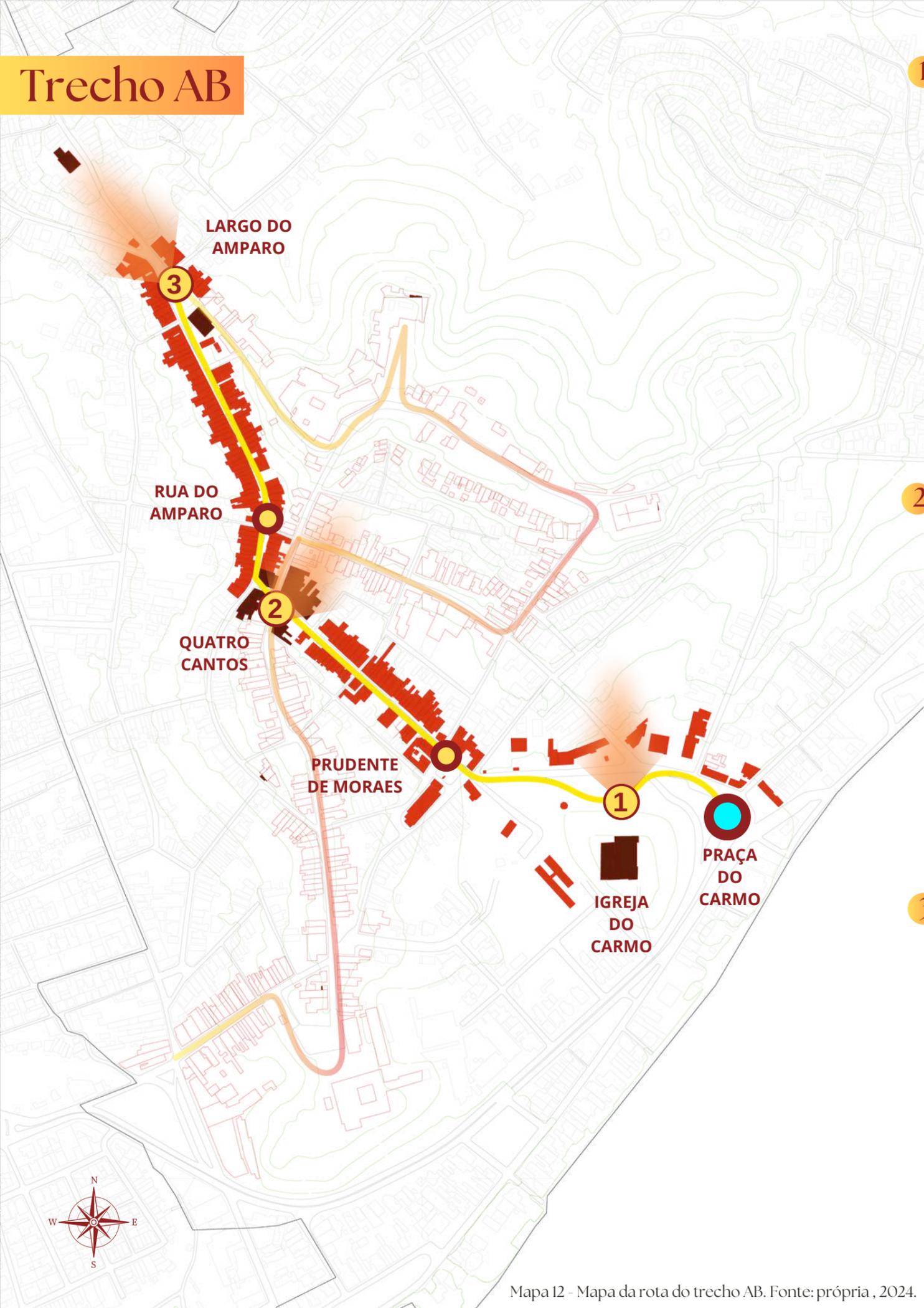
Figura 42 - vista do mirante 9. Fonte: Stefen Amber, 2019.

Mapa II - mapa da rota do patrimônio com demarcação dos trechos AB, BC e CD com os mirantes. Fonte: própria, 2024.

5.2.1 Parte AB – Intervalo da Praça do Carmo ao Largo do Amparo

Aqui se dá a abertura da Rota. Essa Parte é o ponto de partida para o caminho do olhar, abrangendo o percurso da Praça do Carmo até o Largo do Amparo e passando pelos 3 primeiros mirantes: (1) Igreja do Carmo, (2) Quatro Cantos e (3) Largo do Amparo.

Trecho AB



Mapa 12 - Mapa da rota do trecho AB. Fonte: própria, 2024.

1 ENTRANDO pela Praça do Carmo até a R. Prudente de Moraes



Fig. 43 - conjunto de imagens trecho AB.1. Fonte: Google Street View, 2024.

2 percorrendo a R. Prudente de Moraes e os Quatro Cantos



Fig. 44 - conjunto de imagens trecho AB.2. Fonte: Google Street View, 2024.

3 percorrendo a Rua e o Largo do Amparo



Fig. 45 - conjunto de imagens trecho AB.3. Fonte: Google Street View, 2024.



olhando para o Alto da Sé



olhando para o topo da Misericórdia



olhando para Igreja de S. J. B. dos Militares e o Guadalupe

1

ENTRANDO pela Praça do Carmo até a R. Prudente de Moraes



Na verdade, para quem é de Olinda, a entrada é justamente pela Rua do Sol, até chegar no grande astro que é a Praça do Carmo, que chama a gente pra subir. Eu acho que uma parada, que é a Igreja do Carmo, logo na entrada, é uma coisa que chama muita atenção, é uma igreja barroca super imponente, chama muita atenção, por estar numa colina, um pouco mais alta. Então pra gente que tá andando, ela chama muito o olhar por estar destacada, monumental. Então, acho que é como se fosse mesmo a entrada do sítio histórico...vou subir! (G2.C)



Mapa 13- mapa da rota do percurso do mirante 1 no trecho AB. Fonte: própria , 2024.

1



2



3



4



5



6



Fig. 47 - Praça do Carmo antigamente. Fonte: Daniela Vieira, 2024.

Fig. 46



Fig. 47



Fig. 48



olhando para o Alto da Sé

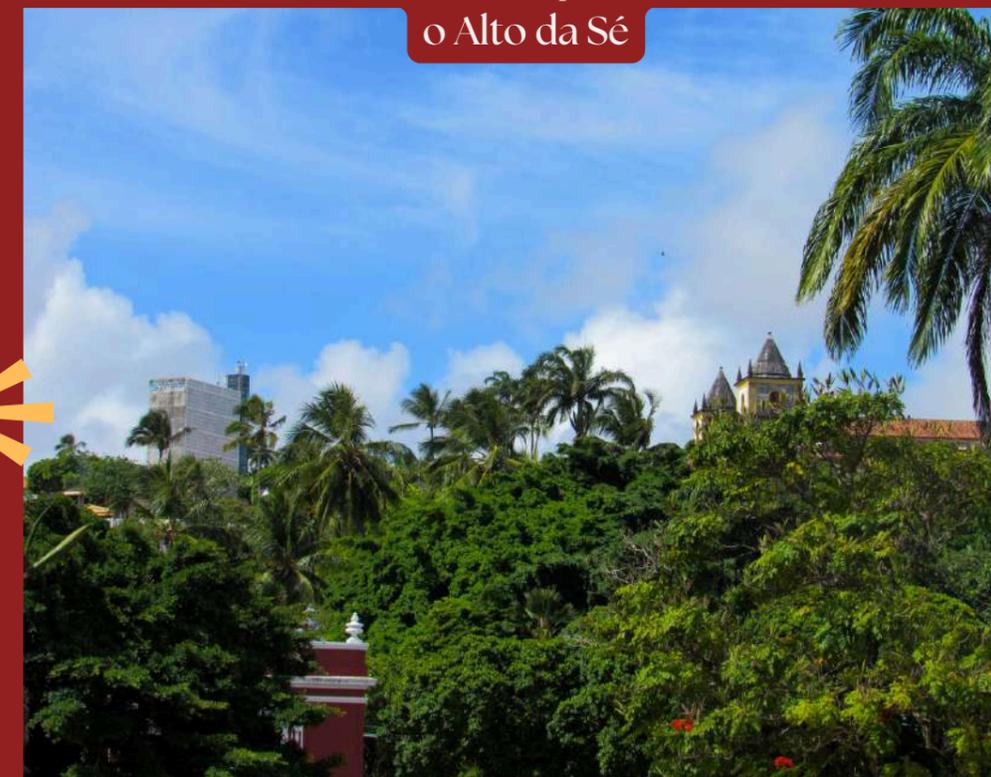


Fig. 50 - Praça do Carmo no carnaval. Fonte: GI, 2019.

Fig. 51 - Igreja do Carmo no século XVI. Fonte: Flickr, 1580.

Fig. 49

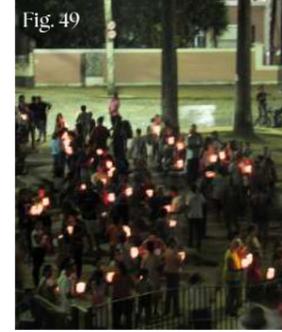


Fig. 50



Fig. 51



Fig. 52



Fig. 53



Fig. 46, 48, 49, 52 e 53 - Fotos na Praça do Carmo. Fonte: Daniela Vieira, 2024.
Fig. 54 - Conjunto de fotos percurso AB.I. Fonte: Google Street View, 2024.

1 Percorrendo da Praça do Carmo até a Rua Prudente de Moraes > Olhando para o Alto da Sé

A Praça do Carmo localizada no nível do mar, se apresenta como a *entrada* de Olinda, o ponto de partida no nível do mar que inicia a jornada colina acima. Apesar do percurso partir em direção ao alto, Besse pontua a importância de se começar de baixo, colocando que “toda experiência do mundo começa no meio do mundo, sem a visão de sobrevoo, mas numa espécie de afetividade ou de emoção primeva” (BESSE, 2006, p.90 apud VERAS, 2014, p.104). Além disso, o lugar oferece uma facilidade viária para o acesso ao SHO, seja de ônibus, carro ou outros tipos de veículos, permitindo a entrada dos visitantes e moradores (G3.A).

Para os pedestres também se torna mais atrativa, pois proporciona uma subida mais suave para a cidade alta, diferente da ladeira da Rua 15 de novembro no Varadouro. Essa porta abre diversos caminhos, sendo o local de maior concentração de guias turísticos que a tomam como ponto de partida para os passeios (G1.B). Outras das vantagens de adentrar pelo Carmo é também ter acesso à “praça da preguiça”, um lugar densamente arborizado, com um antigo coreto e brinquedos infantis rodeados de crianças da comunidade. O parque apresenta corpos d’água, sendo um dos poucos lugares do Sítio que possuem esse privilégio, que criam uma ambiência bucólica, como se estivesse em outro lugar em meio a natureza e não a cidade (G2.C).

Geralmente entro pela Praça do Carmo, ali passando os correios, principalmente porque minha rua (do Amparo) é contramão pra quem vem do Largo do Amparo. (G3.A)

Estamos aqui, conhecemos a Igreja do Carmo, a história, do antigo Convento, aí passa e já fala da nossa cultura, a respeito do Carnaval, que é o trajeto onde passa os blocos, onde o turista vai caminhar ou passear com o carro, e aí depois entra pra Matriz de São Pedro onde tem o Casarão Vermelho e Branco. (G1.B)

É por trás da praça do Carmo onde tem um laguinho. Tem umas vitórias régias. Chamam de “praça da preguiça”, ou também de Praça da Abolição, cada um chama de um jeito. Enfim, eu acho uma praça bem interessante. E tem um coreto também, já que aquilo era um descampado historicamente, por muito tempo passava uma linha de trem... e aí essa não ocupação abaixo da Praça do Carmo. Acho que isso representa essa relação de espaço livre e construído no Sítio Histórico de Olinda, antes mesmo dele virar sítio histórico. (G2.C)

Tudo isso justifica a escolha de 80% dos entrevistados como o ponto de entrada do SHO (Gráfico 11).

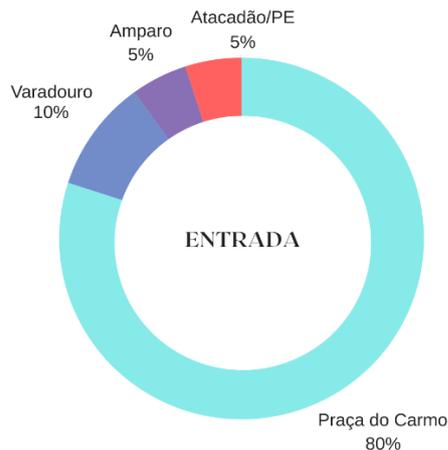


Gráfico 11 - portas de entrada escolhidas pelos entrevistados.

Logo, o primeiro ponto que se nota ao entrar é a Igreja do Carmo, no topo de uma escadaria que interliga o edifício no alto ao chão. Do ponto de vista simbólico, no ponto mais alto, a Igreja, mais perto do céu, revela a força dos significados de uma rota do patrimônio. Segundo Cullen (2018, p.25), o topo e a escadaria podem ser analisados como ponto de *“apropriação estática e apropriação pelo movimento”*. Pelo movimento em seu motivo prático, é o percurso que todos fazem para seguir até a igreja. Mas é essencial notar que ali também existe uma outra forma de apropriação, aquela que extasia e nos deixam estáticos, pela paisagem que se oferece ao nosso olhar.

Assim, aqui se encontra a primeira *pausa*, levando o olhar da Igreja do Carmo para mais acima, para o longínquo Alto da Sé, proporcionando uma ideia de *“aqui e além”* (CULLEN, 2018, p.37), pois aquele que observa, apreende uma paisagem “presente, mas fora do nosso alcance”.

Nesse sentido, o autor comenta que ao estar em um nível abaixo do terreno ao qual se observa, o sujeito pode ser tomado por uma sensação de inferioridade (p.40). Mas no caso de Olinda, provavelmente pela imposição do sagrado, a sensação é de certa intimidade (p.40). Portanto, ao mirar colina acima, enxerga-se o topo da Igreja da Sé e a imponência da modernista Caixa d’Água de Olinda, envoltas pela densa vegetação, em uma relação que cria um ar de *“mistério”* (CULLEN, p.53), que desperta “num relance, o desconhecido, o caráter misterioso de uma cidade em que tudo é possível”, convidando o sujeito a adentrar e explorar o Sítio Histórico aonde chegou. Tal fato também é ressaltado por Besse, que defende que:

O melhor ponto de vista para o mundo é o ponto de vista de baixo, e que sobe para as coisas, apoderando-se assim do impulso do ser. Visto de cima, o mundo é plano. *É por baixo que é preciso começar*, é ali que é preciso ficar, ou retornar, para se lançar (BESSE, 2006, p.105 apud VERAS, 2014, p.107).

Assim, se estabelece um momento de conscientização e percepção das ameaças que podem atingir aquela paisagem à qual eles se conectaram. Portanto, na entrada da rota, o primeiro ponto de pausa serve como um convite e incentivo ao caminhante percorrer o SHO, ir em busca daqueles elementos distantes no alto que captaram sua atenção.

Sobre monitoramento de ameaças: Ao fazer a comparação de uma imagem datada do século 20 com uma fotografia de 2024 (Figura 55), é possível notar como quase 100 anos depois aquela paisagem se manteve ativa e característica.



Figura 55 - comparação entre fotografias da vista do Carmo. Fontes: Olinda de Antigamente/Estúdio Fidanzas/Acervo Laboratório Liber – UFPE, [s.d] e Daniela Vieira, 2024

Contudo, também se nota uma grande transformação, a implementação de um volume moderno retangular em meio a cidade histórica, a Caixa d'Água de Olinda, além da reforma estilística da Igreja da Sé. Nesse sentido, entende-se que mesmo com mudanças é a união, permanência e transformação dos elementos que certificam essa paisagem, e olhando desse ângulo, percebe-se que o conjunto paisagístico ali mostrado ainda é aquele reconhecido através dos tempos. Isso expressa já na primeira **pausa** a complexidade da paisagem, que é formada por “tempos sobrepostos, aparência da forma, dinâmica da natureza como suporte e cultura, produto da consciência do homem, numa relação contínua que expressa, no movimento, transformações e permanências” (VERAS, 2014, p.24). Nisso se consolida a utilização de balcões de mirada como ferramenta de monitoramento do patrimônio, pois através dele foi possível identificar as ameaças e transformações históricas que ocorreram naquela paisagem. Nota-se que este comentário não é um incentivo ou justificativa a intervenções desse porte em outros locais do sítio, mas sim uma forma de ainda valorizar aquele espaço paisagístico.

2 percorrendo a R. Prudente de Moraes e os Quatro Cantos

QUATRO CANTOS



Pelo Carmo você vai pela Prudente e já entra direto pelo coração de Olinda, que vai dar nos 4 cantos. (G1.A)

Chegando na Prudente de Moraes, que é uma ladeira não tão íngreme, ela meio que vai acostumando a pessoa, que vai chegando, a se preparar para as ladeiras (não acho ela tão íngreme comparada a outras no Sítio Histórico como a Sé, Misericórdia, aquela atrás do Amparo). (G2.C)

Mapa 14 - mapa da rota do percurso do mirante 2 no trecho AB. Fonte: própria, 2024.

1

2

3

4

5

6



Fig. 56

Fig. 57 - Fotos nos Quatro Cantos. Fonte: Daniela Vieira, 2024.



Fig. 56

Fig. 58 - Quatro Cantos à noite. Fonte: Tripadvisor, 2018.



Fig. 57

Fig. 59



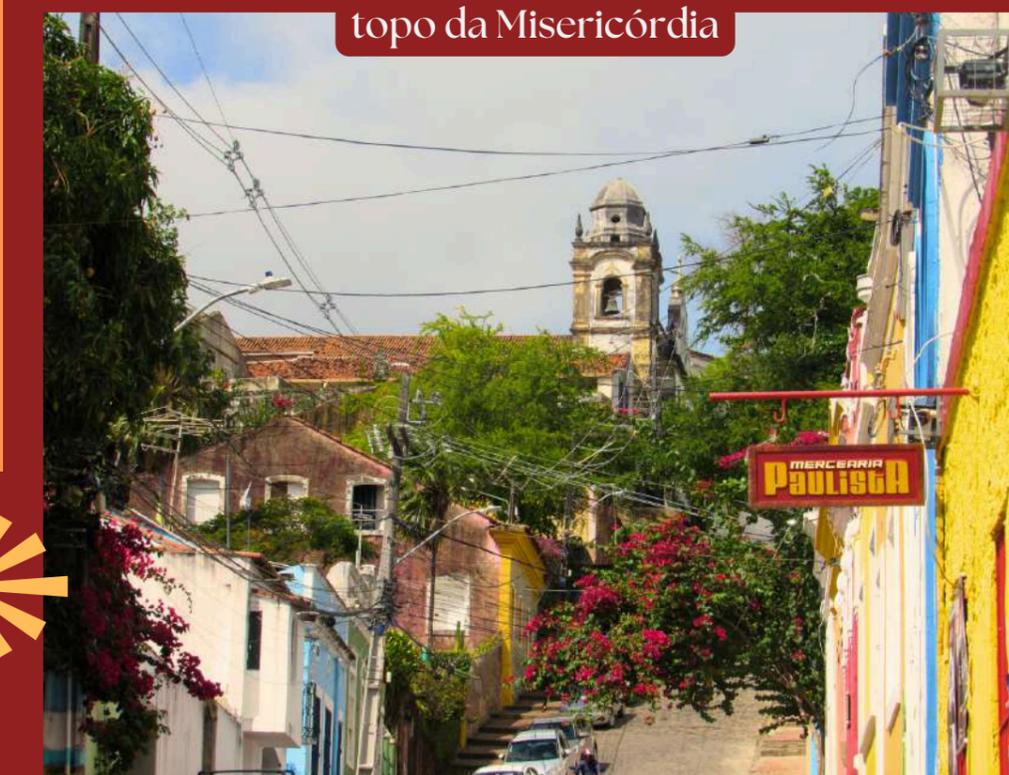
Fig. 58 - Carnaval nos Quatro Cantos. Fonte: Penélope Araújo/GI, 2016.

Fig. 60



Fig. 58 - Vista para Ladeira da Misericórdia. Fonte: Acervo FUNDAJ, 1930.

olhando para o topo da Misericórdia



2 Percorrendo a Rua Prudente de Moraes e os Quatro Cantos – Olhando para o topo da Misericórdia

Após o Carmo existem algumas direções que podem ser seguidas, mas aqui a escolhida foi a da Rua Prudente de Moraes. Primeiro, quem sai da Avenida Liberdade adentra na Praça de São Pedro, ao lado do Sobrado Mourisco, uma das edificações mais simbólicas do sítio (G2.E), com seus muxarabis históricos exuberantes, o qual hoje em dia abriga um bar muito frequentado na cidade que reúne grupos. A Praça é modesta, mas abre diversos caminhos a serem percorridos e serve como um descanso para quem vai subir as ladeiras ou para quem já desceu. No carnaval, também é utilizada como ponto de encontro, descanso e estadia fixa (G2.C), pois é sombreada e bem localizada, além de ser rodeada por diversos blocos que ali desfilam, como as Pitombeiras cuja sede é próxima.

Primeiro se conhece a Igreja do Carmo, a história da igreja, do antigo convento, aí passa e já fala da nossa cultura, a respeito do Carnaval, que é o trajeto onde passa os blocos, onde o turista vai caminhar ou passear com o carro, e aí depois Matriz de São Pedro onde tem o Casarão Vermelho e Branco, onde tem a polêmica que dizem que morou o príncipe holandês Maurício de Nassau, mas não é verdade. (G1.B)

As pessoas que marcam para se encontrar na Igreja de São Pedro ficam ali, não saem, e aí cria aquele grande volume de pessoas. Mas se você andar um pouquinho, tem menos pessoas, porque as pessoas na igreja de São Pedro ficam muito fixas. (G2.C)

Chegando na Prudente de Moraes, que é uma ladeira não tão íngreme, ela meio que vai acostumando a pessoa, que vai chegando, a se preparar para as ladeiras (não acho ela tão íngreme comparada a outras no Sítio Histórico como a Sé, Misericórdia, aquela atrás do Amparo, que são um pouco mais íngremes de que a Prudente de Moraes). E ali você sente que entrou completamente, porque aí vem as casinhas iluminadas com característica eclética, aquela mistura que é o Sítio Histórico de Olinda, Eclética! Uau, Arte Decor! Então eu gosto muito dessa entrada. (G2.C)

Um dos caminhos abertos pela praça é a Rua Prudente de Moraes, uma junção de tempos, formada por uma arquitetura de sobrados coloniais que se unem a algumas casas que foram objeto de processo de modernização e casarões. Nesse percurso o pedestre é abraçado pelas casas, e começa a se acostumar com a subida pela ladeira de forma suave, sendo inserido numa escala menor, na qual o aproxima das sensações proporcionadas pelo SHO. A Prudente abriga uma variedade de tipologias em si, como sobrados coloniais pequenos, casarões, a maioria das casas modernistas existentes no Sítio. Essa diversidade de tempos e estilos cria na rua um movimento visual entre “*reentrâncias e saliências*”, embrenhando o olhar em uma complexidade e sinuosidade que ajudam o espírito a deter-se tranquilamente. Nisso, a rua apresenta diversos “*acidentes*” ao seu desenrolar, que capturam o olhar, impedindo o sujeito de deslizar para longe, dando sentido àquele local e um motivo para que ele possa seguir ladeira adentro (COLLOT, 2018, p.46). Dentro desse jogo de volumes, a Prudente abriga inúmeros

restaurantes, citados por diversos dos entrevistados, como o Dom Francesco e o Prudente 232, que se instalam nas casas da ladeira e atraem o público não apenas pela experiência gastronômica, mas também por proporcionarem um terraço aberto que permite uma vista aberta para a cidade histórica (só para os consumidores). Seguindo a rua aparecem ateliês de moradores locais, hosteis e pousadas como a Casa Estação da Luz, ponto de referência da cidade e a Pousada Quatro Cantos, introduzindo um pouco da cultura local da cidade. E então, finalmente se consolida a experiência das boas-vindas, a sensação de “cheguei no Sítio Histórico de Olinda, nas casinhas!”, que se revelam os Quatro Cantos.

Chegar aos Quatro Cantos é como chegar ao coração de Olinda. Poderia ser apenas mais um cruzamento comum entre duas ruas, mas é a foz dos principais pontos da cidade. Uma pausa nos Quatro Cantos significa se juntar e se misturar ao casario. Aqui, a categoria de Cullen que melhor descreve esse lugar é a “*apropriação do espaço*” (2018, p.23), por ser um lugar de inúmeras apropriações em distintos momentos do ano. Soma-se à apropriação, a sensação espacial proporcionada pelo acolhimento como o recebimento de um abraço, pelas pessoas e pela paisagem envolvente daquele lugar. O ambiente é um dos mais movimentados do SHO. Durante o carnaval o lugar fica conhecido como “onde todos os blocos se encontram”, o que era verdade até pouco tempo atrás, mas que hoje é uma tradição que vem se perdendo devido a quantidade de pessoas que param ali impedindo os blocos de seguirem. Ali a vida é sempre movimentada, muitos bares são encontrados, como o Bar do Peneira que reúne moradores e visitantes e o Grêmio Musical Henrique Dias, desde 1954 entoa seus ensaios em um lugar de fomentação cultural do frevo, onde continua formando vários jovens para que possam tocar nas agremiações (VILARINHO, 2023), mantendo acordada a cidade de Olinda. Assim, seguindo essa movimentação e vida, adentra-se pela Rua do Amparo.

Mas a *pausa* nos Quatro Cantos, não se concretiza apenas pelos espaços de convivência, ela ressalta a experiência do sujeito na relação estabelecida com o objeto, isso porque ao parar em meio a encruzilhada e olhar para cima, olha-se para a Igreja da Misericórdia, no topo da ladeira de mesmo nome, a mais conhecida da cidade, que sobe a colina ladeada de casas históricas com suas árvores ao fundo em direção ao Alto da Sé.

Andando ali pela Prudente de Moraes, um belo dia chamou minha atenção, eu olhei para o Alto da Sé, vi um ângulo que eu nunca tinha prestado atenção. (G2.B)

A imagem da igreja no topo da ladeira acidentada choca o espectador, que vinha caminhando por uma rua com casas próximas dos dois lados e agora tem a oportunidade de visualizar e escolher 3 caminhos diferentes. No olhar para a Misericórdia, se tem uma sensação de grandeza, a noção do esforço que será feito para chegar ao topo, como um escalador prestes a se aventurar rumo a uma montanha, como fez Petrarca no século XIV, ao subir o Monte Ventoux na França e como recompensa pelo sacrifício, ao chegar no topo da colina, vislumbrou uma paisagem deslumbrante (VERAS, 2014). Aqui a curiosidade é mantida até chegar no topo da Misericórdia, despertando o desejo de continuar desbravando o percurso que segue reto adentrando na Rua do Amparo.

Sobre monitoramento de ameaças: todo o Sítio Histórico de Olinda sofre com a fiação densa e desordenada que risca suas visadas, e nos Quatro Cantos isso não é diferente. Justamente por ser uma encruzilhada ligando 4 ruas, os fios e postes de todas elas se unem num emaranhado que danifica aquela paisagem. A vista para a Igreja da Misericórdia, reconhecida através dos séculos, hoje em dia é prejudicada por isso, e se torna difícil, ou até impossível tirar uma fotografia sem a interrupção da fiação. Além da visada, a própria permanência nos Quatro Cantos é coberta de fios e cercadas de postes que escondem o casario (Figura 61). Inclusive, o próprio Cullen comenta dos danos causados pela sobreposição de elementos e construções modernas sem preocupação estética nos centros históricos. Isso não quer dizer que inovações não possam ocorrer no Sítio, mas sim os novos elementos considerem a escala e se relacionem com a cidade (MAGALHÃES, 2011, s/p apud VERAS, 2014, p.127).



Figuras 61 – Fiação exposta nos Quatro Cantos e Ladeira da Misericórdia. Fonte: própria, 2024.

3 percorrendo a Rua e o Largo do Amparo



O Largo do Amparo, que você vai continuando nessa ruazinha tradicional, estreita, com casinhas, iluminadas com telhado de duas águas... aí você chega em outro grande pátio, um outro espaço enorme que é o Largo do Amparo. E tem aquela visada linda da Igreja do Amparo com o casario. No fim da tarde fica aquela coisa maravilhosa! E o largo do Amparo continua sendo esse espaço de encontros por causa dos usos que tem: a gente tem uso de padaria, tem mercadinhos, bares e acaba sendo esse ponto de encontro no próprio carnaval, encontro de agremiações, que é o grande lugar de encontro. (G2.C)



Mapa 15 - mapa da rota do percurso do mirante 3 no trecho AB. Fonte: própria, 2024.

1



Fig. 62

2



3



4



5



6



Fig. 63



Fig. 64



Fig. 65



Fig. 66

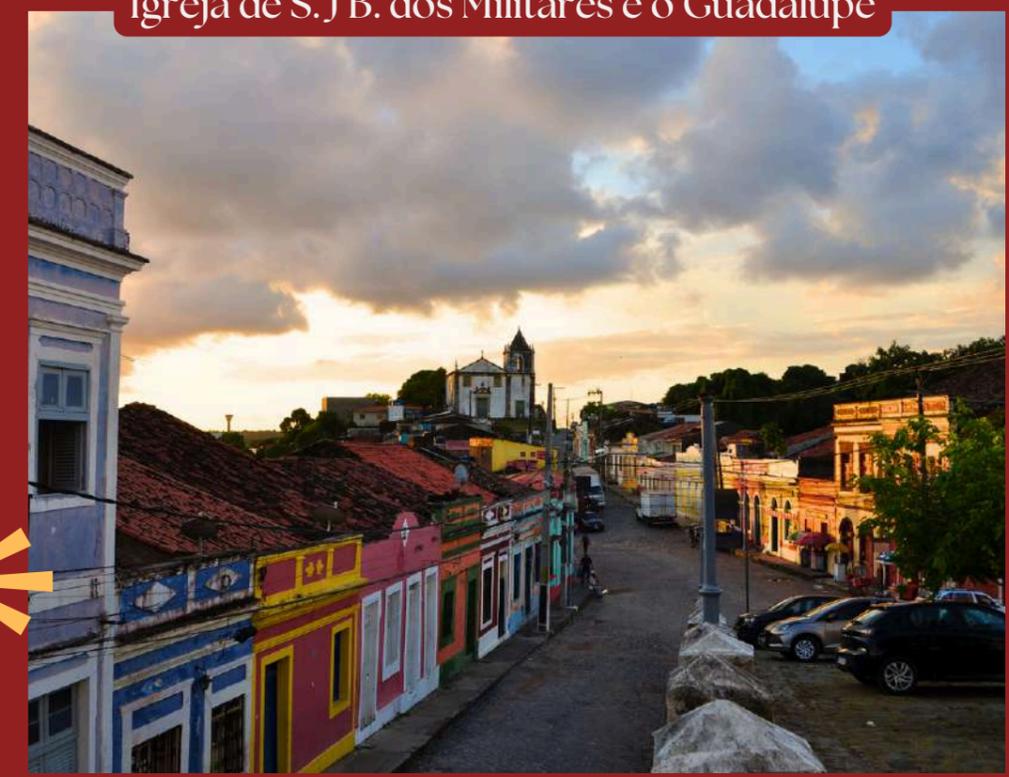


Fig. 67



Fig. 68

olhando para Igreja de S. J B. dos Militares e o Guadalupe



3 Percorrendo a Rua e o Largo do Amparo – Olhando para Igreja de S.J. B. dos Militares e o bairro do Guadalupe

Percorrer a Rua do Amparo até o Largo, é uma experiência que expõe a interligação entre história, cultura e a vida cotidiana dos moradores. A rua conduz o transeunte por uma jornada envolvente em meio às casas coloridas que devido à disposição em linha reta da maior parte da rua, mas com suas distinções pela cor ou detalhes, despertam atenção, pela captura do olhar, numa referência ao que Cullen denomina de interesse pelo “*pormenor*”, como se cada detalhe tivesse “*vida própria*” (p. 65). Ali se situam alguns dos ateliês, galerias, bares, restaurantes e pousadas mais famosas do Sítio, que devido à disposição em linha reta da maior parte da rua, atuam como pontos de captura da atenção do olhar, conduzindo os pedestres à frente. Nesse sentido, a rua é um “corredor natural” (G3.B) utilizado também pelos blocos durante o carnaval, que ao saírem dos 4 cantos fluem para o Amparo, quase como em uma “obrigatoriedade de [...] passarem por lá” (G3.B), celebrando e valorizando muitos dos moradores dali como figuras carnavalescas:

Eu vivo o Carnaval, não tem jeito. As agremiações carnavalescas, que vem até aqui e voltam, falam comigo e voltam. Eu acho isso lindo de Olinda sabe, da nossa gente aqui, e acho que diferente de quem vem brincar na cidade, a gente tem outra relação com o Carnaval, a gente tem essa relação que são as pessoas (G1.C);

Eu sou o Carnaval. Há 89 anos. Eu participo do Carnaval, a concentração maior é nessa rua (do Amparo), fico no meu camarote (minha casa) porque não posso mais ir pra rua, mas estou sempre aqui (G3.A);

No Carnaval, eu via dentro da orquestra de uma visão que poucas pessoas veem, porque dentro da orquestra a gente vê as pessoas bailando, dançando, isso pra mim eram modelos vivos pra minha pintura, com certeza, tanto é que eu tenho umas coisas imaginárias ainda do Carnaval na minha pintura. (G3.B);

O Carnaval pra mim ele tem desde a conceitualização de carnaval popular de Germano Coelho, que desmancha a passarela e começa a abrir esse carnaval para a rua, não ser só esse carnaval elitizado das Pitombeiras, do Elefante, das fantasias e tal, pra ser o carnaval popular mesmo. (G3.D)

Mas não é apenas no carnaval que a Rua do Amparo serve como um ponto de efervescência, ela abriga um dos bares mais tradicionais da cidade, comentado inúmeras vezes pelos entrevistados de todos os grupos, a Bodega de Véio (conhecida como Bodega do Véio), que movimenta as tardes e a noite de uma forma adequada à cidade. Portanto, à medida que se caminha por sua subida sinuosa, ainda surge no caminho a Oficina do Sabor, restaurante valorizado pelos entrevistados, que se estabelece em um dos sobrados históricos com um terraço que revela uma vista especial para o SHO, como acontece em diversos outros, mas que aqui se

torna acessível pelo uso público do estabelecimento. É interessante notar que a vista desse terraço é um dos maiores atrativos do restaurante, o que mostra que as pessoas desejam locais em que possam parar e apreciar uma vista. Logo, se segue imerso no ponto de vista da linha reta da rua, mas seguindo o percurso se depara com uma imagem completamente diferente, a abertura de um pátio. Assim, o Largo do Amparo, abre o olhar à uma sensação de amplitude onde acolhe as tradições culturais e permite a convivência harmoniosa com a rotina diária da cidade. O largo proporciona uma ampla visão, logo pontuada pela Igreja de São João Batista dos Militares, que pousa mais à frente na elevação da ladeira, como um “*ponto focal*” (CULLEN, 2018, p.105) como um ponto fixo que atrai o olhar e que também se revela pela “*pontuação*” (CULLEN, 2018, p. 47), delimitando o final dessa rua. Cullen reconhece os edifícios religiosos como “*pontos focais*”, facilmente identificados pela escala e arquitetura e além de assinalar os percursos, também se configuram como lugares de pausa (VERAS, 2014). Esse relevo ondulante das ladeiras que sobem e descem no largo adiciona uma dimensão física à experiência, proporcionando uma desaceleração natural do caminhar, como se o espaço solicitasse uma pausa para apreciar a vista que se descortina.

Assim, nessa *pausa*, começa-se a perceber outro aspecto do espaço, diferente dos anteriores do percurso, por ser um espaço mais introspectivo, vivenciado pelos moradores locais em seu cotidiano, que Cullen define como “*intimidade*”, “numa atmosfera de interioridade, íntima e cordial” (2018, p.71). Cullen (2018, p.48) afirma que em um local habitado, a disposição dos espaços influencia diretamente as emoções, o que faz com que seja natural a reunião de pessoas, que flutuam por um espaço estreito. O Largo é um núcleo vital da comunidade. Ali se encontram mercadinhos, farmácias e outros serviços essenciais que não são vistos em muitos lugares da área tombada, tornando-o um ponto de encontro e convivência diária de moradores. Esse espaço, também é uma rota de entrada para o bairro do Guadalupe, um dos mais vivos, tradicionais e residencial dentro do Sítio Histórico. Ali se preserva uma atmosfera autêntica que torna a vida cotidiana uma herança cultural, abrigando algumas das sedes dos principais blocos de carnaval, como o Cariri Olindense, um dos mais tradicionais, mantendo um epicentro de atividades, com partida de blocos e ponto de encontro e descanso para grupos durante a festa. Nesse sentido, o espaço ancora diversos tipos de atividades para ser povoado, pois “o ser humano é um objeto móvel e precisa de algo que guie as permanências em seus fluxos” (CULLEN, 2018, p.106).

Sobre monitoramento de ameaças: retomando o problema da fiação, o Largo do Amparo é um dos cenários mais brutais causados por ele, pois lá praticamente esconde a vista (Figura 69). Até para tirar a própria fotografia escolhida para retratar essa mirada, foi necessário muito esforço para encontrar um ponto que ainda permitisse a apreciação daquele lugar. Ao fazer a comparação entre os anos é possível notar claramente o aumento do problema da fiação na área, inclusive que do ano de 2022 para o de 2023 houve um crescimento aparentemente maior do que entre 2011 e os dias atuais. Dessa forma, é urgente tratar desse problema, que há muitos anos já chama atenção e cada vez mais se agrava (Figura 70).



Figura 69 - Fiação no Largo do Amparo. Fotos: Daniela Vieira, 2024.

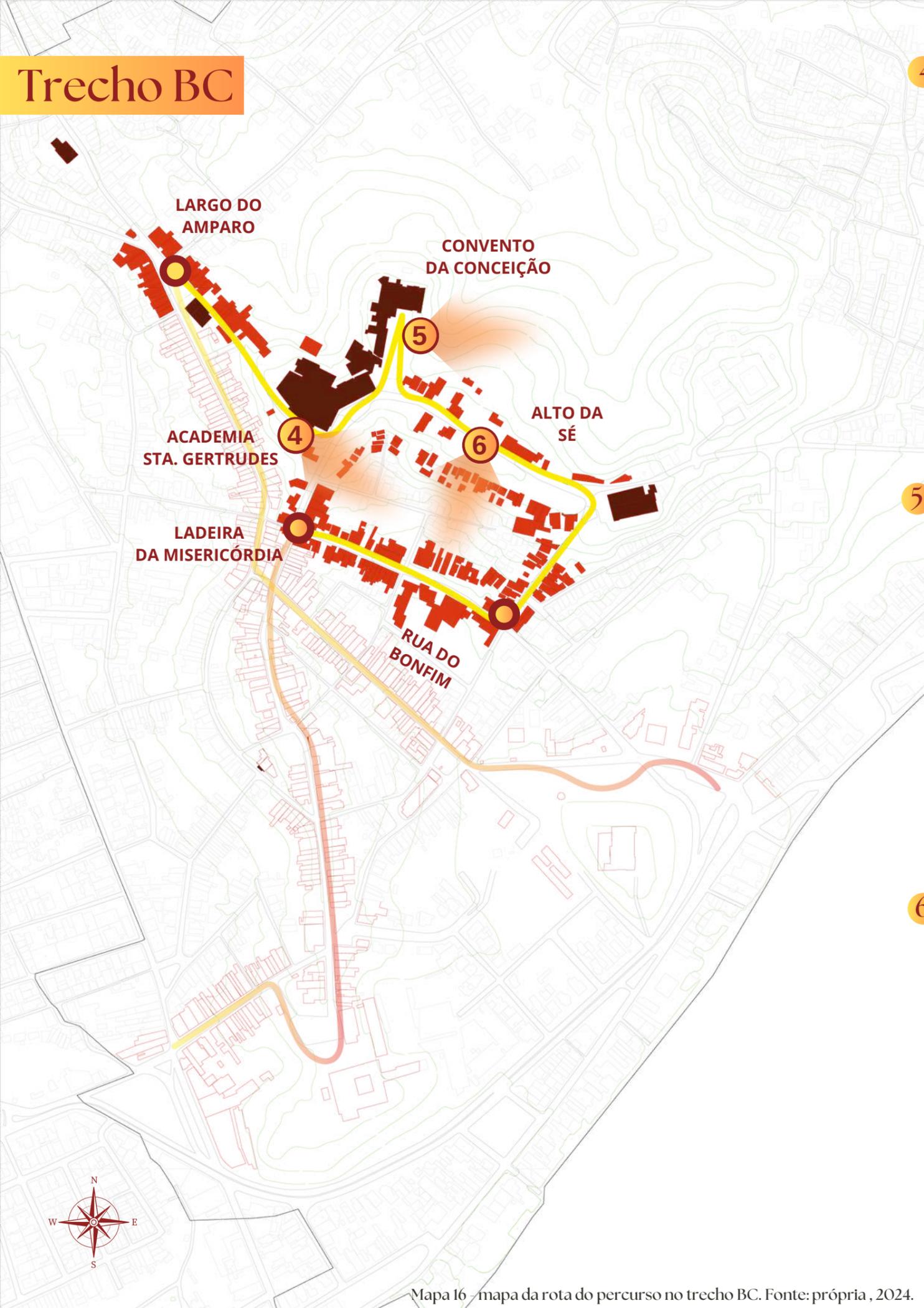


Figura 70 - Comparação da vista do Largo do Amparo entre 2011, 2022 e 2023. Google Street View.

5.2.2 Parte BC – Intervalo do Largo do Amparo à Rua do Bonfim

Agora se apresenta a Parte BC, que consiste no meio do percurso, levando do Largo do Amparo até o final da Rua do Bonfim, passando pelos seguintes mirantes: (4) Academia Santa Gertrudes, (5) Convento da Conceição e (6) Alto da Sé.

Trecho BC



Mapa 16 - mapa da rota do percurso no trecho BC. Fonte: própria, 2024.

4 percorrendo do Largo do Amparo à Academia Sta. Gertrudes

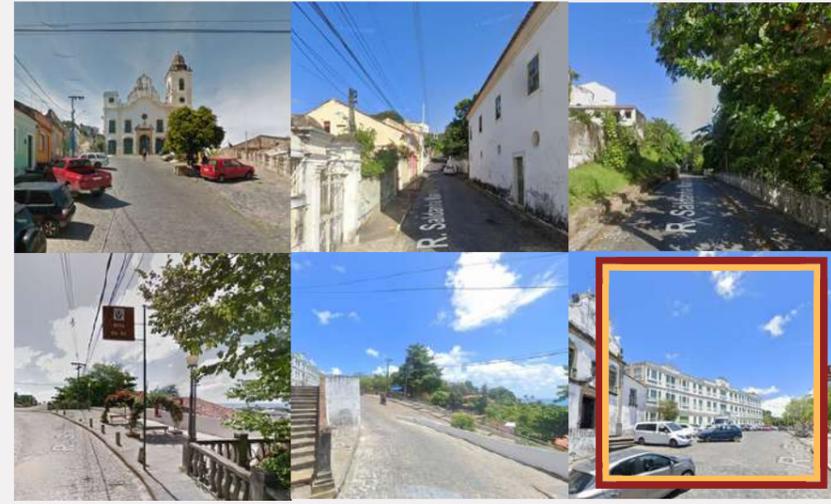


Fig. 71 - conjunto de imagens trecho BC.4. Fonte: Google Street View, 2024.

olhando para o parque tropical decorado de monumentos



5 percorrendo da Academia Sta. Gertrudes até o Convento da Conceição



Fig. 72 - conjunto de imagens trecho BC.5. Fonte: Google Street View, 2024.

olhando para o Horto D'El Rey e o Farol



6 percorrendo o Alto da Sé e a R. do Bonfim



Fig. 73 - conjunto de imagens trecho BC.6. Fonte: Google Street View, 2024.

olhando para o conjunto arquitetônico ornamentado de jardins



4 percorrendo do Largo do Amparo à Academia Sta. Gertrudes



Em frente a Santa Gertrudes, é minha vista preferida no mundo, de qualquer lugar do mundo que você me levar. [...] Ali toda vez que eu chego eu digo Deus existe, não tem ninguém mais que faria aquilo. Tem essa poesia, então se você olhar o que a gente é capaz de ver, e o que por exemplo estava dentro dos conventos, dentro das torres das igrejas, que não é o nosso lugar, não é o nosso acesso, aqui é visto. (G3.D)



Mapa 17 - mapa da rota do percurso do mirante 4 no trecho BC. Fonte: própria, 2024.

1



2



3



4



5



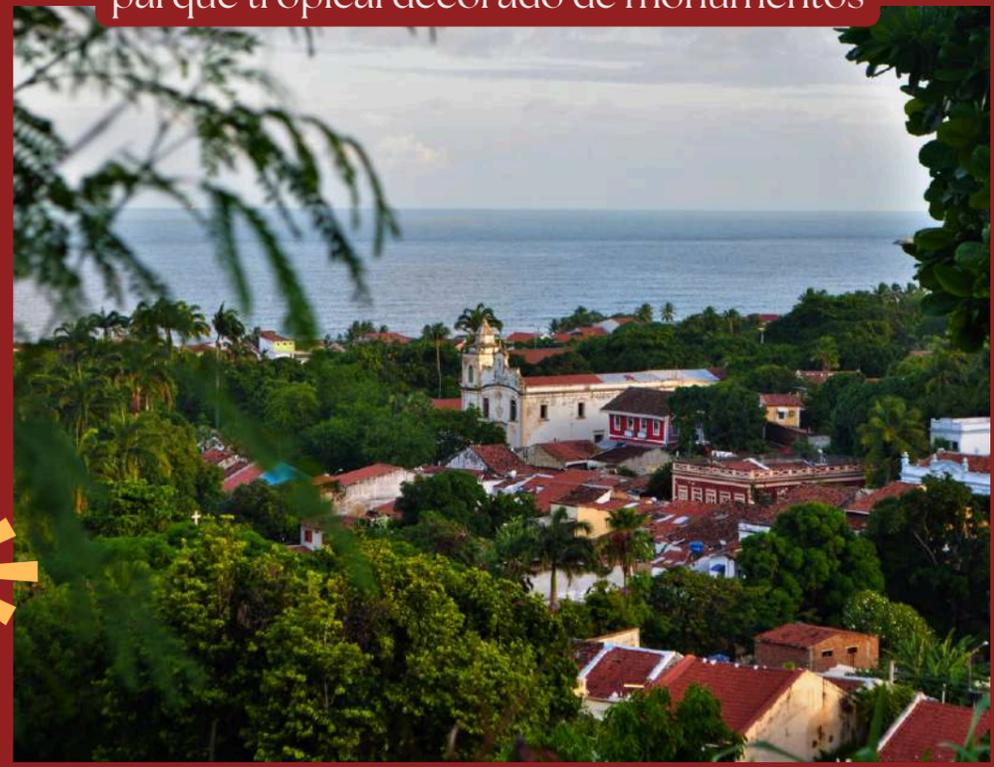
6



Fig. 74 - Conjunto de fotos percurso BC.4. Fonte: Google Street View, 2024.
Fig. 75, 76, 77, 78, 79 e 80 - Fotos no entorno da Academia Sta Gertrudes. Fonte: Daniela Vieira, 2024.



olhando para o parque tropical decorado de monumentos



4 Percorrendo do Largo do Amparo até a Academia Santa Gertrudes > Olhando para o parque tropical decorado de monumentos

Retomando a ampla visão do Largo do Amparo em 360°, o olhar que estava direcionado para frente, agora é permitido que se rotacione para trás, revelando a Igreja do Amparo, agora vista em sua completude, situando o sujeito por completo naquele conjunto da paisagem, e agora com duas igrejas, uma de frente para a outra. Ao lado da Igreja do Amparo, situa-se a rua Saldanha Marinho, numa ladeira íngreme que desafia o corpo, cercada por uma vegetação tropical densa, que suaviza o esforço físico, mostrando que, mesmo nesse espaço que exige intensidade, é possível caminhar com calma e não apenas praticar o passo apressado para chegar num ponto específico. Dito isso, como mostra Besse (2014), o cansaço aumenta a porosidade do sujeito em relação ao mundo, então a cada passada, a sensação de imersão no espaço torna-se mais intensa, e a caminhada, mesmo exaustiva, se transforma em uma conexão direta com a paisagem ao redor, que começa a abrir uma vista conforme se sobe, prometendo uma recompensa que motiva a continuidade do percurso.

Então, perto do fim da ladeira, surge um pequeno oásis: um alargamento na calçada com uma nova visão, que representa um alívio físico, mas também um convite a uma nova experiência sensorial e emocional. Ali, atualmente, existem um banco e pergolado posicionados ao redor de uma moldura que transforma aquela vista em um quadro, além de permitir uma pausa revigorante próxima ao final da ladeira. A vista que se descortina é deslumbrante, o Sítio Histórico de Olinda com o Recife ao fundo, e a sensação de contemplação do espaço após o esforço físico ressalta o vínculo profundo entre o olhar e a experiência, proporcionando uma percepção aguçada da cidade. Com a capital ao fundo, o “*aqui e além*” (CULLEN, 2018, p.37) da proximidade com a paisagem imediata e conhecida – Olinda – e para o além distante, e igualmente conhecido – o Recife –, faz desse balcão um lugar muito especial que revela perspectivas, desníveis, estreitamentos, cores, texturas e nos remete a muitas histórias das duas cidades.

Do lado da Igreja da Misericórdia, perto do final da ladeira, tem banquinho, perto do Beijupira. Ali você tem um mirante que você olha para Olinda, você olha para os Quatro Cantos, descendo a Misericórdia. (G1.A)

Eu tinha o costume de ir pro crepúsculo, ali na subida da Saldanha Marinho, ao lado da Igreja de Nossa Senhora da Luz, ali no final da subida da Misericórdia. Pra mim o crepúsculo mais bonito é ali. (G3.D)

Mas o percurso segue, e ao terminar a subida, o pedestre se encontra no topo da Ladeira da Misericórdia, em frente à Igreja e Academia Santa Gertrudes, uma revelação súbita que

expande o olhar para o SHO de longe, mais do que em qualquer outro ponto anterior, pois “o fator da altura confere um caráter mais dramático e real” (CULLEN, 2018, p.12), completando a paisagem unindo o casario histórico, as igrejas, a vegetação, o mar, os altos e baixos das ladeiras. Essa visada é tão privilegiada que até é possível assistir ao nascer e ao entardecer do sol no mesmo lugar, privilégio de poucos lugares, que surpreende e continua atraindo alguns dos seus moradores mais antigos da cidade.

Em frente a Santa Gertrudes, é *minha vista preferida no mundo*, de qualquer lugar do mundo que você me levar. [...] Ali toda vez que eu chego eu digo *Deus* existe, não tem ninguém mais que faria aquilo. Tem essa *poesia*, então se você *olhar* o que a gente é capaz de ver, e o que por exemplo estava dentro dos *conventos*, dentro das *torres das igrejas*, que não é o *nosso lugar*, não é o *nosso acesso*, aqui é visto. (G3.D)

Junto a isso, o topo da Misericórdia é formado também por uma praça que se integra harmoniosamente à paisagem. Esse espaço serve como um ponto de trabalho para artesãos locais, que fabricam um artesanato típico da cidade, como as igrejas e casinhas que entalham na madeira aquele cenário, expostas na praça, eternizando aquele momento numa obra de arte que leva recordações aos que a adquirem.

A gente tinha aqui em casa um objeto de artesanato que Vovô deu, desses que vende mesmo em Olinda assim de turista e tal, que tinha tipo essas casinhas coloridinhas assim e o farolzinho. E aí me lembra especificamente ele. (G4.D)

Em frente a Academia Santa Gertrudes se desdobra a vista escolhida para ilustrar a capa do *Guia de Olinda* de Gilberto Freyre (Figuras 81, 82 e 83), a Praça de São Pedro, o primeiro ponto da Rota após a entrada pelo Carmo.



Figuras 81, 82 e 83 - Capa do livro *Olinda: 2º guia prático, histórico e sentimental de cidade brasileira*, desenho da vista para Igreja de São Pedro, por M. Bandeira. Foto: Freyre, 1980 e Daniela Vieira, 2022.

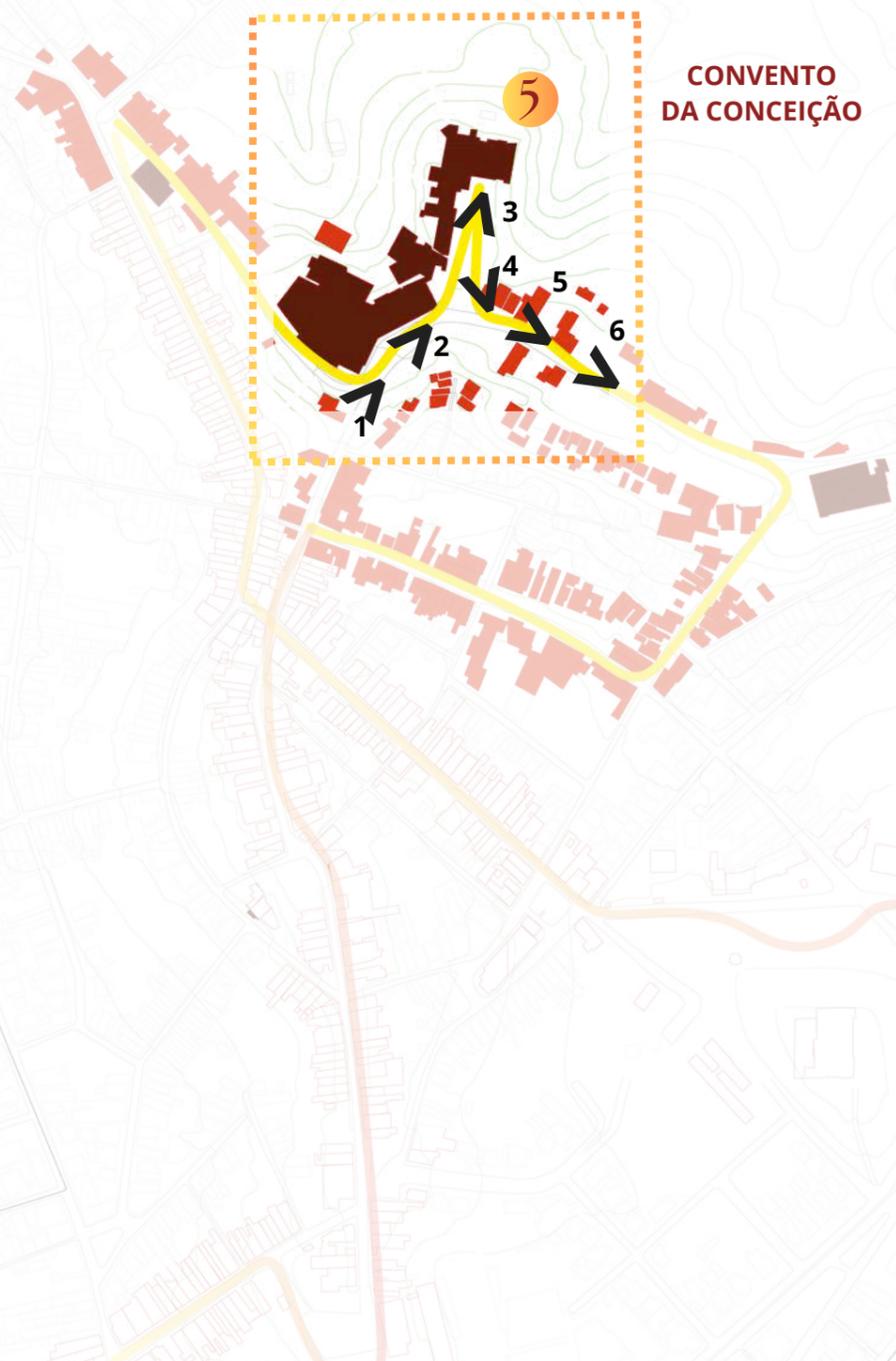
De cima, percebe-se aquele local que momentos antes abrigava o pedestre olhando para o topo da colina e que passa a entender o seu percurso até ali. Assim, o “além” visto na *pausa* do Carmo se concretiza, o sujeito percebe que chegou ao topo da colina, ele se localiza no espaço e se conscientiza de que “*estou aqui dentro*” (CULLEN, 2017, p.11 e 12). Portanto, ali se consolida uma narrativa espacial, em um diálogo visual que unifica a relação entre as duas partes da cidade, pressupondo-se que o “*aqui*” não existe sem o “*além*” (CULLEN, 2018, p.12), e que a paisagem não existe sem a coexistência de ambos, a “coexistência do visível e do oculto, que define a abertura sensível e situada para o mundo” (BESSE, 2006, p.80 apud VERAS, 2014, p.104).

Também é válido pontuar que esse espaço também é privilegiado durante o carnaval, pois dali é possível observar a descida da Ladeira da Misericórdia, de onde desce uma multidão vibrante para percorrer os Quatro Cantos. Porém, nesta rota, a descida da ladeira ainda não é incentivada, pois após todo esforço feito para subir a colina é necessário percorrer o alto da cidade. Assim, a ladeira deixa a curiosidade e vontade de ser explorada, adentrando no imaginário do caminhante que se pergunta se um dia para ela voltará. Portanto, dando continuidade ao caminho, deixa-se essa parte da Rota que celebra a experiência do espaço em Olinda pela ascensão física com a recompensa da paisagem, que cria a conexão com o ponto mais baixo e mais alto do percurso reforçando a interação entre o corpo e o território, ampliando a percepção da cidade como paisagem e patrimônio cultural e natural.



Figura 84 – Conjunto de fotos da Rua Saldanha Marinho, vista para o Recife, vista para Academia Sta. Gertrudes e vista para os Quatro Cantos, respectivamente. Fonte: própria, 2024.

5 percorrendo da Academia Sta. Gertrudes até o Convento da Conceição



Tem um terraço que acho muito massa, que não é tão usado, mas que é justamente a paisagem para o Farol de Olinda, que acho que é uma coisa muito marcante! Pra quem é de Olinda e também para quem é de fora, o Farol fazia sentido quando os navios vinham. Tem toda essa história por trás e ele fica no Amaro Branco, ali por trás. (G2.C)



Mapa 18 - mapa da rota do percurso do mirante 5 no trecho BC. Fonte: própria, 2024.

1



2



3



4



5



6



Fig. 85 - Conjunto de fotos percurso BC.5. Fonte: Google Street View, 2024.



olhando para o Horto del Rey e o Farol

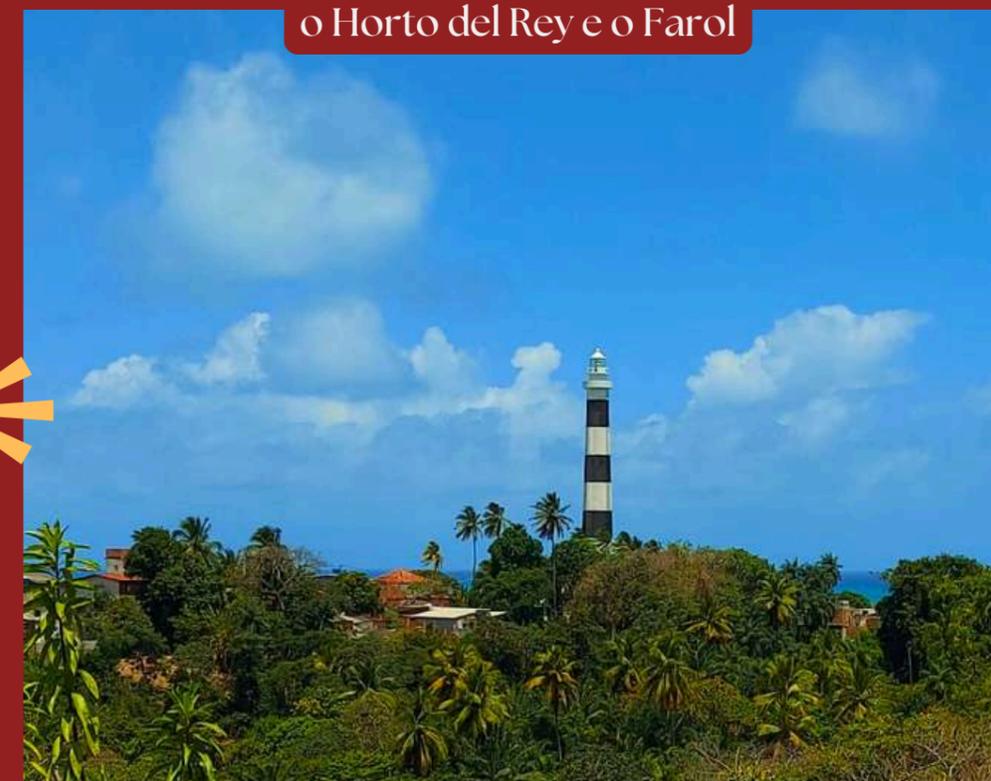


Fig. 86, 87, 88, 89, 90, 91, 92 e 93 - Fotos percurso do mirante 5. Fonte: Daniela Vieira, 2024.

5 Percorrendo da Academia Santa Gertrudes até o Convento da Conceição – Olhando para o Farol e o Horto Del Rey:

No topo da Misericórdia, em frente à Academia, o nome da rua existente é a Bispo Coutinho, que conduz dali até a Igreja da Sé, Catedral de Olinda. Porém, antes de chegar à Catedral, existem alguns pontos interessantes, e o mais surpreendente é o terraço do Convento da Conceição, verdadeiro mirante, que atualmente funciona como uma pousada.

Entrar no Convento da Conceição é como descobrir um segredo bem guardado. Ao entrar no prédio a escala da construção é pequena, um ambiente íntimo e acolhedor, mas ao explorá-lo, logo se percebe um contraste àquele ambiente, um balcão com uma visão panorâmica espetacular, que abre a escala e se desdobra diante dos olhos proporcionando um “*panorama exterior*” que surge como uma dimensão extra (CULLEN, 2018, p.34). Essa **pausa** proporciona uma nova visada que traz um sentimento de surpresa, introduzindo outra parte da história e a paisagem da cidade, através da visão do Horto D’El Rey, com o Farol em meio à vegetação revelada, e pouco do mar atrás do bairro Amaro Branco, permitindo ao visitante ver Olinda fora da maneira tradicional.

Tal momento é surpreendente e evocativo, pois à medida que os olhos se ajustam à luminosidade e buscam um enquadramento, o Horto apresenta o elemento da vegetação como em nenhum outro ponto do Sítio, um espaço verde denso vibrante, paisagem natural. Em meio a isso, surge o Farol, com sua estrutura icônica como uma “*escultura*”, que se ergue isolada na vastidão (CULLEN, 2018, p.76). Também é possível observar o contraste entre as pequenas casas do bairro do Amaro Branco, comunidade dentro da área tombada, e os grandes prédios do Bairro Novo e de Casa Caiada. Essa perspectiva revela as "costas" do SHO, um ângulo muitas vezes negligenciado, mas igualmente significativo, que amplia a compreensão da relação espacial entre os diferentes componentes da paisagem cultural e natural.

Eu sinto muita falta de a gente não ter acesso, uma vivência de um pedaço ali de Olinda que fica dentro do Amaro Branco que é o Farol. Eu acho que nas fotografias ele fica muito evidente, que é uma marca de Olinda, então se você vai fazer uma arte, uma ilustração sobre Olinda, quase todas tem o Farol. Então na arte, são pedaços que a gente vê, como o imaginário mesmo, porque ele existe, só que eu sinto falta, eu queria que aquele espaço ali ele fosse um espaço que a gente pudesse chegar lá com tranquilidade. Aquele Farol ele representa isso, representa a imagem, o imaginário da cidade, mas a gente não tem acesso até a ele, e eu não digo nem subir. (G1.C)

Tem um belvedere ali dentro no terraço da Igreja da Conceição, no terraço, que é muito bom, lá você tem uma visada muito interessante do Farol de Olinda. (G2.A)

Tem um terraço que acho muito massa, que não é tão usado, mas que é justamente a paisagem para o Farol de Olinda, que acho que é uma coisa muito marcante! Pra quem é de Olinda e também para quem é de fora, o Farol fazia sentido quando os navios vinham. Tem toda essa história por trás e ele fica no Amaro Branco, ali por trás. (G2.C)

O Convento da Conceição. Eu me casei ali. Você não tem noção da dimensão daquele convento. Você sabe que tem uma igreja, que ela fica assim na frente, mas quando você entra lá pro fundo você vê o Farol, você tem uma visibilidade bem linda do espaço. Eu me casei lá, e depois uma amiga disse “eu vou casar aqui também”, aí casou lá. E ela se casou de tarde, que eu acho que ficou ainda mais bonito porque pegou o pôr do sol, a decoração dela ela fez de tons de rosa, bem tons de tarde, rústico, e eu casei a noite, foi tudo branco, diferente assim a sensação. (G4.A)

Saindo do Convento, ao seguir pela Rua Bispo Coutinho em direção ao Alto da Sé, a experiência se transforma conforme a paisagem se revela de forma gradativa. A cada passo, novos usos aparecem, duas grandes lojas de artesanato, ateliês, Casa dos Bonecos Gigantes de Olinda e a Cafeteria da Sé. Outro destaque dessa parte do percurso é a cafeteria, que, cercada por árvores, oferece mais uma pausa reconfortante em seu terraço, de onde se pode ver tanto a cidade quanto a Igreja da Misericórdia, criando uma conexão visual com o ponto anterior da caminhada. Já é possível ver um pouco da Igreja da Sé ao fundo, insinuada pela perspectiva, como. À medida que se avança, a rua se expande, dando lugar a um grande espaço de convivência, introduzido pela presença do Observatório Astronômico, como um “*ponto focal*” (CULLEN, 2018, p.105) o que marca a transição do ambiente para a ampla abertura do Alto da Sé. A chegada ao topo revela não apenas o ponto mais alto do Sítio Histórico de Olinda, mas também uma perspectiva panorâmica que insere o visitante na vastidão da paisagem ao redor, em uma percepção única da paisagem, que Cullen definiria como “*infinito*” (2018, p. 52).

6 percorrendo o Alto da Sé e a R. do Bonfim



Ali na Sé tem alguns pontos de vista. Você segue a Bispo Coutinho e dá no observatório, tem todo aquele terraço, as barracas ali, onde também tem uma visada muito interessante. O próprio observatório, que tá em reforma, mas tem a possibilidade de abrir, é mais um monumento para você conhecer, dentro dele você tem as janelas com outras visadas. Ali você tem o Preto Velho também, dá uma tiragem de uma foto interessante, e você lá, num ambiente majoritariamente católico, do nada tem o Preto Velho ali, e o Palácio de Iemanjá, isso é bem interessante. (G2.A)



Mapa 19 - mapa da rota do percurso do mirante 6 no trecho BC. Fonte: própria, 2024.

1



Fig. 94

2



3



4



5



6



Fig. 95

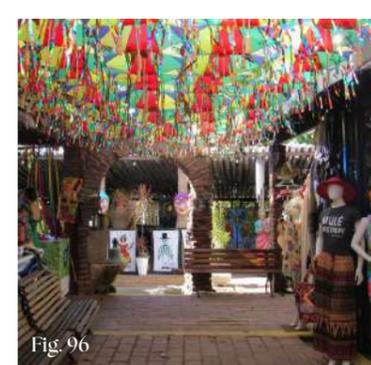


Fig. 96

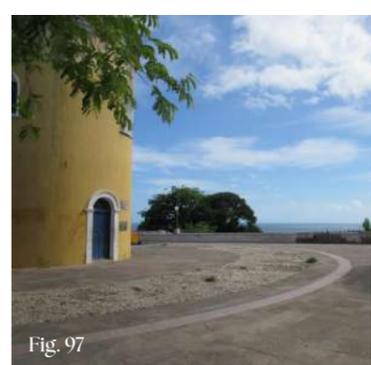


Fig. 97

olhando para o conjunto arquitetônico ornamentado de jardins



Fig. 98



Fig. 99



Fig. 100



Fig. 101



Fig. 102



Fig. 103

Fig. 94 - Conjunto de fotos percurso BC.6. Fonte: Google Street View, 2024.

Fig. 95, 96, 97, 98, 99, 100, 101, 102 e 103 - Fotos do percurso do mirante 6. Fonte: Google Street View, 2024.

6 Percorrendo o Alto e Ladeira da Sé até Rua do Bonfim – Olhando para conjunto arquitetônico ornamentado de jardins

O Alto da Sé é um dos cartões postais mais conhecidos do SHO, fotografado e representado por inúmeras vezes nas imagens históricas, como visto anteriormente. O espaço é um verdadeiro centro de encontro local, construído por uma diversidade de manifestações culturais presentes, como as barracas de tapioca, comandadas pelas tapioqueiras da região, que ficam na área vegetada no meio, o mercado de artesanato com os artesãos locais e suas sombrinhas de frevo, o Museu de Arte Sacra e a Igreja da Sé como expressão católica e a influência da cultura afro-brasileira, com o espaço do Grêmio Recreativo da Escola de Samba Preto Velho e o Palácio de Iemanjá (Terreiro de Pai Edu).

Ali na Sé tem alguns pontos de vista. Você segue a Bispo Coutinho e dá no observatório, tem todo aquele terraço, as barracas ali, onde também tem uma visada muito interessante. O próprio observatório, que tá em reforma, mas tem a possibilidade de abrir, é mais um monumento para você conhecer, dentro dele você tem as janelas com outras visadas. Ali você tem o Preto Velho também, dá uma tiragem de uma foto interessante, e você lá, num ambiente majoritariamente católico, do nada tem o Preto Velho ali, e o Palácio de Iemanjá, isso é bem interessante. (G2.A)

Dentro do recorte trabalhado, a Sé é o ponto mais alto da rota proposta e o lugar mais citado nas entrevistas, por todos os entrevistados. Uma das razões identificadas para isso foi justamente a topografia local, que eleva aqueles que ali estão em uma euforia e até sensação de domínio causada pela altura (CULLEN, 2018, p.40), possibilitando ao olhar a abertura de uma “*perspectiva grandiosa*” que dá ao sujeito a possibilidade de se transformar junto a uma paisagem omnipresente (CULLEN, 2018, p.43). Assim, o Alto da Sé é entendido como um ponto de pausa grandioso, permitindo enxergar o conjunto de paisagem da Imagem 01 do questionário, dispondo da maioria dos elementos identificados (casario, vegetação, mar e vista para Recife), que ali são capturados em apenas um lance de vista, apreciados no “*aqui e agora*” em um “contato visual direto entre homem e ambiente” (CULLEN, 2018, p.191). Nesse contexto o olhar também se abre de Olinda para o Recife, mantendo as vistas que foram capturadas nas históricas representações iconográficas, pois Olinda na colina, avistava Recife no manguezal da planície. Esse relacionamento existe desde a fundação das cidades, como visto nas representações iconográficas anteriores, e hoje em dia, Recife coloca seus edifícios novos e cada vez mais altos como plano de fundo do Sítio Histórico, em um “*contraste*” da cidade histórica com a cidade moderna, que permite sentir e entender a passagem e diferença entre os

tempos, valorizando ainda mais o ambiente histórico que se está inserido (CULLEN, 2018, p.79).

Outro ponto chave dessas visadas é a Caixa d'Água da cidade, que se ergue verticalmente como uma “*escultura*” de um novo padrão (CULLEN, 2018, p.76), construção modernista de 1934 projetada pelo arquiteto Luiz Nunes, edificação mais alta em todo o SHO. Embora se reconheça que é um marco da arquitetura moderna pernambucana, é possível apontar, entre as categorias de Cullen, que o edifício rompe com a “*unidade urbana*” (2018, p.29) preexistente, diferenciando-se na escala e na forma pelo estranhamento na paisagem. No entanto, por sua própria altura, anos atrás a subida ao topo da caixa era permitida e incentivada, o que proporcionava um mirante em 360° não só para a cidade histórica, mas para toda Olinda e para o Recife.

Quando se ia pro elevador que se tinha na Caixa d'água, aquele projeto de cobogó ali, se via lá de cima o Jardim Botânico. [...] Se você olhar direito de cima, se tiver a oportunidade de ver Olinda do alto, você vê que Olinda ainda tem muito verde. É uma cidade patrimônio cultural e ecológica, né, então natural aí é o ecológico, que Olinda, realmente em toda a casa tem seu quintal e todo que o seu quintal é um pomar. (G3.B)

Por fim, após a Caixa d'Água finalmente se alcança a Catedral de São Salvador do Mundo, mais conhecida como Igreja da Sé, um dos maiores símbolos edificadas de Olinda, fundada em 1540, como um marco da presença portuguesa no Nordeste. Originalmente, o templo passou por diversas reformas e ampliações, e sofreu com a invasão holandesa em 1630, na qual foi danificada e permaneceu em ruínas até a Restauração Pernambucana. Em 1676, foi elevada à condição de Catedral, e no século XX a igreja passou por grandes mudanças estilísticas. A primeira em 1911, quando se promoveu uma remodelação radical no estilo neogótico, e depois, na década de 1930, uma nova alteração para o estilo neobarroco, distanciando-se ainda mais do caráter luso-brasileiro que a identificava. Então, em 1974, foi realizada a restauração mais recente, liderada pelo arquiteto José Luiz da Mota Menezes, baseada em pesquisas históricas e arqueológicas, que trouxe a igreja à sua feição atual (CABRAL, 2016). Apesar de ter passado por diversas reformas estilísticas, a catedral é consolidada no imaginário popular, sempre imponente em frente ao mar e ao casario, apreciados em frente a essa ou dentro do seu terraço particular como um verdadeiro “ponto focal” (CULLEN, 2018, p. 28) da colina da Sé. Apesar de ter passado por diversas reformas estilísticas, a catedral é consolidada no imaginário popular, sempre imponente em frente ao mar e ao casario, apreciados em frente a essa ou dentro do seu terraço particular.

Do Alto da Sé, ponto mais alto do percurso, inicia-se a descida. Da Ladeira da Sé se inicia a despedida da vista do topo na jornada para baixo. Percorrer esse trecho é voltar para as entranhas do SHO, nas quais a escala vai se fechando novamente, e a paisagem vista do alto vai sumindo entre a vegetação e casas que se aproximam. Um pouco antes do seu final, abre-se a Rua do Bonfim, outra das mais conhecidas da cidade e do carnaval, que mostra uma disposição diferente das ruas estreitas da cidade, sendo mais larga, com casas maiores e com uma grande expansão da calçada, quase toda sombreada por grandes árvores. A rua segue reta, coberta por árvores que criam uma noção de “*recinto*” naquele lugar (CULLEN, 2018, p.167), mas que permitem ao pedestre o avistamento de um “*aqui e além*” (CULLEN, 2018, p.37), dois pontos de interesse mais à frente: primeiro uma igreja e mais a fundo um sobrado emoldurado pelo caminho. Em seguida se alcança a Igreja do Bonfim, completando aquela 15 paisagem intimista, e a partir dali se avista apenas uma casinha no fim da rua, sem saber o contexto que ela está inserida, criando a “*expectativa*” e despertando a curiosidade quanto ao cenário com o qual se irá deparar (CULLEN, 2018, p.51). Percorrendo a rua, se alcança o sobrado avistado, que se revela como uma das casas da própria Ladeira da Misericórdia.

Sobre monitoramento de ameaças: Em 2021, foi realizado o PIBIC “Olinda-postal em exercícios de percepção para conservação da paisagem”, desenvolvido pela própria autora deste trabalho. Na pesquisa se descobriu através de visitas técnicas e reuniões com as instituições de preservação, que estava sendo debatida a implementação de torres de telefonia dentro do SHO. Então, esse foi um dos temas escolhidos para tratar em um dos “exercícios de percepção”, que consistiam na produção de fotomontagens às quais simulavam alguma ameaça que poderia ser consolidada dentro do Sítio. Após a produção, as montagens foram apresentadas à 96 pessoas que opinam sobre o impacto, respondendo se eles acreditavam que tal intervenção descaracterizaria aquela visada. No caso da simulação das antenas (Figura 105), 72,9% dos entrevistados afirmaram que caso aquele tipo de intervenção ocorresse, aquela vista seria lesada. Porém, alguns anos depois, ao visitar o SHO, percebeu-se uma antena instalada, logo em um dos mirantes no Alto da Sé, se impondo naquela paisagem consolidada, tomando frente à Igreja do Carmo que se afasta e diminui com sua presença (Figura 104).



Figura 105 – Exercício de percepção - Vista do topo da Ladeira da Misericórdia: vegetação, arquitetura, céu, mar, horizonte e antenas de telefonia celular inseridas no sítio histórico. Fonte: Daniela Vieira, PIBIC, 2021.



Figura 104 – Sequência de fotos do caminho percorrido em mirante no Alto da Sé até a vista danificada pela antena. Fonte: própria, 2023.

5.2.3 Parte CD – Intervalo da Rua do Bonfim ao Varadouro

A Parte final da Rota. Agora o percurso se volta para os últimos pontos que conduzirão a saída da experiência, ligando a Ladeira da Misericórdia até o Varadouro, passando pelos mirantes do (7) Mercado da Ribeira, (8) Praça Laura Nigro e por fim, a (9) Rua 15 de Novembro

Trecho CD



7 retornando aos 4 Cantos, da Ladeira da Misericórdia até o Mercado da Ribeira



Fig. 105 - conjunto de imagens trecho CD.7. Fonte: Google Street View, 2024.

olhando para outro ângulo do o Alto da Sé



8 percorrendo entre praças, da Praça Laura Nigro até a Praça da Prefeitura



Fig. 106 - conjunto de imagens trecho CD.8. Fonte: Google Street View, 2024.

olhando para o pôr-do-sol



9 SAINDO pelo Mosteiro de S. Bento e R. 15 de Novembro ao Varadouro



Fig. 107 - conjunto de imagens trecho CD.9. Fonte: Google Street View, 2024.

olhando para o Recife



7 retornando aos 4 Cantos, da Ladeira da Misericórdia até o Mercado da Ribeira

Tem outro que não é propriamente esse balcão tradicional, tipo uma vista para um lugar com uma saidinha, um parapeitozinho... É tipo um fundo do Mercado da Ribeira, tipo um terracinho. É, é exatamente o fundo do imóvel. Lá você vê pra dentro do Sítio Histórico, você vê a caixa d'água, vê uma parte da Prudente de Moraes, é bem interessante! Vê o Observatório da Sé que é uma visada que não está olhando para Recife, e você vê também a massa verde dali por dentro. (G2.C)



Mapa 21 - mapa da rota do percurso do mirante 7 no trecho CD. Fonte: própria, 2024.

1



Fig. 108

2



3



4



5



6



Fig. 108 - Conjunto de fotos percurso CD.7. Fonte: Google Street View, 2024.
Fig. 109, 110, 111, 112, 113 e 114 - Fotos no Mercado da Ribeira. Fonte: Daniela Vieira, 2024.



Fig. 109



Fig. 110



Fig. 111



Fig. 112

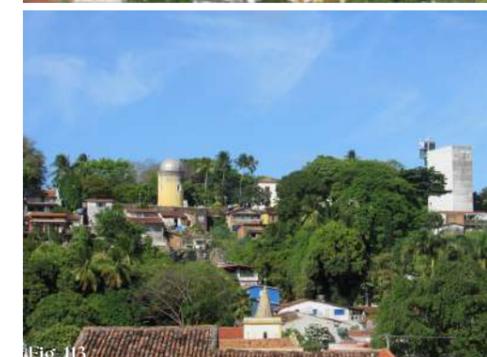
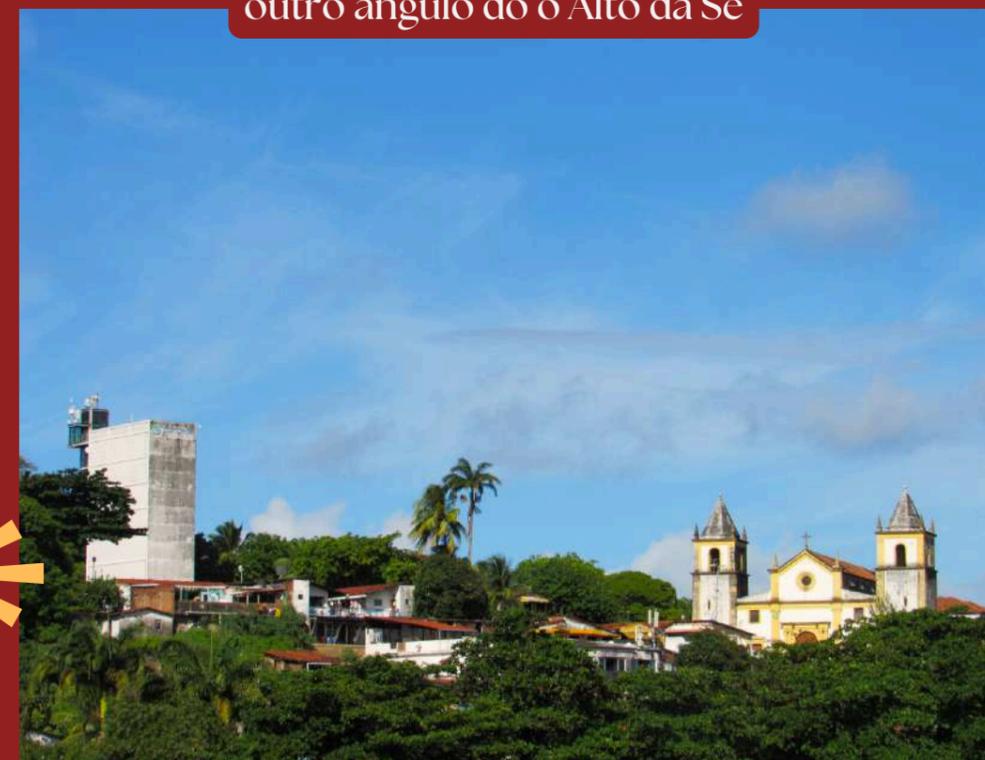


Fig. 113



Fig. 114

olhando para outro ângulo do o Alto da Sé



7 Percorrendo da Ladeira da Misericórdia até o Mercado Ribeira – Olhando para outro ângulo do Alto da Sé

A ladeira antes só avistada de cima para baixo, agora é percorrida, retomando a curiosidade despertada em seu topo, iniciando a experiência de uma descida acentuada, visualizando os Quatro Cantos novamente. Ao falar sobre os “*desníveis*”, Cullen (2018, p.179) sempre traz à tona e a relação de superioridade e inferioridade causada por aquela experiência, e algumas vezes cria metáforas e referências para explicá-la. Uma dessas remete a “doutrina do inferno ou do paraíso”, o que se revela no momento presente do percurso, pois o caminhante acabou de sair do alto sagrado da Sé, após ter passado e contemplado a Igreja da Misericórdia e o Convento da Conceição, e agora se encontra numa descida tão inclinada que parece que o empurra para baixo, em direção ao profano, aos festejos e bares dos Quatro Cantos. Apesar disso, essa segunda parada nos Quatro Cantos atua como um momento de respiro, de preparação e descanso, pois o transeunte acabou de descer uma das ladeiras mais íngremes do SHO e agora voltará a subir. O interessante na subida pela R. Bernardo Vieira de Melo é que logo após a saída dos Quatro Cantos ela faz uma curva angulada que esconde o que vem a seguir, em um movimento de “*deflexão*”, pela sensação de rotação que deflete a rua, insinuando sem se deixar ver, provocando também uma “*expectativa*” (Cullen, 2018, p.51) que desperta a curiosidade para se subir. Ao longo da rua, situam-se casarões e sobrados conservados e coloridos, incluindo o que abriga a sede da Sociedade Olindense de Defesa da Cidade Alta (Sodeca), que organiza os moradores como participantes ativos na conservação da cidade desde 1909.

Então, mudando a tipologia da rua formada por casas dos dois lados, chega-se num momento diferente: um mercado aberto de um lado e uma ruína histórica do outro. Esse ponto é especial pois ambos os bens retratam pontos marcantes da história da cidade. Falando primeiro da Ruína do Senado, ela é descrita como o ponto onde em 1710, Bernardo Vieira de Mello (que dá o nome à rua) deu o primeiro grito em favor da fundação da república, fato exposto numa placa em formato de estrela embutida na construção (Figura 115).



Figura 115 – Estrela na ruína do senado. Fonte: própria, 2024.

Em frente à ruína se abre o Mercado da Ribeira, em formato de U com características típicas das construções do período colonial, como pisos de tijolos, dois terraços na parte posterior, colunas e batentes de pedra. Nele eram comercializados produtos como carnes, peixes e gêneros alimentícios, e atualmente se houve muito a história de que também se vendiam escravos, fato inclusive comentado por 3 entrevistados (G1.B, G1.E e G3.B), mas que não é comprovado oficialmente. Entrar no mercado já é outra imersão no patrimônio imaterial da cidade, pois ali estão artesãos locais criando suas obras como paisagens entalhadas na madeira (Figura 116). Mas é seguindo cada vez mais para dentro do mercado que se avista um portão emoldurando uma grande vista. Nesse sentido, o olhar chama o caminhante para atravessar o portão e receber uma vista panorâmica do Sítio Histórico, que revela o Alto da Sé mergulhado na vegetação, o que descrevendo assim pode parecer a mesma visão que se teve na Igreja do Carmo, mas que é completamente diferente (Figura 117).



Figuras 116 e 117 – Artesanato no Mercado da Ribeira e vista da Igreja da Sé a partir dos portões do terraço da Ribeira. Fonte: própria, 2021.

Além de toda experiência vivenciada no processo de subida das ladeiras, inclusive já tendo percorrido a Sé, o sujeito agora observa aquela imagem em um nível acima do Carmo, proporcionando uma visão mais ampla e clara. A experiência do espaço ao observar uma paisagem aqui se revela nos detalhes, pois os elementos avistados são os mesmos (a Igreja da Sé, a Caixa d'Água e a vegetação), mas o ângulo traz uma nova perspectiva das construções as deixando mais expostas e imponentes em relação ao verde. Assim a proporção e relação dos elementos entre si compõem um novo conjunto de paisagem, apreciado em um ambiente também completamente diferente do anterior. No Carmo o ponto de pausa é em frente à Igreja, um ambiente aberto, com maior fluxo de pessoas, já na Ribeira se fixa um terraço, um balcão

íntimo escondido atrás da construção, sombreado por grandes árvores que completam a atmosfera intimista. Dali também é possível ver a própria Igreja do Carmo, emoldurada pelas árvores, retomando a sensação de se situar no espaço do percurso ao visualizar um ponto anterior.

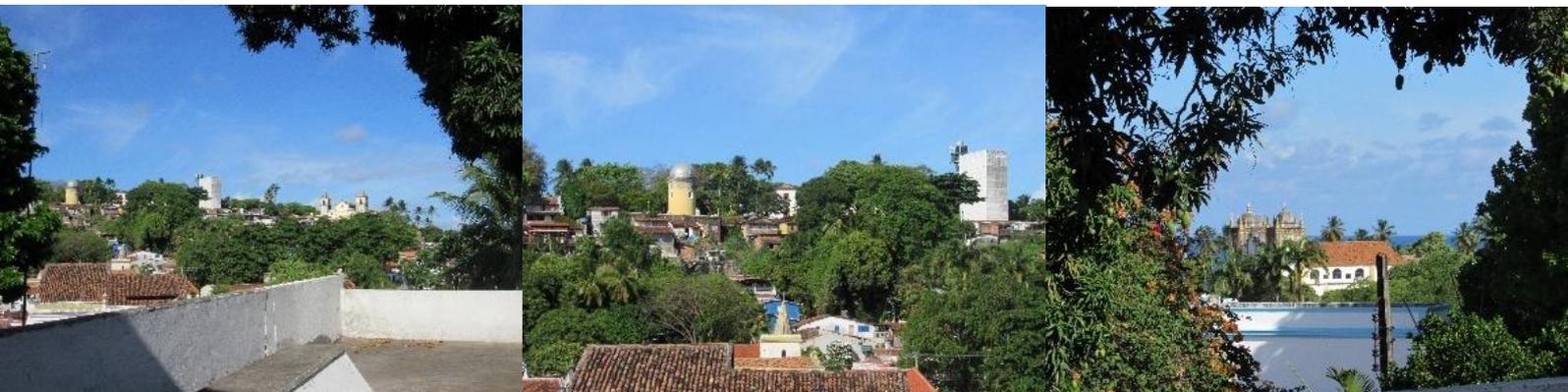


Figura 118 – Conjunto de fotos das vistas do terraço no Mercado da Ribeira. Fonte: própria, 2024.

A *pausa* proposta na Ribeira, pode ser considerada a mais íntima de todas, mais ainda que o balcão do Convento da Conceição, onde a paisagem incomum atíça os sentidos. No terraço do mercado são retratados elementos famosos, facilmente reconhecíveis e identitários, mas que ali são apreendidos através da calma, do isolamento naquele lugar escondido e sombreado, abraçado pela vegetação que permite visualizar detalhes e sentimentos daquela paisagem.

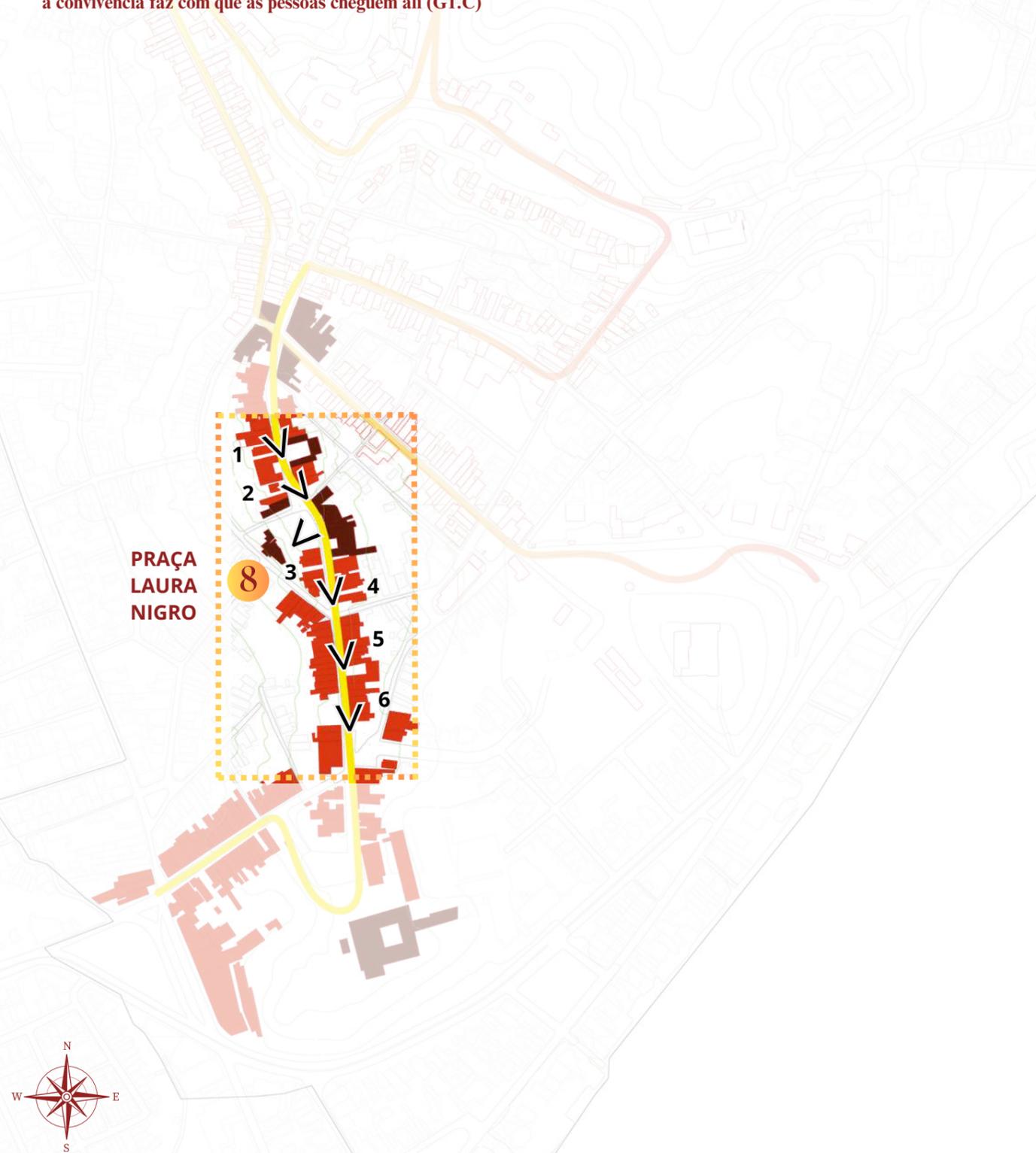
Sobre monitoramento de ameaças: Aqui se chama atenção novamente para a fiação nos Quatro Cantos, que antes era vista como um empecilho à vista do topo da Ladeira da Misericórdia, mas agora se volta para o outro “canto”, em direção à R. Bernardo Vieira de Mello. O problema é o mesmo, um amontoado pesado de fios que riscam a paisagem e interrompem a visibilidade do patrimônio.



Figura 119 – Conjunto de fotos da fiação exposta nos Quatro Cantos e Rua Bernardo Vieira de Mello. Fonte: própria.

8 percorrendo entre praças, da Praça Laura Nigro até a Praça da Prefeitura

se não fosse no sábado à tarde, o grupo dos Brincantes ali na Praça Laura Nigro, a gente não tinha aquele espaço ocupado. As pessoas iam passar direto na rua, e iam preferir não parar ali, porque é um lugar esquisito, porque não sei o que, por diversos motivos. Então quando você agrega aquele espaço, aquele mirante, as pessoas são atraídas primeiro pela atividade, pelo que tá acontecendo ali, e depois elas enxergam “poxa, que paisagem tem aqui”. Então elas são direcionadas a tirar uma foto, a ter um outro olhar, de absorver aquela natureza que tá ali, que não tem uma influência humana de uma atividade, então se você for de manhã ela tá ali, for de tarde ou de noite ela vai tá ali, mas a convivência faz com que as pessoas cheguem ali (G1.C)



Mapa 22 - mapa da rota do percurso do mirante 8 no trecho CD. Fonte: própria, 2024.

1



Fig. 120

2



Fig. 121

3



Fig. 122

4



Fig. 123

5

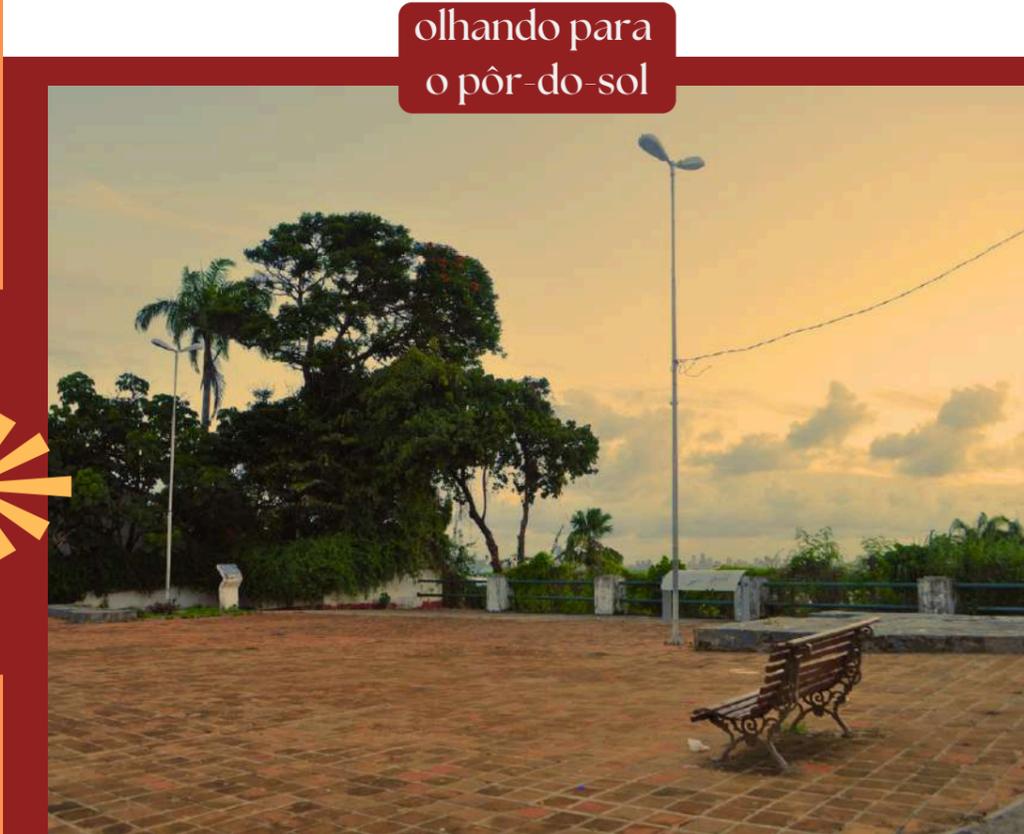


Fig. 124

6



Fig. 125



olhando para o pôr-do-sol



Fig. 121, 122, 123, 124, 125, 126, 127 e 128 - Fotos pelo percurso do 8º mirante. Fonte: Google Street View, 2024.

8 Percorrendo da Ladeira da Misericórdia até o Mercado Ribeira – Olhando para outro ângulo do Alto da Sé

Saindo do Mercado da Ribeira se introduz mais um espaço de convivência e contemplação: a Praça Laura Nigro. A simplicidade da praça se destaca. Ali não existem grandes igrejas, coretos ou bares, ela é um espaço plano e aberto, que faz fronteira com a Rua Treze de Maio, situada em um nível topográfico inferior, transformando essa pausa em um mirante natural. Possibilitada pela posição entre os dois níveis do relevo urbano, a vista é desobstruída, criando uma percepção espacial marcada pela sensação de amplitude. Na praça se percebe o céu ocupando quase todo o espaço da vista, um “*infinito*”, trazendo uma imensidão que transforma aquele olhar em uma experiência pessoal (CULLEN, 2018, p.52). Quem sabe seja por isso que a paisagem é “atormentada pelo infinito, e talvez, no fundo, esta insistência, esta presença transbordante do infinito no finito, seja a força mais íntima da experiência paisagística” (BESSE, 2006, p.VIII in VERAS, 2014, p.76). Um dos momentos mais especiais acontece ao entardecer, quando o sol começa a se pôr, mostrando que a passagem do tempo define diferentes paisagens também. A praça é orientada diretamente para o oeste, oferecendo uma visão completa do pôr do sol em uma experiência visual e emocional ímpar que toma a grande extensão de céu, transformando a sensação de “*exposição e isolamento*” em um momento de pausa íntimo (CULLEN, 2018, p.71).

Até a praça por exemplo, a Laura Nigro, a gente até vê o Recife de fundo, vê uma parte de Olinda, da Agamenon, mas não acho que mirar isso tenha sido tão proposital não, acho que vem mais da ideia do nascer ou se pôr do dia, a imagem fica ali quando a gente vê que o dia amanhece ou vai embora (G1.C)

Quando você sobe a Ribeira, em frente você vai ter uma praça, a Praça Laura Nigro, fizemos um trabalho arqueológico lá interessante, e você tem uma outra visada muito boa, mas que tem uma vegetação crescendo, um bougainville crescendo descontrolado, mas que com manutenção você tem uma visada muito boa. (G2.A)

Fora isso, aos protagonistas dessa paisagem são os habitantes do lugar que transformam este em um espaço vivo e dinâmico, pois sem eles aquele mirante provavelmente passaria despercebido por se tratar de um local vazio. Durante todo o ano, grupos culturais se apropriam animam o lugar, como os "Brincantes das Ladeiras", com suas aulas e ensaios de frevo ou os visitantes da Casa Criatura localizada no entorno. Durante o Carnaval, a praça se torna um ponto estratégico de encontro, é a sede do bloco "Eu Acho é Pouco", e abriga barracas de bebidas e comida, servindo como um local de descanso e encontro.

Esses espaços públicos onde havia aqueles convívios sociais, acabaram que foram perdendo espaço, não sei se pela insegurança, pelo desinteresse das pessoas, por muitas vezes não ter atrativo nenhum, e aí nisso acho que muitos desses espaços

acabaram perdendo a ocupação, de quem é dali, e dentro dessa ideia de ocupação, a gente começa a se limitar em áreas, por exemplo, se não fosse no sábado à tarde, o grupo dos Brincantes ali na Praça Laura Nigro, a gente não tinha aquele espaço ocupado. As pessoas iam passar direto na rua, e iam preferir não parar ali, porque é um lugar esquisito, porque não sei o que, por diversos motivos. Então quando você agrega aquele espaço, aquele mirante, as pessoas são atraídas primeiro pela atividade, pelo que tá acontecendo ali, e depois elas enxergam “poxa, que paisagem tem aqui”. Então elas são direcionadas a tirar uma foto, a ter um outro olhar, de absorver aquela natureza que tá ali, que não tem uma influência humana de uma atividade, então se você for de manhã ela tá ali, for de tarde ou de noite ela vai tá ali, mas a convivência faz com que as pessoas cheguem ali (G1.C)

Quem é atraído e repousa na Praça, consegue descobrir também seu entorno, que revela alguns pontos de vista diferentes, como ao entrar na casa onde se encontra o ateliê Artes do Imaginário, que representa muito bem as vistas que os proprietários têm nos quintais de suas casas, olhando para o Alto da Sé, que também pode ser visto através da Rua Pedro Monteiro que abre um espaço entre as casas em volta, revelando a visada (Figuras 129 e 130).

Você estando na Ribeira, no que hoje é a Praça Laura Nigro, que já foi a Igreja de São Pedro Mártir, tem uma rua que desce que vai pro Bonfim, que vai pra Prudente, que você olhando por ela, você vai ver a Sé sozinha, parece uma moldura de fotografia. Então você tem todos esses ângulos que estão escondidos para o olhar desatento (G2.B)



Figuras 129 e 130 – Vista através da Rua Pedro Monteiro para a Caixa D’Água e Igreja da Sé, respectivamente.
Fonte: própria.

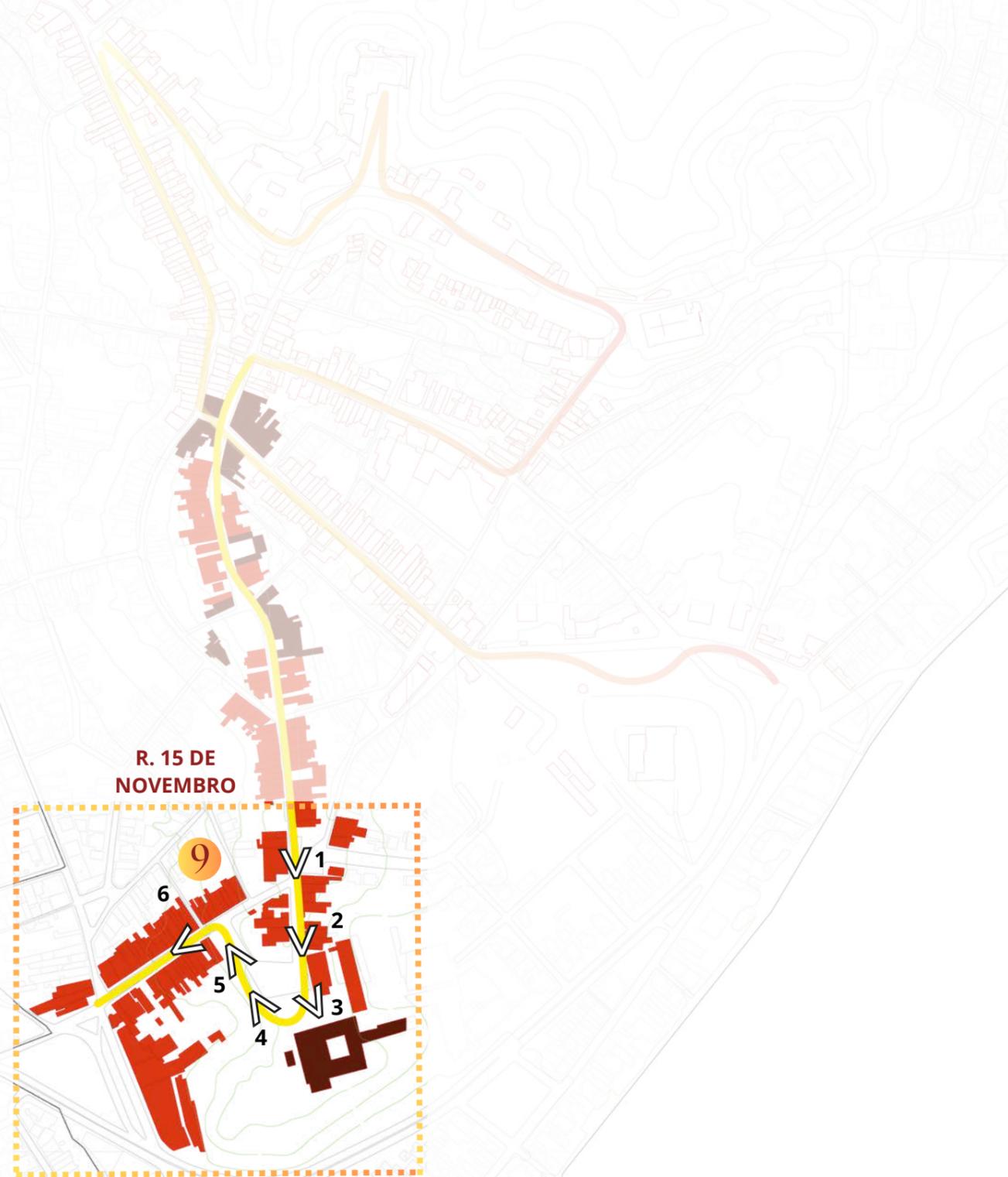


Figuras 131, 132 e 133 – Vista da Praça Laura Nigro, grupo dos “Brincantes nas Ladeiras” e vista de dentro da loja Artes do Imaginário para a Sé. Fontes: própria, 2024.

Saindo da Praça Laura Nigro, o percurso continua pela Rua de São Bento, repleta de casas bem conservadas e pintadas com cores vibrantes. À medida que o percurso avança, surgem as instituições de gestão, conservação e cultura, como o Arquivo Público Municipal Antônio Guimarães, que guarda os livros foreiros que receberam da UNESCO o título de Memória do Mundo ou como a Secretaria de Ciência e Cultura que antecede o prédio da própria Prefeitura da cidade. Chegando na Praça Monsenhor Fabrício, mais conhecida como Praça da Prefeitura, o pedestre percebe uma visada distante do mar, um lembrete sutil de que, apesar de estar imerso na cidade, a conexão com o litoral permanece presente, não no horizonte aberto, mas em um brilho remanescente ou a indicação do abismo distante (CULLEN, 2018, p.192). A praça em si, embora singela, desempenha um papel importante na dinâmica urbana e festiva de Olinda. O espaço junto com a famosa "Ladeira da Prefeitura", marca um dos principais acessos à parte alta da cidade durante o Carnaval, sendo o ponto de subida para os foliões que chegam do Varadouro em direção às celebrações no Sítio Histórico.

9 SAINDO pelo Mosteiro de S. Bento e R. 15 de Novembro ao Varadouro

O Mosteiro de São Bento... eu adoro tá ali. Quando eu quero me conectar comigo mesmo, com minha paz, minha tranquilidade eu vou pra lá ou de manhã ou fim de tarde, pra ver eles cantando cantos gregorianos, as laudas, as coisas, eu acho lindo (G1.C)



Mapa 23 - mapa da rota do percurso do mirante 9 no trecho CD. Fonte: própria, 2024.

1



Fig. 134

2



3



4



5



6



Fig. 134 - Conjunto de fotos percurso CD.9. Fonte: Google Street View, 2024.

Fig. 135 - Carnaval na R. 15 de novembro. Fonte: Revista Fórum, 2021.



Fig. 135

Fig. 136 - Altar da Igreja de São Bento. Fonte: SanctuariaArt, 2014.



Fig. 136

Fig. 137 - R. de São Bento. Fonte: Daniela Vieira, 2024.



Fig. 137

Fig. 138 - Mosteiro de São Bento. Fonte: SanctuariaArt, 2014.



Fig. 138

Fig. 139 - Varadouro. Fonte: Acervo desconhecido, disponível em Olinda Nossa, 2020



Fig. 139

olhando para o Recife



9 Percorrendo do Mosteiro de São Bento ao Varadouro

O olhar na praça da prefeitura é naturalmente direcionado ao Mosteiro de São Bento, que se mostra aos poucos, na “*visão serial*” (CULLEN, 2018), fazendo um convite silencioso para atrair o visitante para continuar o percurso e explorar a última parte da Rota. No adro do Mosteiro, o ambiente é de introspecção, paz e tranquilidade, um lugar silencioso pontuado pela igreja. Diversos entrevistados comentaram que o interior do mosteiro guarda uma vista belíssima, mas alguns também frisaram a importância daquele ambiente ser fechado ao grande público, portanto, se entendeu que ali dentro não seria o local para a última pausa da Rota.

O Mosteiro de São Bento... eu adoro tá ali. Quando eu quero me conectar comigo mesmo, com minha paz, minha tranquilidade eu vou pra lá ou de manhã ou fim de tarde, pra ver eles cantando cantos gregorianos, as laudas, as coisas, eu acho lindo (G1.C)

O Mosteiro de São Bento é sem dúvida o ponto mais bonito daqui. (G3.C)

Nós temos uma vista lindíssima ali no São Bento, onde foi a faculdade de direito, no fundo da igreja. Você entra pelo fundo da igreja e você sobre, e você tem uma vista, você olhando para o lado do Bairro dos Milagres, que é uma vista espetacular. Mas é um local de acesso restrito, não é pra turista. (G3.D)

Assim, saindo do íntimo no Mosteiro de São Bento, o percurso segue pela única outra rua daquele local (fora a utilizada para entrar no ambiente), que em seu fim revela a vista que se abre para a saída, no meio da ladeira 15 de Novembro, tão inclinada que transmite a sensação do sujeito estar flutuando no ar, observando a linha de casas históricas correndo em direção ao muro de prédios modernos no Recife. O ponto de vista para saída do Sítio compõe uma “*unidade cinética*” (CULLEN, 2018, p.149), na qual se une a ambiência do recinto histórico a um “*infinito*” (p.52) das edificações distantes.

O primeiro plano é formado pelas casas coloniais que se dispõem na ladeira como se pousassem nos degraus de uma escada, cada uma em um nível que marca a despedida do SHO. No segundo plano, a visão do Recife é praticamente completa, mas a cada passo dado, a cidade vai sumindo, transpondo pouco a pouco a distância que separa aquelas cidades, em “uma justaposição perfeita do próximo e do remoto, devido ao efeito de “*truncagem*” (CULLEN, 2018, p.39) que encerra a jornada pela rota.

E assim, encerra-se a proposta. Após todo esse percurso, é como se a cidade desvendasse alguns dos seus segredos. Olinda é uma cidade a ser vista, sentida, percebida e vivida através de suas ladeiras, em cada passo nas ruas de pedras, revivendo histórias antigas, e cada pausa

nos mirantes envolvendo o horizonte em um convite à contemplação. Ao caminhar por suas paisagens, o olhar e corpo se expandem, e a paisagem passa a pulsar com a vida daqueles que a percorrem, não apenas no icônico carnaval, mas durante todo o ano. Uma rota em Olinda tem um fim, mas um constante recomeço, onde a cada nova visita, um novo capítulo se escreve, e a experiência de estar nela se eterniza em quem a vive.

5.3 Outros lugares de relevância

Como anteriormente comentado e esperado, realmente não é possível abarcar Olinda em apenas 1 Rota, mas também é uma aflição descobrir e reconhecer tantos pontos importantes e nem ao menos citá-los. Portanto, nessa parte serão apresentados alguns dos locais, balcões ou percursos que não fizeram parte da composição dessa Rota. A ideia aqui não é de destrinchá-los ou algo do tipo, mas de apenas torna-os visíveis, reconhecendo a potência deles. Assim, dentre esses vários, apresentam-se em maior destaque a Igreja do Monte (Figura 140), bairro do Guadalupe (Figuras 141 e 142), dois lugares que tiveram sua importância e tradição fortemente reconhecidas. Pode parecer contraditório descobrir locais valiosos e não os acrescentar no trabalho, mas é justamente pelo valor que ambos ficaram de fora da Rota. Isso porque durante toda a pesquisa foram trabalhados conjuntos de paisagem, a relação entre diversos elementos naturais e humanos, e ao identificar os tais no Monte e no Guadalupe se percebeu que ficar fora da Rota valorizaria mais eles do que os inserir.



Figura 140 – Igreja do Monte. Fonte: Karla Vidal, [s.d].



Figura 141 e 142 – Rua do Guadalupe e Sede do Cariri Olindense, ambas no Bairro do Guadalupe. Fonte: Alcides Ferraz, 2011.

A Igreja de Nossa Senhora do Monte é a mais antiga da cidade, estando localizada após o Horto D'El Rey, no topo de outra colina tão alta quanto a do Alto da Sé, abrindo uma vista panorâmica em direção ao centro do SHO. Isso confere à igreja um ar intimista, bucólico, afastado de todo o movimento da área mais central, e muitos entrevistados falaram dela, num tom familiar:

Se fosse pra responder alguma coisa que eu queria preservada, eu acho que seria o Monte. Aquela praça na frente da igreja, pra mim é um desperdício a gente não ter uma coisa organizada e zelada pelo poder público, porque é uma comunidade carente que tem um espaço lindo, um mirante lindo, uma igreja que a mais antiga da cidade que tá em pé. [...] E eu não digo para os turistas, mas para os moradores poderem ir lá, ter uma festinha na praça, com aquela visão da cidade ali. Não vejo a necessidade de levar outras pessoas pra lá, eu digo assim, o espaço precisa de uma melhora, mas para as próprias pessoas do Monte viverem aquilo. (G1.C)

Mas mesmo alguns falando que acreditavam que seria benéfico tal local ser inserido na Rota, alguns outros e a própria pesquisa revelam que não. O objetivo da Rota não é apenas ser utilizada como uma ferramenta de percepção de paisagem, mas também como uma ferramenta para manutenção e conservação do Sítio Histórico. Portanto, entende-se que inserir tal lugar dentro do caminho criaria um fluxo de pessoas que talvez não fosse adequado para a escala da área, sendo uma melhor prática de preservação a manter de fora deste momento.

Tem vários lugares que a gente não vai, mas que também poderiam tá dentro como o Guadalupe, como o Rosário, a própria *Igreja do Monte*, que a vista de lá de cima também é espetacular. As pessoas esquecem muito do *Monte*, *Guadalupe*, do Rosário. (G2.B)

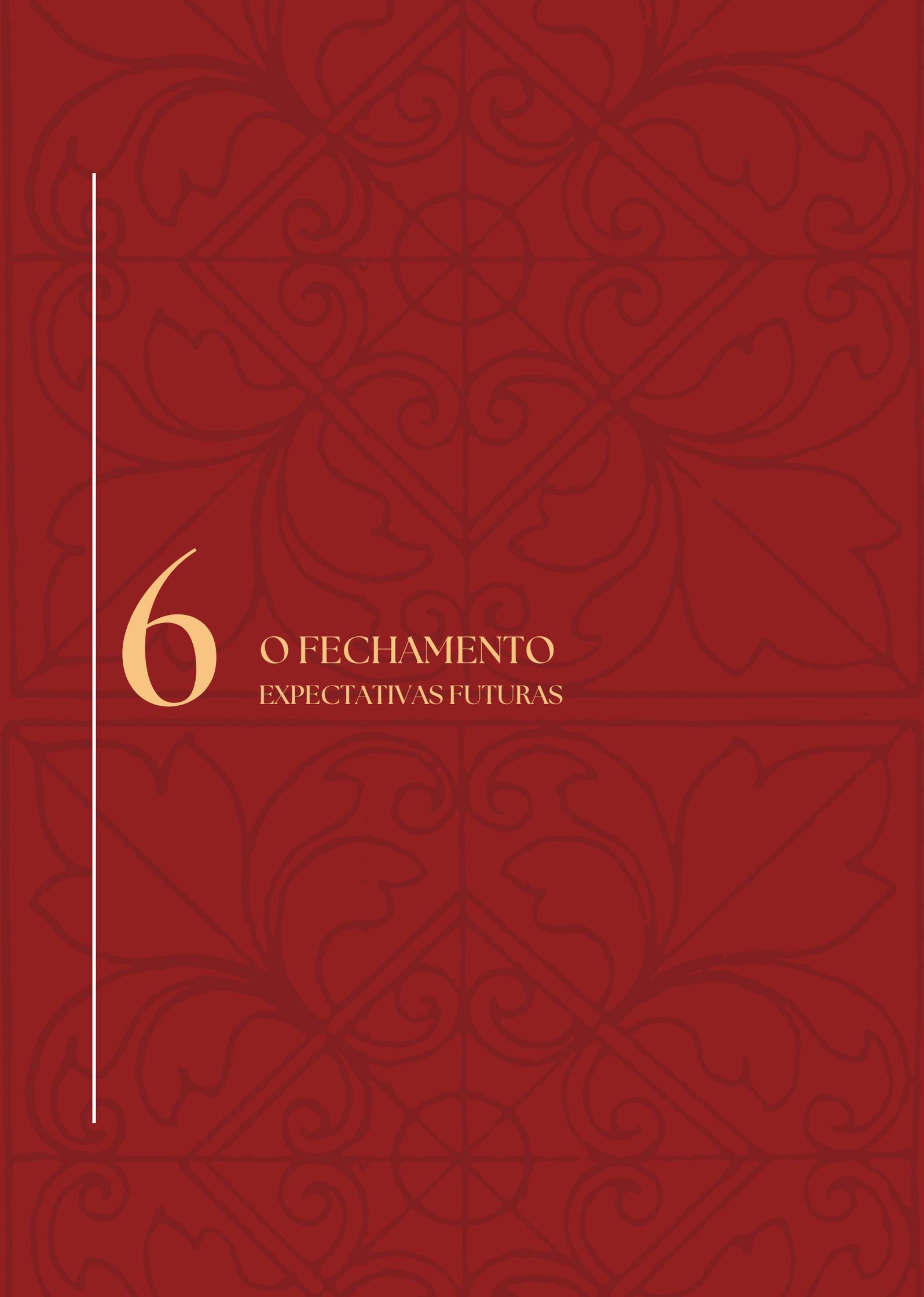
O outro ponto foi o bairro do Guadalupe, citado na Rota ao passar no Largo do Amparo, mas não explorado. Aqui, diferente do Monte, é um local com muitos fluxos e pessoas, então a

ideia de não acrescentar no percurso parte mais do respeito à comunidade local que tem naquele ambiente. É possível representar o bairro como se fosse a “casa” de Olinda, pois ao visitar alguém em sua residência, não se é adequado chegar sem avisar, primeiro são necessárias algumas informações se têm alguém em casa, se é preciso tirar os sapatos ao chegar ou talvez levar algum presente de visitação.

Acho que o Guadalupe. Queria que ele continuasse a ser ele. Com essas pessoas que moram lá. Pessoas que moram perto, que frequentam esse espaço. Acho que ali tinha que continuar a ser frequentado pelas mesmas pessoas. Ali é que dá o conjunto daquele lugar. Que dá a importância dele, essa interação muito preservada de pessoas do Sítio, pessoas populares. Acho que era importante ser preservado... Já foi tanta gente embora! Vamos manter essa galera aqui! Elas foram margeando essa população mais pobre que morava em Olinda, que foram colocadas nas margens. (G2.C)

Assim, a prática de conservar a cidade de Olinda também consiste em reconhecer o caráter residencial da cidade e a importância de preservar as pessoas que moram e constroem aquela cidade. A proposta de uma “rota do patrimônio” passa longe de ser um roteiro turístico em busca de lucro, mas abriga a vontade de aproximar verdadeiramente as pessoas daquela cidade, de despertar tanto nos visitantes como nos moradores o sentimento e acolhimento cultural que só o Sítio Histórico de Olinda proporciona.

Poucas cidades ainda [...] podem dar a quem passa a intimidade aquela de quem vive uma casa como outra matriz terna, habitando paredes, chãos de tijolo, telhas, rebocos que respiram anchuras, estreitezas, mais a porosidade das quartinhas de terra que à água dão o gosto do barro que nos era. (João Cabral de Melo Neto - A escola das facas, 1980)



6

O FECHAMENTO EXPECTATIVAS FUTURAS

No desenvolvimento da pesquisa, percebe-se a conexão intrínseca entre o Sítio Histórico de Olinda e a construção de sua paisagem, que compreende elementos naturais, elementos construídos e de forma especial, as pessoas. Esse é o conjunto que compõe esse patrimônio. Nesse sentido, foi interessante observar a força da imagem como recurso de reflexão para se extrair dos entrevistados aquilo que elegeram como paisagens que identificam Olinda e lhes emocionam, condição que ajudou a definir uma possível rota patrimonial. Outras poderão ser traçadas, a partir de outras perguntas e interesses, mas essa justapôs, inclusive, as representações iconográficas que também se refletiram nas respostas sobre percepção da população, demonstrando formas distintas de se compreender a paisagem da cidade. Assim, ao retomar as imagens escolhidas no questionário, fica evidente que os elementos documentados nos relatos históricos permanecem até hoje como referência de imagem de paisagem que identifica Olinda, destacando aquelas que compõem a sua paisagem patrimonial. Além disso, é significativo notar a inclusão de três imagens das entrevistas nas pausas da rota, que ilustram pontos de vista a partir dos mirantes, que enriqueceram o percurso. Além destas, as imagens restantes também se fazem presentes na rota e representam pontos do percurso entre os mirantes (Figuras 143 e 144).



Figura 143 – As 8 imagens do questionário, ressaltadas em cores as fotos que representam mirantes propostos na rota pelos entrevistados (mirante 6, 3 e 7 respectivamente). Fonte: própria, 2024.



Figura 144 – As vistas dos 9 mirantes da rota, em destaque com bordas amarelas as imagens que também apareceram no questionário (mirante 6, 3 e 7 respectivamente). Fonte: própria, 2024.

Dessa forma, acredita-se que a definição de uma rota, tendo sido construída dos estudos técnicos e da ausculta à população, pode ser um dos instrumentos da conservação do patrimônio, permitindo a valorização de determinadas visadas e percursos a serem especialmente protegidos. Assim, ao oferecer uma experiência de paisagem por uma rota traçada com esta finalidade, este percurso poderá auxiliar os gestores no processo de monitoramento para a conservação do patrimônio, cujo foco seja a paisagem. Alguns dos balcões de mirada, por exemplo, provavelmente necessitariam ser melhor adequados ao uso da contemplação, o que exigiria o desenvolvimento de projetos de Arquitetura da Paisagem que considerassem todos os condicionantes do que seja intervir em um sítio histórico. Espera-se, portanto, que os estudos aqui desenvolvidos transcendam a teoria e a escrita acadêmica, alcançando os gestores públicos que cuidam da conservação desse patrimônio das pessoas que experimentam a cidade, convidando-as a vivenciar esse patrimônio mundial. Por fim, espera-se que este estudo incentive a elaboração de outras rotas do patrimônio, como, por exemplo, da viva expressão

cultural afrodescendente, da riqueza de espécies nativas e dos bairros frequentemente deixados de lado, como o Amaro Branco, Monte e Guadalupe, reconhecendo as múltiplas faces do Sítio Histórico de Olinda.

Esta pesquisa não se encerra aqui, posto ter despertado um interesse por Olinda que certamente se desdobrará em outras pesquisas, para celebrar a sua paisagem, seu mar, suas igrejas e casario em meio a sua vegetação e seu carnaval, só entendido pela presença das pessoas.

Não chore, menina bonita, se Deus quiser,
te vejo na Marim guerreira dos Caetés,
de novo pra subir ladeira, te dou meus pés,
Olinda, Marim tão bonita dos Caetés.

(Marim dos Caetés, Alceu Valença, 1983).

REFERÊNCIAS

- ALBUQUERQUE, P. T. de S. **A práxis Arqueológica em cotas positivas e negativas do conjunto do Carmo – Olinda**. Suporte para implantação de um programa de restauração e conservação. IPHAN, 2007.
- BARRETO, Juliana Cunha; LIRA, Flaviana Barreto. **A valoração institucional do sítio histórico de Olinda sob o viés da História**. Arqtextos, São Paulo, ano 23, n. 266.03, Vitruvius, jul. 2022 <<https://vitruvius.com.br/revistas/read/arqtextos/23.266/8556>>.
- BERQUE, Augustin. **Paisagem, meio e história**. In: BERQUE, A. (Org.). Cinco propostas para uma teoria da paisagem. École d'Architecture de Paris-La Villette, Editions Champ Vallon, 1994. Tradução Vladimir Bartalini, (2012) para disciplinas da pós-graduação da Fauusp.
- BERQUE, A. **O pensamento-paisagem**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2023.
- BERTRAND, Georges. **Paisagem e geografia física global: esboço metodológico**. R. RA'E GA, Curitiba, n. 8, p. 141-152, 2004. Editora UFPR.
- BESSE, Jean-Marc. **O gosto do mundo: exercícios de paisagem**. Rio de Janeiro (RJ): UERJ, 2014.
- BRASIL. **Portaria nº 127**, de 30 de abril de 2009. Luiz Fernando de Almeida. Brasília, DF: 2009.
- CABRAL, Clara Bertrand. **Patrimônio cultural imaterial: convenção da Unesco e seus contextos**. Lisboa: Arte & Comunicação, n. 98, 2011.
- CAMPOS, Larissa Barcellos. **Do Asfalto Ao Mar**. Experiências de paisagem nos caminhos do Suá. UFES. Vitória - ES. 2017. Campos, Larissa Barcellos, 1988-C198d Do asfalto ao mar: experiências de paisagem nos caminhos do Suá / Larissa Barcellos Campos. – 2017. 118 f.: il.
- CARERI, Francesco. **Walkscapes. El andar como práctica estética**. Barcelona: Editorial Gustavo Gili, SL, 2009.
- CARVALHO, Mariana Ivens Oliveira Brito de Olinda, **Paisagem-postal: a imagem como linguagem e instrumento de apoio ao monitoramento do estado de conservação do patrimônio mundial**. Pesquisa PIBIC, 2021.
- CONVENÇÃO Europeia da Paisagem. Decreto n. 4/2005. Florença, 20 out. 2000.
- CONVENÇÃO para a Proteção do Patrimônio Mundial, Cultural e Natural. Conferência Geral da Organização das Nações Unidas para Educação, a Ciência e a Cultura, reunida em Paris, de 17 de outubro a 21 de novembro de 1972.
- CONVENÇÃO para a salvaguarda do Patrimônio Cultural Imaterial. 2003. https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000132540_por.
- COLLOT, Michel. **Pontos de vista sobre a percepção de paisagens**. In: NEGREIROS, Carmem; LEMOS, Masé; ALVES, Ida (Org.). Literatura e paisagem em diálogo. Rio de Janeiro: Edições Makunaima, 2012. p. 11-29.
- CULLEN, Gordon. **A paisagem urbana**. Lisboa: Edições 70, 2018.
- DELGADO, Luiz. **Parecer**. Recife, Sala das Sessões do Conselho Estadual de Cultura, 1974.

DET/DPHAN. Processo n. 674-T-62: **Proposta de Tombamento do acervo paisagístico — urbano — arquitetônico da Cidade de Olinda, Pernambuco**. Rio de Janeiro, DET/DPHAN, 1962.

DI MAIO, Sara; BERENGO, Cecília. **Nós somos a paisagem: como interpretar a Convenção Europeia da Paisagem**. Portugal, MAPa2012, 2011.

DIDI-HUBERMAN, Georges. **O que vemos, o que nos olha**. Tradução de Paulo Neves. São Paulo: Ed. 34, 1998, cap. 1 e 2, p.29-49.

ENDLICH, Angela Maria. **Território e morfologia urbana em pequenas cidades: o que revelam?** *Revista Geográfica de América Central*, v. 2, 2011, p. 1-14.

FREYRE, Gilberto. **Olinda: 2º guia prático, histórico e sentimental de cidade brasileira**. 5. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1980.

IPHAN. DEPAM. **Paisagem cultural**. Brasília: IPHAN, 2009.

LOIZOS, Peter. **Vídeo, filme e fotografias como documentos de pesquisa**. (p.137 - p.155). In BAUER, Martin W.; GASKELL, George (Ed.) **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. Petrópolis: Editora Vozes, 2008.

MENEZES, J. L. M. **Olinda: evolução urbana**. In: CARITA, H.; ARAUJO, R. (Coord.) Coleção de estudos universo urbanístico português – 1415-1822. Lisboa: Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses, 1998.

MENEZES, José Luiz Mota. **Olinda, Linda Forma De Construir Uma História Da Arte E Da Arquitetura**. IN Linda Olinda / Organizadora: Gisela Abad; Fotografia de Pedro Lobo; Textos de Edson Nery da Fonseca. et. al. – Recife: Caleidoscópio, 2011.

OLINDA. **Lei municipal nº 4849**, de 23 de julho de 1992. Dispõe sobre a legislação urbanística para os sítios históricos. Olinda, 1992.

DICIONÁRIO OXFORD LANGUAGES. *Oxford Languages*. [S.l.]: [s.n.], 2024.

PONTUAL, Virgínia; CAVALCANTI, Rafaela. **Abertura da Avenida Dantas Barreto: a modernização do centro do Recife, 1930 – 1970**. In: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA, XXII, 2003, João Pessoa. **Anais...** João Pessoa: UFPB, 2003.

RIBEIRO, Rafael Winter. **Paisagem cultural e patrimônio**. Rio de Janeiro: IPHAN/COPEDOC, 2007.

SANTANA, Michele dos Anjos de; SILVA, Joelmir Marques da. **A paisagem cultural a partir do elemento vegetal: o caso do Sítio Histórico de Olinda, Pernambuco, Brasil**. Boletim de Geografia. Maringá, v. 32, n. 1, p. 148-165, jan.-abr., 2014.

SILVA, Leonardo Dantas. **O'linda! O teu nome bem diz...** In: **Linda Olinda** / Organizadora: Gisela Abad; Fotografia de Pedro Lobo; Textos de Edson Fonseca. et. al. – Recife: Caleidoscópio, 2011.

SARAMAGO, J. **Ensaio sobre a cegueira**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

SIMMEL, Georg. **A filosofia da paisagem**. Tradução: Artur Morão. Covilhã: Universidade da Beira Interior, 2009 [1913]. Disponível em: http://www.lusosofia.net/textos/simmel_georg_filosofia_da_paisagem.pdf. Acesso em: 01 out. 2024.

TOLKIEN, J. R. R. O Senhor dos Anéis. Tradução de. Lenita Maria Rímoli Esteves. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

UNESCO. **Convenção para a Proteção do Patrimônio Mundial, Cultural e Natural.** Conferência Geral da Organização das Nações Unidas para Educação, a Ciência e a Cultura, reunida em Paris, de 17 de outubro a 21 de novembro de 1972.

VERAS, L. M. S. C. **Paisagem-postal: a imagem e a palavra na compreensão de um Recife urbano.** Tese. (Doutorado em Desenvolvimento Urbano), Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2014.

_____. **Carta da Paisagem das Américas:** um olhar sobre sua construção e desafios. Revista Brasileira de Geografia Física v.14, n.01, 2021, p. 455-478. DOI: <https://doi.org/10.26848/rbgf.v14.1.p455-478>.